



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**FILIFE ALBUQUERQUE MARINHO**

**A COPA DO MUNDO DE 2014. QUAL O REAL LEGADO? O CASO DE  
BRASÍLIA**

Brasília, DF  
Outubro de 2021

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE  
GEOGRAFIA**

FILIPPE ALBUQUERQUE MARINHO

**A COPA DO MUNDO DE 2014. QUAL O REAL LEGADO? O CASO  
DE BRASÍLIA**

Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade de Brasília como pré requisito para obtenção do diploma de graduação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Brasília, Distrito Federal

outubro de 2021

FILIFE ALBUQUERQUE MARINHO

## **A COPA DO MUNDO DE 2014 EM BRASÍLIA: QUAL O REAL LEGADO ?**

Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade de Brasília como pré requisito para obtenção do diploma de graduação.

### **Banca examinadora:**

---

Prof. Dr. Fernando Luiz Araújo Sobrinho, presidente -(Orientador),

---

Prof. Msc. Joesley Dourado Bastos (Examinador Externo)

---

Profa Msc Fernanda Serafim Alves (Examinadora Externa),

Aprovado em: 27 de outubro de 2021

Brasília, Distrito Federal

outubro de 2021

MM338c Marinho, Filipe Albuquerque  
A COPA DO MUNDO DE 2014. QUAL O REAL LEGADO? O CASO DE  
BRASÍLIA / Filipe Albuquerque Marinho; orientador Fernando  
Luiz Araújo Sobrinho. -- Brasília, 2021.  
130 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Geografia) --  
Universidade de Brasília, 2021.

1. Copa do mundo. 2. Megaeventos esportivos. 3.  
Geografia urbana. 4. Geografia esportiva. 5. Copa do mundo  
em Brasília. I. Sobrinho, Fernando Luiz Araújo, orient. II.  
Título.

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço enormemente a todos que de alguma forma contribuíram em minha trajetória escolar e acadêmica. Por muito tempo eu sequer sonhava em entrar na UnB, mas resolvi tentar, vi que eu tinha uma oportunidade e dela aproveitei-me. O destino é indecifrável e tento acreditar que sim há males que vem para um bem.

Minha família foi a minha rocha e foram muitos os sacrifícios feitos por eles para que eu chegasse até aqui, chamar alguns momentos de difíceis seria um eufemismo. Me dói o coração saber das pessoas que eu amo que infelizmente já partiram ao longo destes anos, queria que eles estivessem aqui neste momento.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus amigos Yuri Rodrigues e Lucas Garcia, a jornada e os dias na UnB foram bem mais interessantes com vocês ao meu lado. Tem mais gente da UnB que merecia aqui ser citada, como professores e outros colegas, mas provavelmente alguém ia acabar magoado por ficar de fora. De maneira semelhante agradeço aos meus amigos do Colégio Interativo e do Centro de Ensino Médio 03 da Ceilândia, que me deram suporte em momentos complicados, me incentivando a persistir nos meus estudos.

*“O mundo é formado não apenas pelo  
que já existe, mas pelo que pode  
efetivamente existir.”  
Milton Santos*

## RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar os impactos e os legados gerados pela Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil, com enfoque especial na análise de Brasília e suas peculiaridades e similaridades com outras sedes do evento. O conteúdo da obra foi elaborado através de pesquisa bibliográfica e documental. O Brasil vivia um momento de ascensão socioeconômica quando foi escolhido para sediar a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, e tinha-se a intenção de utilizar os megaeventos esportivos como uma ferramenta de consolidação da imagem do Brasil no exterior. Megaeventos são utilizados como instrumentos de capitalização política em diferentes contextos, porém como o contexto brasileiro se alterou, esses megaeventos acabaram se tornando um elemento negativo para as pessoas associadas a eles. Para se justificar os gastos com a Copa do Mundo e as Olimpíadas utilizou-se o “legado” que era associado a execução dos eventos, eram prometidos impactos positivos na infraestrutura do país, na geração de empregos, no fortalecimento do esporte nacional, impactos no turismo, etc. As transformações urbanas promovidas para o evento se vinculam a adoção de um tipo de governança urbana, o Empreendedorismo urbano. O setor turístico tem o seu impacto relacionado ao longo da obra, sendo o setor que mais recebeu recursos da iniciativa privada para o recebimento da Copa do Mundo de 2014. O principal impacto no esporte nacional foi a modernização dos estádios que sediaram jogos da Copa FIFA, ao longo da década os clubes conseguiram capitalizar mais com renda de bilheteria nestes novos e reformulados estádios, porém vários dos estádios não se adequam as realidades locais. As obras e projetos da Copa do Mundo tiveram como principal consequência nas sedes, a potencialização da especulação imobiliária. O projeto de Brasília era montado com o intuito de reforçar a centralidade já existente do Plano Piloto, as obras seriam pouco abrangentes para a população do Distrito Federal, enquanto outras sedes tomaram caminhos diferentes em seus projetos para a Copa do Mundo de 2014. A mobilidade urbana era o setor que mais se esperava ser impactado pelas obras governamentais para a Copa, todas sedes tinham projetos relacionados a essa questão, porém os projetos de Brasília nessa área não foram suficientes para o combate de mazelas históricas de Brasília nessa área, grande parte das obras não se concretizou por uma série de falhas nos projetos, sendo o VLT o caso mais notável dessa problemática, tais falhas e problemáticas ocorreram também em outros setores. O estádio Mané Garrincha foi reformado em um modelo desproporcional a realidade do Distrito Federal, os elevados gastos no estádio e o seu modelo não se adequem a realidade local e o futebol do Distrito Federal teve um legado inexistente através do megaevento. O estádio Mané Garrincha e o Aeroporto Juscelino são utilizados como elementos favoráveis a modelos de Parcerias Público Privadas.

**Palavras chaves:** Copa do mundo, Megaeventos esportivos, Geografia urbana, Geografia esportiva, Copa do mundo em Brasília.

## **ABSTRACT:**

This work aims to analyze the impacts and legacies generated by the 2014 FIFA World Cup in Brazil, with a special focus on the analysis of Brasília and its peculiarities and similarities with other venues of the event. The content of the work was elaborated through bibliographical and documental research. Brazil was experiencing a moment of socioeconomic ascension when it was chosen to host the 2014 FIFA World Cup and the 2016 Olympic Games in Rio de Janeiro, the intention was to use sporting mega-events as a tool to consolidate the image of Brazil in abroad. Mega events are used as instruments of political capitalization in different contexts, but as the Brazilian context changed, these mega events ended up becoming a negative element for the people associated with them. To justify spending on the World Cup and the Olympics, the "legacy" associated with the execution of the events was used, positive impacts on the country's infrastructure, job creation, strengthening of national sport, impacts on tourism, etc. were promised. The urban transformations promoted for the event are linked to the adoption of a type of urban governance, urban entrepreneurship. The tourism sector has its impact related throughout the work, being the sector with the most resources from the private sector to host the 2014 World Cup. The main impact on national sport was the modernization of the stadiums that hosted FIFA Cup games, which over the decade the clubs managed to capitalize more with box office income in these new and redesigned stadiums, but several of these stadiums do not fit the local realities. The works and projects of the World Cup had as main consequence at the headquarters, the potentialization of real estate speculation. The Brasília project was set up with the aim of reinforcing the already existing centrality of the Plano Piloto, the works would not be comprehensive for the population of the Federal District, while other venues took different paths in their projects for the 2014 World Cup. urban mobility was the sector that was most expected to be impacted by government works for the World Cup, all headquarters had projects related to this issue, although Brasilia's projects in this area were not enough to combat the historic ills of Brasilia in this area, most of the works it did not materialize due to a series of failures in the projects, the VLT being the most notable case of this problem, such failures and problems also occurred in other sectors. The Mané Garrincha stadium was renovated in a model that was disproportionate to the reality of the Federal District, the high expenses in the stadium and its model do not fit the local reality and the Federal District's football had a non-existent legacy through the mega-event. The Mané Garrincha stadium and the Juscelino Airport are used as favorable elements for Public-Private Partnership models.

**Key words:** World Cup, Sports Mega-events, Urban Geography, Sports Geography, World Cup in Brasília

## Lista de Figuras:

Figura 1 - Paulo Coelho, Dunga, Lula, Romário e Ricardo Teixeira, na escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 .....	17
Figura 2 - Comemoração da vitória do Rio de Janeiro como escolha da sede dos Jogos Olímpicos de 2016.....	18
Figura 3 - Abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim (2008) .....	22
Figura 4 - Abertura dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980).....	23
Figura 5 - Abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) .....	24
Figura 6 - Faixa em protesto contra a Copa do Mundo de 2014 .....	28
Figura 7 - Protesto com notas falsas de dólar, em coletiva de Joseph Blatter, presidente da FIFA na época .....	29
Figura 8 - Seleção Alemã protesta, contra as condições de trabalho nas obras para a Copa do Mundo de 2022 no Catar .....	29
Figura 9 - Opinião pública a respeito da Copa do Mundo .....	30
Figura 10 - Manifestantes na cobertura do Congresso Nacional em junho de 2013.....	31
Figura 11 - Estádio Moses Mabhida e arredores, em Durban África do Sul .....	35
Figura 12 - Abertura das Olimpíadas de 2016.....	45
Figura 13 - FIFA Fan Fest no Taguaparque, Taguatinga (DF) .....	45
Figura 14 - Renúncias fiscais para a Copa do Mundo de 2014.....	48
Figura 15 - Localidades mais visitadas durante a Copa de 2014 .....	55
Figura 16 - Novo estádio do Maracanã .....	59
Figura 17 - Maracanã lotado na final da Copa de 1950.....	61
Figura 18 - Cartaz da Copa do Mundo de 1950 .....	61
Figura 19 - Ranking de endividamento de clubes 2020 (Divida em milhões) .....	64
Figura 20 - obras abandonadas do Jardim Bule Marx.....	79
Figura 21 - A copa em 3km.....	83
Figura 22 - Mapa das principais obras previstas para a Copa FIFA 2014 no DF.....	85
Figura 23 - Estádio Nacional Mané Garrincha.....	86
Figura 24 - Aros Olímpicos iluminados no Mané Garrincha .....	87
Figura 25 - Estádio Degradado do Cave.....	92
Figura 26 - Estações construídas e previstas do Metro do Distrito Federal (2021).....	101

## Lista de Quadros:

Quadro 1 - Países que sediaram ou estão previstos para sediar a Copa do Mundo FIFA ...	16
Quadro 2 - Cidades e estádios sedes da Copa do Mundo de 2014 .....	57

## Lista de Tabelas:

Tabela 1 - Investimentos e as modalidades de gestão dos estádios, de cada sede na época do Copa do mundo de 2014.....	47
Tabela 2 - Somatório do impacto econômicos gerado pelos turistas domésticos durante a Copa FIFA 2014. (em reais).....	52
Tabela 3 - Número Total de Estrangeiros do Brasil.....	53
Tabela 4 - Turistas estrangeiros no país nos meses de Junho e Julho .....	53
Tabela 5 - Ranking de países com maior número de turistas no Brasil em junho de 2014... ..	53
Tabela 6 - Levantamento sobre a Movimentação Econômica no Turismo doméstico durante a Copa FIFA 2014 (em reais).....	54
Tabela 7 - Estimativas de Número de Turistas Domésticos e de seus Gastos na Viagem, no período da Copa das Confederações FIFA 2013. (em reais) .....	56
Tabela 8 - Estimativas de Número de Turistas Estrangeiros e de seus Gastos na Viagem durante a Copa das confederações FIFA 2013.....	56
Tabela 9 - Média de público da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de futebol masculino de 2010.....	64

Tabela 10 - Tabela 10: As 30 maiores médias de público do futebol brasileiro em 2019 .....	64
Tabela 11 - Quais das solicitações dos usuários do Metrô-DF deveria ser realizada primeiro (2018) .....	100
Tabela 12 - De Onde Vem os usuários do Metro-DF: .....	100

**Listagem de siglas, abreviações e nomes populares de maior relevância:**

AM - Amazonas  
Bezerrão - Estádio Walmir Campelo Bezerra  
BA - Bahia  
Brasileirão - Campeonato brasileiro de futebol  
BRT - Ônibus de trânsito rápido  
Candangão - Campeonato de futebol do Distrito Federal  
CBD - Confederação Brasileira de Desportos  
CBF - Confederação Brasileira de Futebol  
CE - Ceará  
COESP - Coordenação de Espaços Esportivos  
COI - Comitê Olímpico Internacional  
DF - Distrito Federal  
Estádio Cave - Estádio Cave Clube De Regatas Guará/Estádio Antônio Otoni Filho  
Estádio do Morumbi - Estádio Cícero Pompeu de Toledo  
FIFA - Federação Internacional de Futebol  
FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas  
FGV - Fundação Getúlio Vargas  
GDF - Governo do Distrito Federal  
GO - Goiás  
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
Maracanã - Estádio Jornalista Mário Filho  
Mineirão - Estádio Governador Magalhães Pinto  
MG - Minas Gerais  
MT - Mato Grosso  
Novacap - Companhia Urbanizadora da Nova Capital  
PA - Pará  
PR - Paraná  
PE - Pernambuco  
PPP – Parceria Público Privada  
RJ - Rio de Janeiro  
RN - Rio Grande do Norte  
RS - Rio Grande do Sul  
SC - Santa Catarina  
SELDF - Secretária de Estado de Esporte e Lazer do Distrito Federal  
SUBELE - Subsecretaria de Esporte, Lazer e Espaços Esportivos  
Serejão/ Boca do Jacaré - Estádio Elmo Serejo Farias  
SP - São Paulo  
VLT - Veículo leve sobre trilhos  
TCU - Tribunal de contas da União  
Terracap - Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal

## Sumário

Introdução .....	12
Seção 1 – Contexto Socioeconômico do Brasil no pré Copa e a Geografia dos Megaeventos.....	17
1.1 Um País que almejava consolidar a sua ascensão .....	17
1.2 Megaeventos: A chancela do sucesso de um país?.....	21
1.3 A Copa do mundo como instrumento político.....	24
1.4 O Legado da Copa e o Legado Olímpico .....	31
1.5 Modelos e estratégias de Governança e Planejamento Urbano.....	37
Seção 2 - Estratégias e os impactos dos Megaeventos no país .....	44
2.1 Empreendedorismo Urbano, a cidade como instrumento da reprodução do Capital.....	44
2.2 Megaeventos e o fomento do Turismo .....	50
2.2.1 Impactos no Turismo brasileiro durante a Copa FIFA 2014.....	52
2.3 A Copa e o Esporte local .....	57
2.4 A Copa do Mundo como ferramenta da Especulação e da Segregação .....	66
Seção 3 – Análise do projeto de Brasília – Peculiaridades e similaridades com as outras sedes .....	72
3.1 Escolha de Brasília como sede da Copa.....	72
3.2 Características Gerais do Projeto e de Brasília.....	74
3.3 Centralidades.....	79
3.4 Estádio Mané Garrincha e o Futebol de Brasília .....	86
3.5 Mobilidade Urbana.....	93
3.5.1 Metrô.....	99
3.5.2 Aeroporto .....	102
3.6 Rede Hoteleira e turística do DF .....	104
Considerações Finais.....	107
Referências.....	112

## Introdução

Esta monografia está estruturada em 3 seções, cada uma delas contendo elementos que se correlacionam e se complementam. Seu conteúdo foi produzido majoritariamente a partir de pesquisa bibliográfica, mas também se recorreu ao uso de pesquisa documental. As pesquisas bibliográficas são aquelas que são desenvolvidas a partir de materiais previamente elaborados, em especial a partir de livros e artigos científicos. Tal modelo tem a grande vantagem de permitir a investigação de uma ampla gama de fenômenos de maneira mais efetiva que a pesquisa individualizada por cada fenômeno. (GIL, 2012, p.50) Por serem materiais consolidados estes possuem boa confiabilidade.

Segundo Gil (2012, p.51); a pesquisa documental possui semelhanças com a pesquisa bibliográfica, a grande diferença entre elas se dá pela natureza das fontes, ou seja, a pesquisa documental utiliza materiais que ainda necessitam de um devido tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados em conformidade aos objetivos da pesquisa. Os documentos podem ser de primeira mão como: reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, documentos oficiais, fotografias, etc., ou de segunda mão tais como: relatórios de pesquisa, relatórios empresariais, tabelas estatísticas, dentre outros tipos de material que já tenham recebido algum tratamento prévio.

A primeira seção serve como contextualização histórica e socioeconômica do Brasil no momento pré Copa de 2014, nela também estão abordadas as questões referentes a Geografia dos Megaeventos, questões políticas e retóricas que levam um país a sediar um megaevento, a utilização do termo “legado” e aspectos sobre a compreensão de planejamento, gestão e administração urbana.

A segunda seção tem como objetivo a compreensão das estratégias e mecanismos proporcionados pela Copa de 2014 no país, a compreensão de aspectos do Empreendedorismo Urbano (Harvey) e como esse modelo se vincula as estratégias promovidas por megaeventos, abordando os impactos que os megaeventos exercem sobre os setores turísticos de suas sedes e os impactos que foram gerados pelos eventos no Brasil nesse setor, outro setor analisado é o futebol local e regional das sedes e como eles foram impactados pela Copa, além do setor imobiliário com enfoque especial na especulação imobiliária e como ela se vincula

ao megaevento.

A terceira seção aborda os impactos da Copa do Mundo em Brasília, nela traça-se a motivação de Brasília ter sido escolhida como uma das sedes, características gerais de Brasília e do projeto para a copa, diferenciações sobre modelos de centralidade, aspectos sobre a mobilidade urbana e as transformações vinculadas ao recebimento do evento, além do panorama do setor hoteleiro do DF.

Já se dispõe de uma literatura construída sobre a Copa de 2014 e sobre os impactos dos megaeventos no geral. Porém a pretensão aqui é de uma construção que seja multidimensional, não estando presa a apenas a um setor como o turismo ou esteja completamente focada em aspectos relativos a Geografia Urbana. Pretende-se minimamente compreender se os argumentos de defesa para a execução da Copa eram minimamente plausíveis, qual a natureza do “suposto legado”, se ele existe e caso seja inexistente qual a motivação disso. Procurando trazer elementos comparativos sobre Brasília e as outras sedes e compreender como ela foi realmente afetada pela Copa. Escrever sobre o tema após 7 anos do evento permite que tenhamos uma compreensão mais ampla dos efeitos do evento em um curto, médio e longo prazo, a maior parte da literatura sobre o tema se concentra entre 2012 e 2016, os anos seguintes podem reforçar algumas previsões ou ajudar na noção de supervalorização dos efeitos benéficos prometidos a priori.

Os megaeventos são objetos de estudo não só pela sua proporcionalidade de escala, os modos de engajamento destes eventos planejados são aspectos importantes a serem investigados, mas também devem ser igualmente investigadas a diversidade e a multiplicidade que compõe os megaeventos. (DAMO; OLIVEN 2013, p.11) Assim sendo até mesmo pode ser utilizado: “[...] o conceito maussiano de fato social total para descrever a mobilização dos torcedores em tempos de Copa do Mundo, um misto de festa, ritual e celebração que projeta o pertencimento à nação e a sociabilidade no espaço público para muito além do futebol.” (DAMO; OLIVEN, 2013, p.13 apud GASTALDO)

Podemos tipificar em cinco categorias os megaeventos, eles podem ser: **Esportivos** - Jogos e competições; **Culturais** - shows, exposições, mostras de arte, seminários, etc; **Ecológicos** - caminhadas, passeios, mutirões de limpeza; **Ligados**

**ao entretenimento e ao lazer** - gincanas, jogos e brincadeiras, Comercial - convenções, lançamento de produtos, feiras de negócio, especiais de datas comemorativas ou fatos históricos e evento de relacionamento como festas, reuniões familiares e encontros (ROMERO, 2011, p.9 apud RUBERT, PORTUGAL, 2010) O interesse principal aqui são os megaeventos esportivos, mas algumas outras categorias estão também inseridas minimamente ao longo das seções.

Os megaeventos esportivos inseridos nos reflexos da globalização e do avanço da mídia ganharam uma nova escala de influência e grandiosidade. Afinal: “O mundo de hoje na era técnico e científica em que vivemos, o que mais apreciamos é o aumento do tamanho dos objetos geográficos [...]” (SANTOS, 2011 p.8)

A Copa do Mundo de Futebol é classificada como sendo um megaevento esportivo, tendo uma grandiosidade em termos de público ampla participação internacional. Mudanças estruturais são por elas geradas e afetam o país e as cidades, a maioria delas decorrentes de exigências impostas pela FIFA, afetando positiva e negativamente a economia e finanças, política, mídia e TV, instalações esportivas e traços socioculturais do país anfitrião. (RIBEIRO, 2015, p.245; REIS, TELLES, DA COSTA, 2013, 583,584 apud Hall 1992)

Seja o COI, FIFA ou quem quer que esteja organizando um megaevento esportivo, o processo de decisão das cidades sedes se baseia geralmente em sua identidade cultural, mas também em interesses pessoais, além é claro da tentativa de manutenção do prestígio e das relações pessoais desenvolvidas pelas instituições promotoras com as elites. (ROMERO, 2011, p.16)

Segundo Ramalho; “Quando as cidades entram em uma disputa para sediar a Copa do Mundo, o principal argumento para justificar a iniciativa é que o megaevento deixa um legado, especificamente, as obras físicas resultantes, por serem nestas que justificam os maiores gastos com os recursos públicos.” (RAMALHO, 2012, p.12) Assim sendo se defendia que os legados podem ser tangíveis, como infraestruturas urbanas e de transporte que são passíveis de mensuração, ou de caráter intangível, em geral traduzido em consequências humanas. (ROMERO, 2011, p.19-29) Sobre a natureza dos legados:

[...] existe uma série de benefícios intangíveis associados a estes mega eventos. “Orgulho cívico, patriotismo, prestígio, melhoria do clima social, fortalecimento da identidade local, criação de laços sociais, diminuição de discriminação, incremento na participação esportiva com impacto na saúde pública e na inclusão social, melhoria dos serviços e de educação da população local [...] são pontos que devem ser considerados quando da análise de custo benefício desses empreendimentos (ROMERO, 2011, p.13 apud Golden Goal Sports Ventures, 2010)

O futebol é um elemento constituinte da cultura e da identidade nacional brasileira, relacionando se com questões étnico-raciais, políticas e de outras ordens. (SCHATZ, 2020) Ele pode ser visto como: “[...] metáfora privilegiada das nossas estruturas básicas” e que “estudá-lo é abrir um leque inimaginável de possibilidades temáticas, de trabalho, de pesquisa e de conhecimento” (SCHATZ, 2020, p.20, apud Murad, 1996, p.16) O Futebol assim sendo, pode ser estudado por várias perspectivas, ele é multidimensional, sendo ele esporte, ritos, espetáculos, paixão, etc. Mesmo tendo sido inventado na Inglaterra ele é um elemento vinculado a nossa imagem nacional, tanto quanto o carnaval e o samba. Considera-se também que o futebol promove sentimentos básicos de identidade nacional e identidade coletiva no país. (ORIGUELA, C. DA SILVA, 2014, p.82 apud DAMATTA, 1982, 1994).

É necessário lembrar que em cada país existem peculiaridades nas condições políticas, econômicas e históricas que tangem a origem, organização e os interesses pelo esporte. Tais peculiaridades moldaram as trajetórias e mudanças legais referentes ao futebol em cada localidade. (SCHATZ, 2020, p.104)

O futebol no Brasil também deve ser analisado pelo seu aspecto econômico, sendo um mercado multibilionário. Tanto que: “o volume total gerado pelo mercado nacional do futebol profissional, o que inclui clubes, Federações Estaduais e CBF, totalizou R\$ 6,5 bilhões no ano de 2018. (SCHATZ, 2020, p.27 apud SPORTS VALUE, 2019)

Quando se sedia um megaevento as cidades sedes assumem certos compromissos para a sua execução, “pressupõem obras de infraestrutura, como a construção ou reforma de aeroportos, estádios e instalações esportivas, o que implica um novo ciclo de construção e valorização do solo urbano na cidade-sede.” (ROMERO, 2014, p.8) Assim sendo, vários setores foram impactados pela Copa de 2014, Peliano (2014) descreve o perfil geral do que fora feito para o recebimento do evento no Brasil.

A recepção das 32 delegações de países de todos os continentes, além do contingente de torcedores e turistas que para cá acorreram, levou ao investimento na recuperação e reconstrução de estádios (arenas), vias de acesso, outros equipamentos urbanos essenciais no entorno dos centros esportivos, melhoria e adequação de hotéis, restaurantes, casas de shows e demais pontos turísticos, restauração e ampliação de portos e aeroportos. (PELIANO, 2014, p.13)

Para a copa de 2014 no Brasil, foram escolhidas 12 sedes nas cinco regiões do país. Cada uma delas com características próprias de desenvolvimento, gestão e planejamento. Cada um destas elaborou um plano de metas, estes que se distinguem pelas necessidades locais e regionais e pela visão de futuro que era vislumbrada para a cidade. (RIBEIRO, FUJITA, 2013, p.65) As modificações urbanas são de suma importância, porém os interesses da maior parte da população não são levados em conta assim sendo, as “camadas baixas” sofrem com efeitos deste tipo de evento, projetos de evacuação de bairros, além dos efeitos da especulação imobiliária advinda dos projetos, atingem a camada mais pobre da população, forçando cada vez mais a população se mudar para locais mais afastados e mais precários. (ROMERO, 2011, p.17,18)

Para tal evento: “A coalizão urbana formada para a realização do megaevento Copa do Mundo 2014 está baseada em uma luta por diferentes rendas e lucratividades, tendo como discurso principal a construção de “legados” e geração de emprego e renda. (A. DASILVA, 2014, p.24 apud Slavoj Žižek 2012, p.18) Cada um dos objetos construídos tem uma certa objetividade, afinal “os objetos fixos, fixados ao solo, são, como jamais antes houve, portadores de uma intencionalidade, exatamente porque estamos na era técnico-científica e os objetos são como jamais foram portadores de um conteúdo técnico que lhes atribui uma função precisa dentro da sociedade.” (SANTOS, 2011 p.8)

**Quadro 1 - Países que sediaram ou estão previstos para sediar a Copa do Mundo FIFA**

Uruguai	1930	Itália	1934	França	1938
<b>Brasil</b>	<b>1950</b>	Suíça	1954	Suécia	1958
Chile	1962	Inglaterra	1966	México	1970
Alemanha Ocidental	1974	Argentina	1978	Espanha	1982
México	1986	Itália	1990	Estados Unidos	1994
França	1998	Coreia do Sul e Japão	2002	Alemanha	2006
África do Sul	2010	<b>Brasil</b>	2014	Rússia	2018
Canadá, Estados Unidos e México			2026		

## **Seção 1 – Contexto Socioeconômico do Brasil no pré Copa e a Geografia dos Megaeventos**

### **1.1 Um País que almejava consolidar a sua ascensão**

Em outubro de 2007 o Brasil era confirmado como o país sede da Copa do Mundo de futebol masculino de 2014. A comitiva contava com a presença de Luís Inácio Lula da Silva presidente da República na época, além de uma série de outros políticos, incluindo 12 governadores e 2 ministros, de figuras notáveis do futebol e do presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O Brasil foi beneficiado por uma política de rodízio de continentes que era promovida pela FIFA e fora extinta após essa edição. (CANÔNICO, 2007, ESPN 2017) A competição retornava a ser realizada na América do Sul após 36 anos da edição de 1978 na Argentina e ao Brasil ela retornava após 64 anos da sua edição de 1950.

**Figura 1 - Paulo Coelho, Dunga, Lula, Romário e Ricardo Teixeira, na escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014**



Fonte: ESPN (2017)

Já em outubro de 2009 a cidade do Rio de Janeiro foi oficializada como a sede dos Jogos Olímpicos de 2016, em um processo em que a concorrência foi bastante ampla, contando em diferentes etapas com as cidades de Madri, Doha, Chicago, Tóquio, Paris e Los Angeles. Tal escolha foi recebida com festa na cidade do Rio de Janeiro, porém até hoje existem contestações e discussões a respeito desta escolha por parte das outras cidades. (JENNINGS 2014, GLOBO ESPORTE 2017).

Essas reclamações e questionamentos no entanto não tiraram a intenção destas cidades em sediar Megaeventos esportivos, Tóquio foi posteriormente escolhida para sediar os Jogos Olímpicos de 2020 (que só ocorreram em 2021 devido a pandemia de Covid-19), Paris será a sede dos Jogos Olímpicos de 2024, Los Angeles e Chicago podem vir a sediar jogos da Copa do Mundo FIFA 2026, esta que será sediada em conjunto pelo Canadá, Estados Unidos e México e Doha sediou o mundial de atletismo de 2019 e sediará jogos da Copa do Mundo FIFA 2022 que será realizada no Catar.

**Figura 2 - Comemoração da vitória do Rio de Janeiro como escolha da sede dos Jogos Olímpicos de 2016**



Fonte: Globo Esporte (2017)

O Brasil sediaria os dois principais megaeventos esportivos do mundo em um curto período de tempo. No momento da escolha do Brasil como sede de ambos, o país vivenciava um momento positivo no crescimento de várias taxas no âmbito socioeconômico, tendo nesta década taxas notáveis de crescimento do PIB do país, redução em taxas de pobreza e de fome e avanços em outras métricas sociais de suma importância. (PRONI, SILVA, 2012; PORTO, CÉRON, 2013, ALVES, 2008) Tanto que Soares (2013) indicava que:

Já é consenso referir-se que o Brasil, desde o início dos anos 2000, passa por um novo ciclo de desenvolvimento econômico, o qual vai mais além do simples crescimento, mas se configura como um novo modelo de desenvolvimento econômico. A partir de 2004, os seguidos anos de crescimento do Produto Interno Bruto e a ascensão de uma nova classe

trabalhadora consumidora elevaram o país a um novo patamar na hierarquia das nações. (Soares, 2013, p.202)

Do ponto de vista demográfico o Brasil vivenciava um momento bastante oportuno, com condições de superar mazelas históricas e postular uma nova posição na dinâmica político e econômica global, Alves apontava que:

Pelo lado demográfico, nunca na história do Brasil as condições foram tão favoráveis para romper com o círculo vicioso da armadilha da pobreza. Na primeira metade do século XXI, o Brasil vai ter uma população crescendo a taxas cada vez menores, com aumento da proporção de pessoas em idade de trabalhar e menores razões de dependência, com maior inserção feminina no mercado de trabalho e com um número crescente de homens e mulheres com maior escolaridade e, portanto, maior potencial produtivo. A queda da mortalidade infantil e o aumento da esperança de vida significam anos de vida mais longo e que podem se transformar em capital humano a serviço da elevação do padrão de vida e de aumento do capital social. O Brasil tem todas as condições para entrar em um ciclo virtuoso e se aproximar dos países mais desenvolvidos. (Alves, 2008, p.11)

A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, eram tidos como elementos constituintes da construção e consolidação, de um plano nacional de desenvolvimento e crescimento. Sendo que: “A economia brasileira vinha se expandindo a taxas relativamente altas e muitas obras (por exemplo, a modernização dos portos e aeroportos) já estavam previstas no Plano de Aceleração do Crescimento. Neste caso a Copa do Mundo ajuda a estabelecer um cronograma e a justificar certas medidas adotadas.” (Proni, Silva, 2012, p.2)

Sobre a utilização da Copa do Mundo e das Olimpíadas para a construção de um ciclo de desenvolvimento nacional, Fernandes expõe em especial a perspectiva do governo federal na época, afirmando que:

Nas condições enfrentadas pelo Brasil, o esforço de estruturação de um novo projeto de desenvolvimento nacional se confronta com pesadas heranças do período neoliberal anterior, que procurou amarrar o país aos circuitos globais de acumulação financeira – a aceleração e a intensificação dos investimentos em infraestrutura no contexto da organização dos megaeventos fortalece o polo dentro do governo, da economia e da sociedade brasileira, de forma a destravar os investimentos públicos e privados para inaugurar um novo e duradouro ciclo de desenvolvimento nacional. [...] (Fernandes, 2014, p.58)

Em geral os megaeventos são justificados pelos benefícios que estes trariam para os países e cidades sedes. “Os benefícios normalmente prometidos são: melhorias na infraestrutura de transporte, geração de empregos, estímulo ao turismo e boas perspectivas de negócios.” (PRONI, SILVA, 2012, p.3)

No Brasil se tinham projeções imbuídas de um otimismo, algumas previsões indicavam que seriam gastos mais de 22 bilhões em infraestrutura, e esses gastos associados a injeção de 11 bilhões de reais na economia brasileira durante o evento gerariam mais de 3 milhões de empregos nas 12 cidades sedes do evento. (PORTO, CERON, 2013, p.431)

Ainda neste contexto otimista se apontava que: “Provavelmente com as construções e infraestruturas construídas para o evento o Brasil possa avançar em uns 20 anos, somente sendo possível com um planejamento adequado do poder público para que não haja desperdícios.” (PORTO, CERON, 2013, p.443)

O Anuário do DF de 2010, traz também uma projeção positiva do cenário de crescimento econômico do país, no qual a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 eram apontadas como elementos basilares da seguinte projeção:

O governo federal estima que, dentro dos próximos cinco anos, o Brasil estará entre as cinco maiores economias do mundo. Três fatores sustentam essa projeção: a Copa do Mundo de 2014, as Olimpíadas de 2016 e o Pré-Sal. Esses três pilares, somados ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e ao programa Minha Casa, Minha Vida, devem provocar o crescimento da taxa de investimento em relação ao PIB dos atuais 17,7% para 25%, conforme preconiza o Banco Central. Somente a Copa do Mundo de 2014 demandará investimentos de 155 bilhões. (Anuário do DF, 2010, p.225)

A compreensão da real dimensão dos impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas, possuem uma série de complicações, vários dos aspectos não possuem uma real mensuração, nem sempre podendo ser imputada relações de causalidade entre os eventos e fenômenos ocorridos nas cidades.

É necessário ressaltar que sobre o real impacto dos investimentos e a coerência de sua natureza, já haviam uma série de críticas e pontuações importantes sobre o real impacto social que os megaeventos possuem. Tanto que ainda nos Jogos Panamericanos de 2007 no Rio de Janeiro, um evento de menor porte em comparação a Copa do Mundo e as Olimpíadas, inserida dentro de um contexto de ascensão socioeconômica que o Brasil vivia na época, Mascarenhas apontava que:

Para quem se propõe a analisar este processo em sua amplitude, o primeiro questionamento suscitado se direciona ao retorno social dos investimentos públicos. Questionamento particularmente importante numa cidade cuja estruturação interna é historicamente marcada pela exclusão socioespacial, e que ainda em nossos dias apresenta uma gama lamentável de problemas

crônicos de habitação, saneamento, transportes, infraestrutura médico-hospitalar, dentre outros. (Mascarenhas, 2007, p.2)

Um dos argumentos utilizados pelo Rio de Janeiro para a sua escolha como sede dos Jogos Olímpicos de 2016, era o reaproveitamento de estruturas esportivas construídas para os Jogos Panamericanos de 2007 na cidade, como o Estádio Olímpico João Havelange, que posteriormente foi rebatizado como Estádio Olímpico Nilton Santos.

## **1.2 Megaeventos: A chancela do sucesso de um país?**

O Brasil vivia um momento de notável ascensão econômica, para consolidar a sua imagem no exterior foram desenvolvidas uma série de estratégias e uma das principais foi a aposta no sedimento de megaeventos. Tanto que Mascarenhas destaca que: “Sem dúvida, organizar megaeventos esportivos tornou-se uma meta explícita de política pública e externa no Brasil, com profundo impacto sobre a gestão e qualidade de vida nas cidades.” (Mascarenhas, 2015, p.10)

Um evento como a Copa do Mundo ou as Olimpíadas tem um enorme poder atrativo midiático era, portanto, visto por membros do governo, mercado e da sociedade em geral como uma forma de fortalecer a imagem da nação brasileira ao redor do globo. Tanto que Fernandes aponta que; “Sob olhares do mundo inteiro, o Brasil procurará consolidar a imagem de país moderno e democrático, com diversidade cultural e capacidade de organização, pleno de atrações turísticas espalhadas por um território continental” (Fernandes, 2014, p.64).

Dentro da lógica competitiva na qual nações e cidades se inseriram, (HARVEY, 2005) estes eventos fortaleciam a imagem das cidades e do país perante ao mundo, gerando assim atrativos importantes para que estes se mostrassem como locais ideais para investimentos e empreendimentos. Fernandes afirma, porém, que: “A motivação do Brasil para sediar a Copa do Mundo e as Olimpíadas – os dois maiores eventos esportivos e midiáticos do planeta – não foi obter a aprovação mundial como anfitrião de grandes eventos, ou passar nos testes de logística e organização, embora sejam quesitos de fundamental importância.” (Fernandes, 2014, p.57).

Tanto a Copa do Mundo quanto a Olimpíadas traziam uma espécie de selo de aprovação, uma consolidação do novo status perante a lógica global, a qual estas

idades haviam alcançado, eram vistos portanto como uma excelente arma de autopromoção e marketing (PILÃO, 2016, p.4 apud BROUDEHOUX, 2010) Esta lógica se encaixou com o momento de desenvolvimento em que o país se encontrava, afinal Ferreira aponta que: “Externamente, os países em desenvolvimento mas em ascensão no cenário econômico mundial, usam os megaeventos esportivos como vitrines de seu “sucesso” econômico.” (Ferreira, 2014, p.11)

O caso recente mais emblemático deste tipo de fenômeno, foi a execução dos Jogos Olímpicos de 2008 pela China, a magnitude dos investimentos e o caráter simbólico dos Jogos foram utilizados pela China como uma das ferramentas, das quais ela se utilizou para firmar a sua posição de Superpotência Global. (Ferreira, 2014) Broudehoux ao abordar esse aspecto simbólico aponta que: “[...] A imagem neo olímpica de Pequim corporifica a recente reconfiguração do Estado chinês, marcada pela integração do poder político e econômico e pela ascendente soberania dos atores econômicos. [...]” (Broudehoux, 2011, p.40)

**Figura 3 - Abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim (2008)**



Fonte: G1 Globo (2008)

Shambaugh faz uma síntese de vários aspectos deste megaevento, segundo ele:

Talvez o melhor exemplo até o momento em que a China se exibiu para o mundo foram os Jogos Olímpicos de 2008. Os jogos foram transmitidos pela televisão em todo o mundo; o público em todo o mundo assistiu às impressionantes cerimônias de abertura e encerramento, e os excelentes atletas da China ganharam o maior número de medalhas de ouro. Posso

atestar que não apenas os eventos esportivos dentro do Estádio Olímpico “Ninho de Pássaro” de US \$ 500 milhões, do Cubo d’Água e do Parque Olímpico atraíram grandes multidões, mas a cidade-sede de Pequim também se beneficiou muito. O governo investiu impressionantes US \$ 30 bilhões na atualização da infraestrutura e no aprimoramento da cidade, e um total geral de US \$ 42 bilhões na hospedagem dos jogos. Foi uma exibição totalmente impressionante. (Shambaugh, 2013, p.192, tradução nossa)

De forma semelhante o Brasil almejava, que os seus Megaeventos, fossem um marco da nova posição que o país tinha na lógica global capitalista. Assim sendo: “No Brasil, o empenho do presidente Lula na candidatura para a Copa e as Olimpíadas diz muito sobre o papel estratégico desses eventos para a imagem de um país. Trata--se de posicionar-se no capitalismo financeiro global como um “bom lugar para investimentos”. [...] “. (FERREIRA, 2014, p.11,12)

O caráter espetacular dos megaeventos, além de ser uma forma de marcar a presença do Estado nas paisagens de suas cidades, era uma estratégia para atração de investimentos, sendo um grande instrumento do marketing externo e interno da imagem de país, que o Brasil tentava consolidar na época. (BROUDEHOUX, 2011, FERREIRA, 2014) Afinal: “Em anos mais recentes, governantes capitalistas de um lado ao outro do espectro político, de François Mitterrand a Tony Blair e Hu Jintao, redescobriram o poder da arquitetura espetacular, não só para imortalizar sua liderança, mas também para garantir uma posição na economia mundial.” (BROUDEHOUX, 2011, p.41)

**Figura 4 - Abertura dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980)**



Fonte: Olimpíada Todo Dia (2020)

**Figura 5 - Abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984)**



Fonte: Lei em Campo (2020)

### **1.3 A Copa do mundo como instrumento político**

Compreender o caráter político que permeia um megaevento como a Copa do Mundo de 2014 é de suma importância. Para que a copa ocorresse era necessário que fosse construída, uma forte e complexa rede de integração e articulação, entre interesses e demandas políticas e econômicas, articuladas em várias escalas, permeando não só as escalas locais e regionais, mas também as escalas nacionais e global. (VAINER, 2014)

Essa rede complexa e multiescalar afetou todas as escalas e âmbitos políticos do país, sendo que os volumosos recursos envolvidos estavam submetidos ao interesse de grupos restritos. Demonstrando estes aspectos, Vainer faz os seguintes apontamentos:

Observou-se uma estreita solidariedade entre os governantes dos três níveis federativos, independentemente de suas filiações partidárias. A União irrigou estados e municípios com recursos diretos ou financiamentos favorecidos do BNDES. Cabe mencionar ainda a presença de grandes corporações nacionais e estrangeiras na maioria dos contratos públicos, expressando a constituição de verdadeiros cartéis estruturados em torno da Fifa e do COI. (Vainer, 2014, p.75)

Os megaeventos possuem características que atraíam os interesses políticos, neles se encontravam capital político a ser ganho, (BROUDEHOUX,2010) afinal tanto o COI quanto a FIFA construíram uma narrativa positiva sobre a execução de seus eventos, associando valores que são vistos como positivos pela sociedade, vindos da

noção de disputa esportiva justa e também valores como os de competitividade e honra que são muito bem vistos pela lógica empresarial que se fortaleceu na gestão pública (OLIVEIRA, 2014) Os municípios e estados se interessam, pelos altos recursos que são alocados para a execução das obras, o caráter de urgência gerado pelo prazo estipulado para a execução do evento, era visto como uma forma dos governos de ultrapassarem uma série de burocracias que normalmente estes governos encontrariam, ao tentar executar planos de reestruturação e adequação de suas infraestruturas urbanas (BROUDEHOUX, 2010, ROMERO, 2011)

Assim sendo: “A “Estratégia Megaevento” não é uma novidade, mas passou a ser mais utilizada com o aumento da competição global, principalmente em um contexto onde há cortes no repasse de recursos do governo central para as administrações locais.” (ROMERO, 2011, p.26)

A confluência de diversos agentes políticos e econômicos envolvidos com a execução dos megaeventos, formaram ou consolidaram uma série de coalizões de poder. Sobre essas coalizões, Junior (2015) afirma:

Ao mesmo tempo, essas novas coalizões de poder só se viabilizariam politicamente por meio de alianças locais com outras forças políticas, envolvendo, portanto, de forma subordinada, grupos e práticas clientelistas, patrimonialistas, corporativistas e até setores progressistas. A realização dos megaeventos esportivos se constitui em momento privilegiado para legitimar essas coalizões de poder e os modelos de governança empreendedorista neoliberal. (Junior, 2015, p.31)

O Brasil se submeteu aos interesses das instituições, uma série de regulações e instrumentos jurídicos foram criados, dentro destes ficava claro o forte distanciamento do discurso do legado e do real atendimento dos interesses das demandas locais e regionais, em função do atendimento das vontades e demandas da FIFA e do COI e de suas respectivos parcerias comerciais. As benesses econômicas destes eventos pouco chegariam a afetar diretamente a população a qual se prometia. (FERREIRA, 2014; OLIVEIRA, 2014; VAINER, 2014) Oliveira afirma então que: “a estratégia adotada é a transferência de responsabilidade financeira para cidades e países-sede, através de rigoroso controle político e jurídico sobre esses territórios.” (Oliveira, 2014, p.30)

A Lei Geral da Copa (12. 663/12) é um exemplo, deste mecanismo de controle jurídico que fora exercido sobre o Brasil e de como estes restringiam a um grupo de

seletos interessados, o aproveitamento das atividades econômicas desenvolvidas nos ambientes dos jogos. Sobre ela Porto, Ceron apontam que:

A realização deste evento não irá gerar ganhos para a população em um todo e para afirmar basta realizar uma interpretação da lei 12. 663/12 (Lei Geral da Copa) que dispõe sobre as medidas relativas à Copa do Mundo FIFA 2014. A lei em questão aborda uma série de empecilhos, constituindo o direito de patentes e de exclusividade comercial à FIFA e o monopólio de mercados, dando prioridades de apenas alguns poucos auferirem renda com o evento.

Segundo o Art. 11 da “Lei Geral da Copa” estão terminantemente vedados à possibilidade de trabalhadores informais auferirem renda em uma área de 2 km em torno do evento. Tal prática mostra a força das empresas multinacionais e a forma com que a FIFA está interferindo para que o monopólio das empresas parceiras predomine em território nacional. (Porto, Ceron, 2013, p.443)

Essas regulações eram extremamente problemáticas, estando em completa dissonância jurídica com vários princípios legais do Brasil e dos municípios sedes da Copa do Mundo de 2014. Sobre este aspecto legal, Vainer faz as seguintes pontuações:

Interessa-nos, neste ponto, chamar a atenção para a criação de regras ad hoc que geram descontinuidades no espaço legal da cidade e promovem a “cidade de exceção”. O caso que ganhou maior notoriedade foi o da Lei Geral da Copa, que viola abertamente o Estatuto do Torcedor e o Código de Defesa do Consumidor ao autorizar o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios e favorecer monopólios comerciais e vendas casadas ilegais. Subsídios e favores fiscais, o Regime Diferenciado de Contratações, proteções especiais às marcas da Fifa e do COI e liberdade aos municípios e estados para se endividarem além dos limites autorizados pela Lei de Responsabilidade Fiscal são outras tantas aberrações legais. (Vainer, 2014, p.73,74)

Junior (2015) reforça esse aspecto da subjeção jurídica dos entes públicos as vontades de agentes externos, em especial ao COI, FIFA e seus parceiros. Segundo ele:

[...] percebe-se que o conjunto de medidas adotado expressa um padrão de intervenção subordinado aos interesses privados e a lógica do mercado, na medida em que o poder público adota canais decisórios sem participação e controle social e leis que atendem aos interesses dos grandes agentes econômicos tais como verificado no caso da criação de áreas de comercialização exclusiva controladas pela FIFA, pelo COI e pelos seus patrocinadores. (Junior, 2015, p.30)

O marketing criado sobre o evento associado a sua magnitude, e a estes mecanismos de controle garantem que as instituições promotoras dos eventos e os seus parceiros saiam mais do que satisfeitos com os altos rendimentos que a eles são destinados, porém esse rendimento não atende e não se direciona a sociedade que

teve altíssimos investimentos necessários para a execução destes eventos. Para atender ao “padrão FIFA” se ignorou então o que era mais adequado as realidades locais. (OLIVEIRA, 2014)

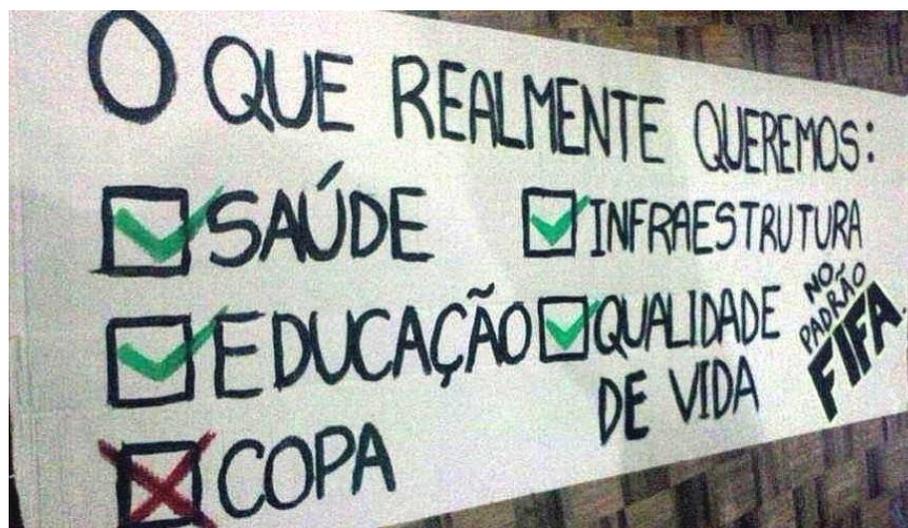
Inicialmente fora construída uma narrativa positiva sobre a Copa do Mundo ser sediada no Brasil, afinal era necessária a construção de uma rede de agentes distintos (VAINER, 2014) porém o forte caráter contraditório da execução deste evento, aliado a uma nova retórica e momento político, alteraram a percepção de vários setores a respeito deste evento. Tanto que: “Setores empresariais e midiáticos que de início festejaram os prováveis negócios engendrados pelos megaeventos tornaram-se preocupados com a má qualidade da educação, da saúde ou dos transportes, repetindo um apropriado *slogan* de rápida aceitação por parte da opinião pública menos politizada: “Imagina na Copa”.” (FERREIRA, 2014, p.15)

Era evidente o caráter contraditório que se tinham nesses processos, afinal concentraram-se altos gastos em obras e planos que não necessariamente gerariam um impacto positivo para a população, enquanto essa mesma população enfrentava graves carências infraestruturas em suas cidades e uma série de mazelas socioeconômicas não solucionadas. Ferreira expõe aspectos importantes para uma análise desses aspectos, afirmando que:

Nesse ambiente crítico, era natural que se questionasse a insensatez dos gastos com os megaeventos. Em um país ainda pobre apesar de muito rico (o que caracteriza a modernização conservadora e a condição de subdesenvolvimento), com indecente concentração da renda, em que as políticas públicas mostram-se constrangedoramente ineficazes, a concentração de recursos públicos nos equipamentos da Copa revelou-se incoerente e antagônica com o próprio discurso governista oficial de acabar com a pobreza no país. (Ferreira, 2014, p.13)

Essa incoerência entre discurso e prática acabou sendo cobrada pela sociedade (MARICATO, 2013, FERREIRA, 2014, OMENA, 2015), porém a maneira em que isso se durante a Copa das Confederações de 2013 merece especial destaque. Sobre estas cobranças, Vainer expressa que: “Os milhões de pessoas que têm ido às ruas desde junho de 2013, por sua vez, reclamam que, em vez de estádios e obras luxuosas no “padrão Fifa”, os investimentos deveriam ser feitos para atender a necessidades básicas da população: saúde, educação, saneamento básico etc.” (Vainer, 2014, p.72)

**Figura 6 - Faixa em protesto contra a Copa do Mundo de 2014**



Fonte: Politize! (2016)

A FIFA ao longo das últimas décadas protagonizou uma série de escândalos de corrupção, esses são múltiplos: vários de seus membros já foram apontados e indiciados como receptores de propinas; contratos escusos a respeito de direitos de transmissão dos eventos geraram disputas judiciais internacionais; denúncias e processos a respeito da aquisição e venda ilícitas de ingressos. O COI também foi vinculado a processos problemáticos semelhantes. (JENNINGS, 2011, 2014) Em 2012, a entidade reportou em relatório financeiro, ter tido 448 milhões de dólares em despesas investidas para a Copa do mundo de 2014, parte dos gastos foram tipificados como gastos de viagens, gastos de operacionalização de ingressos e de transmissão televisiva do evento, 36 milhões de dólares eram destinados ao Comitê Local da Copa que era operado pela CBF e outros 330 milhões ficaram com atribuição dúbia e vaga, sendo tipificados apenas como “despesas com eventos relacionados”.(FLAURY, 2012) Tal falta de clareza e transparência só reforça as dúvidas que eram e ainda são postas a respeito da idoneidade da FIFA.

Houveram também denúncias, processos legais e prisões motivadas pela compra e venda de votos, nas escolhas das sedes das copas: de 2006 na Alemanha, 2010 na África do Sul, 2018 na Rússia e em 2022 no Catar. Além das críticas a esses casos de corrupção também se fortaleceram as críticas sobre a conivência da FIFA, com o desrespeito a direitos humanos básicos nas sedes dos seus eventos, com destaque especial para as denúncias de condições sub-humanas de trabalho enfrentadas pelos trabalhadores das obras no Catar. (ROCHA, 2021; PEREIRA, 2021;

LIMA, 2020; REEVE, 2015; MARTINEZ, 2015; DW, 2016, 2018; WENZEL, 2021; VOHRAH, 2018, FOTTRELL, 2015, COSTA, L, 2013; JENNINGS, 2011, 2014) Assim sendo, associar a sua imagem a uma entidade como a FIFA, traz uma série de desgastes, demandando um alto consumo de capital político pelos entes envolvidos.

**Figura 7 - Protesto com notas falsas de dólar, em coletiva de Joseph Blatter, presidente da FIFA na época**



Fonte: Globo Esporte (2015)

**Figura 8 - Seleção Alemã protesta, contra as condições de trabalho nas obras para a Copa do Mundo de 2022 no Catar**



Fonte: DW Brasil (2021)

Críticas do ponto de vista teórico e prático já eram feitas desde o momento em que o Brasil se candidatou para sediar os megaeventos, sendo grande parte dessas críticas, bem fundamentadas e construídas. O ambiente social e político do país tornou

as críticas em algo bem mais difuso e menos distinguível, que embarcavam desde críticos bem embasados em campos teóricos e práticos, a membros que se valiam de uma narrativa de cunho mais retórico e emocional. (FERREIRA, OLIVEIRA, VAINER, 2014; JUNIOR, GAFFNEY, RIBEIRO, 2015)

Sobre este componente político difuso, Ferreira aponta:

A pauta foi repentinamente encampada, com os mesmos argumentos, pelos setores mais conservadores da sociedade, em clara manobra eleitoral de oposição ao governo. Para seu desconforto, os que vinham construindo uma forte e bem embasada argumentação contra os megaeventos esportivos durante anos, de forma isolada e batendo de frente contra a opinião da maioria, viram alinhar-se a seu lado figuras do extremo oposto do espectro político. (Ferreira, 2014, p.14,15)

**Figura 9 - Opinião pública a respeito da Copa do Mundo**



Fonte: Em Discussão! Senado Federal (2014)

As pretensões políticas originais acabaram não sendo atingidas, o momento socioeconômico já não era mais o mesmo, a defesa da execução da Copa do Mundo, consumiram e deterioraram fortemente o capital político e a popularidade, do Governo Federal e de governos estaduais e Municipais, “a legitimidade destas intervenções foi severamente abalada, alcançando níveis inéditos de contestação e dissenso junto à população.” (OMENA, 2015, p.131)

Portanto: “Se a pretensão original era a da consolidação de coalizões dominantes no nível municipal, estadual e federal, o tiro parece ter saído pela culatra. As multitudinárias manifestações questionaram os arranjos de poder dominantes e

instalaram no centro da esfera pública milhões de novos atores, particularmente os jovens urbanos.” (VAINER, 2014, p.76)

**Figura 10 - Manifestantes na cobertura do Congresso Nacional em junho de 2013**



Fonte: G1 (2013)

#### **1.4 O Legado da Copa e o Legado Olímpico**

Os países e cidades têm gastos bilionários para executar as obras e ações necessárias para viabilizar estes torneios, tanto que Porto e Ceron apontam que: “Quando um país se propõe a ser sede de uma Copa do Mundo, arcará com altos investimentos que poderiam ser utilizados na saúde, educação, moradia, segurança, entre outros problemas que afetam o funcionamento e a estrutura de um país.” (2013, p.438).

Sobre o patamar de investimentos brasileiros na execução de um megaevento, Junior e Lima (2015) apontam:

Os gastos empenhados para a realização da Copa do Mundo são realmente significativos, girando em torno de R\$ 25 bilhões. Para justificar tal adjetivo, pode-se usar como comparação os gastos das duas últimas edições. Na Alemanha, estes foram de US\$ 8 bilhões e na África do Sul, US\$ 6 bilhões, ou seja, o evento no Brasil custou mais que as últimas edições. A magnitude do volume de recursos envolvidos na preparação da Copa do Mundo é indiscutível. (Junior, Lima, 2015, p.58)

É necessário fazermos as devidas ressalvas e ponderações das diferenças e peculiaridades, que cada país e cada uma dessas edições possuiu, mas fica claro e evidente o volume excepcional de gastos que foram realizados para a execução da Copa do Mundo de 2014:

Esse volume de investimento trás portanto a seguinte indagação: Como se justificariam então que cidades e países fizessem gastos tão altos, se estes mesmos recursos poderiam ser investidos diretamente no combate de uma série de mazelas sociais?

É ai que cabe o devido destaque, ao empenho que o COI e a FIFA tiveram em atrelar o sedimento destes eventos. a um suposto “legado” e este legado legitimaria então os investimentos necessários. Broudehoux (2010) aponta que tanto a tanto a FIFA quanto o Comitê Olímpico escolhem a utilização da palavra Legado de maneira planejada. Segundo a autora “[...] esses organizadores adoram falar sobre legado e o legado desses eventos para a cidade. Essa palavra “legado” é escolhida com muito cuidado, pois ela possui uma conotação positiva. (Broudehoux, 2010, p.32).

Não são somente as organizações promotoras destes Megaeventos que utilizam a narrativa do legado. Há uma coalizão que é composta por múltiplos interesses, de uma série de categorias diferentes, estes setores são desde agentes públicos governamentais, setores produtivos, aos setores da mídia e etc. Estes passam a promover repetidamente em seus discursos, que estes eventos deixaram algo permanente e extremamente benéfico pro país, e esse discurso só é possível graças a um alinhamento de retórico e de interesses entre múltiplos setores.

Se não houvesse interesse político, não haveriam as candidaturas para sediar esses eventos, sem apoio de setores da Economia as leis e obras necessárias não teriam o lobby necessário, assim não passariam no congresso e assembleias das diversas esferas políticas e sem o apoio da mídia vendendo este discurso seria muito dificultada a sua veiculação e possível aceitação pela sociedade. (FERREIRA, MAIOR, VAINER, 2014), Portanto Ferreira aponta que:

O discurso do “legado” dos megaeventos é então amplamente difundido. Estabelece-se uma coalizão político-econômica que envolve diversos atores: os organismos esportivos internacionais e seus pares nacionais, os governos locais e os órgãos públicos de financiamento, as grandes empreiteiras, as

elites fundiárias e imobiliárias. Todos se mobilizam para fazer funcionar uma “máquina de crescimento. (Ferreira, 2014, p.12).

Esse discurso governamental utilizando o “legado” foi extremamente recorrente no Brasil. Na obra “Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas” Luís Fernandes que era, na época, secretário executivo do Ministério do Esporte e coordenador dos Grupos Executivos do Governo Brasileiro para a Copa do Mundo de 2014 e para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 afirmou o seguinte:

Na dimensão urbana, as iniciativas geradoras de legado visam garantir melhores condições de vida nas cidades, com projetos estruturantes de mobilidade (transporte público), saneamento e habitação. Em termos de logística e de infraestrutura, objetivam erguer, modernizar e ampliar equipamentos e serviços que gerem um melhor ambiente para a realização dos eventos, mas que permaneçam como benefícios permanentes para a sociedade. Na economia, fomentam o crescimento, a redução de desigualdades e a geração de empregos pela realização de novos negócios e pela criação de produtos e serviços inovadores. No campo esportivo, têm como meta a construção e a modernização das instalações que sediarão os jogos, a ampliação da infraestrutura e a implementação de políticas de fomento para a atividade esportiva em todo o país. Na área social, têm como meta a ampliação dos direitos do cidadão e a melhoria da qualidade dos serviços públicos em educação, saúde, acessibilidade, segurança e defesa. Na esfera sociocultural, objetivam a valorização da identidade e da autoestima nacional, em suas múltiplas e variadas expressões. Para o meio ambiente, trazem a incorporação do princípio de sustentabilidade ao conjunto de empreendimentos e iniciativas associados aos eventos. E na dimensão política, consolidam um novo e fundamental modelo de gestão integrada entre os três níveis de governo do Estado brasileiro. (Fernandes, 2014, p.58.59)

Se via aqui, um caráter que era apontado como sendo extremamente amplo, do legado que seria gerado por estes eventos. O legado abrangeria, obras de infraestrutura urbana, fomento de esporte nacional, inovações de modelo de gestão e governança, fomento do turismo, obras de mobilidade pública, dentre uma série de outros campos que seriam contemplados (Fernandes, 2014).

Vainer (2014) expõe de maneira bem compreensível e distinguível, qual a lógica argumentativa de quem defende a lógica do legado. Ele aponta então que:

Os que tomaram a iniciativa de propor e de promover os megaeventos argumentam que, como resultado, nossas cidades serão mais conhecidas no mundo, atraindo turistas, investimentos e novos eventos. Elas serão melhores também graças aos vultosos investimentos feitos, que ampliam a oferta de equipamentos esportivos e a infraestrutura de mobilidade urbana. Nessa versão, a própria preparação das cidades já as tornaria melhores porque os investimentos geram empregos e riqueza. Para usar a linguagem que se tornou chavão dos dirigentes da Fifa e do COI, dos governantes, políticos e da grande mídia, “os megaeventos esportivos deixarão um importante e valioso legado urbano (Vainer, 2014, p.71)

Podemos associar essa lógica argumentativa e retórica descrita por Vainer, com o discurso de Fernandes (2014) ao falar do sedimento da Copa do mundo e das Olimpíadas. Este afirma que:

O reconhecimento dessa oportunidade histórica nos remete a conquistas extrapolam os Jogos e, conseqüentemente, o tema dos legados: conquistas para a sociedade que recebem os jogos e que fazem valer todo o esforço em sediá-los. Se no campo esportivo o objetivo é alçar o Brasil ao patamar das potências olímpicas de forma sustentável e perene, no âmbito geral é dotar a nação de musculatura social e logística capaz de garantir o desenvolvimento sustentável de nossa economia e sociedade. (Fernandes, 2014, p.58)

Mascarenhas (2015) fortalece a percepção de coalização de interesses entre diversos agentes, e reforça a exposição sobre a lógica de defesa dos investimentos. Pontuando então que: “Os elevados investimentos públicos seriam assim justificados pela produção de um legado de infraestrutura urbanística, num leque de que transita desde a modernização dos estádios às melhorias no sistema de transporte intraurbano.” (Mascarenhas, 2015, p.10) Outro ponto que deve ser ressaltado é de que apesar de um estádio ser uma infraestrutura urbana não se pode esperar que essa gere os impactos positivos que outros objetos como ferrovias, pontes, estradas e afins que podem vir a aumentar eficiência econômica da cidade ao viabilizar por exemplo a redução de custos de transporte. (GOÉS, 2021)

Sobre a mobilidade urbana, Vainer (2014) aponta que estas obras não necessariamente se tornariam um legado real para a maior parte de população, tanto que as vozes contrárias:

[...] protestam contra o fato de que os projetos de mobilidade tendem a privilegiar os trajetos que serão feitos pelos turistas durante o período dos eventos, isto é, dos aeroportos aos hotéis e aos estádios, em detrimento da imensa maioria da população que, em áreas periféricas e bairros populares, permanece condenada a um serviço de péssima qualidade, lento, desconfortável e caro. [...]. (Vainer, 2014, p.72).

A lógica do “legado” e sua real amplitude sofreram importantes contraposições no campo acadêmico. As contraposições foram amplas e diversas, tanto que Proni, Silva (2012) falaram sobre tom muito otimista e superlativo que permeava as projeções da época, valendo-se das palavras de Zampieri (2010) eles apontam que: “Muitos números, no entanto, têm sido superlativos e alguns especialistas já fazem o alerta. Há desafios e o impacto da Copa do Mundo [...] pode não ter a magnitude imaginada” (Proni, Silva, 2012, p.2 apud Zampieri, 2010).

Quando se fala desse legado em geral associam ele a modelos de sucesso previamente estabelecidos, porém é necessário que haja ressalvas e que sempre se leve em consideração as peculiaridades dos locais que sediam estes eventos, afinal:

os efeitos imediatos de um megaevento esportivo como a Copa do Mundo, assim como seus legados mais duradouros, são bastante diferentes entre países que possuem estágios de desenvolvimento econômico distintos. Países em desenvolvimento normalmente requerem investimentos muito maiores para se prepararem para um evento desse porte, aumentando consideravelmente os riscos e custos de oportunidade. (Proni, Silva, 2012, p.4 apud Bohllman, Van Herden, 2008).

Além da diferenciação dos níveis de investimentos necessários entre países e cidades em diferentes estágios de desenvolvimento, já haviam indícios problemáticos sobre a utilização futura dos equipamentos e infraestruturas, nas últimas décadas, Ferreira (2014) expõe que: “As experiências de outros países, como China, Grécia, Canadá, África do Sul ou até mesmo França, mostram que os equipamentos construídos para os megaeventos têm uma capacidade muito baixa de integração após a conclusão dos eventos.” (Ferreira, 2014, p.12). Além também do exemplo da cidade de Montreal, esta que levou 40 anos para quitar as dívidas contraídas para a realização dos Jogos Olímpicos de 1976. (GOÉS, 2021)

**Figura 11 - Estádio Moses Mabhida e arredores, em Durban África do Sul**



Fonte: DW Brasil (2018)

Broudehoux (2010) apontava que em especial, para as arenas esportivas e para obras de grande apelo espetacular arquitetônico, haviam motivos para essa baixa integração futura com as cidades, afinal: “Esses projetos arquitetônicos imensos

são construídos com finalidades muito específicas e muito difíceis de serem transformados em benefícios para as comunidades.” (Broudehoux, 2010, p.32). Portanto os interesses e demandas da população local, se distinguem fortemente dos interesses do COI, FIFA, e dos investidores envolvidos nestes eventos.

Podemos reforçar esta percepção. com o fato de que 9 dos 10 estádios construídos para a Copa do Mundo de 2010 dão prejuízos para as suas cidades, mesmo estádios construídos em áreas e cidades de grande apelo turístico, como o caso do Estádio Moses Mabhida na cidade de Durban, este que até mesmo estrutura para o salto de bungee jump possui. (GENTH, 2018)

Esse caráter contraditório tem maior repercussão em países que não tenham atingido o pleno desenvolvimento, pois estes demandariam ainda mais de investimentos certos que os provessem uma melhor infraestrutura geral, como é próprio caso que o Brasil vivia. Ferreira aponta ainda que: “Essa discrepância entre a construção de equipamentos e sua integração posterior à vida econômica e urbana local é evidentemente mais dramática nos países subdesenvolvidos.” (Ferreira, 2014, p.13)

Ao mesmo tempo que o caráter contraditório existe, pois existem problemas apontados na real incorporação dos novos instrumentos urbanos construídos, além de se estes eram investimentos realmente prioritários em países com carências socioeconômicas diversas , o “legado” foi a ferramenta teórica e narrativa utilizada pelos agentes ao se defenderem dos protestos da população, e aos membros da comunidade acadêmica que apontavam esse caráter contraditório que tanto a Copa do Mundo de 14 quanto os Jogos Olímpicos de 2016, tinham. “[...] Nesse sentido, não é coincidência que os recentes movimentos e protestos sociais tenham trazido reclames justamente sobre o investimento público em equipamentos coletivos, públicos, que sirvam a todos.” (A. DA SILVA, 2014, p,24)

Oliveira expôs então que:

Há, entretanto, uma contradição proporcional à força de rotação da engrenagem, na medida em que traz consigo o fantasma de esfriamento do interesse das cidades. A crescente demanda por investimentos, os “elefantes brancos” que ficam e as atitudes autoritárias estão entre os vários argumentos críticos que colocam a marca na iminência da desvalorização. É nesse sentido que novos discursos, como o do legado, vão sendo incorporados.

Sempre que a sociedade civil interpela o poder do espetáculo, ele se vê constrangido a se reinventar, a mudar as regras do jogo, e isso é o que vem ocorrendo atualmente, especialmente a partir das crescentes ações questionadoras no Brasil. (Oliveira, 2014, p.31)

## **1.5 Modelos e estratégias de Governança e Planejamento Urbano**

Seria impossível analisar os impactos de um evento como a Copa do Mundo no Brasil, sem que se trabalhasse devidamente a questão da análise e compreensão das múltiplas questões urbanas, pois é no urbano em que a maioria dos impactos, fenômenos e eventos se consolidaram previamente, durante e posteriormente a execução deste megaevento. Como Ferreira, Oliveira, Gaffney, Ribeiro, Dalonso, Proni, Silva, Broudehoux, Mascarenhas, Vainer e uma série de outros autores deixam claro, que uma série de objetos, estruturas e lógicas urbanas, seriam e foram transformadas e/ou submetidos a viabilidade e execução deste megaevento.

Ressaltando que Milton Santos aponta que: “objeto geográfico é tudo que existe na natureza já modificada pelo homem ou ainda aparentemente intocada por ele.” (SANTOS, 2011, p.8)

A Geografia e uma série de Ciências e suas respectivas áreas de pesquisa e atuação, tem nas diversas questões urbanas, objetos de alto interesse e valor. Ao longo do tempo uma grande gama de material teórico e analítico foi construído sobre o urbano e cada vez mais o Urbano ganha lugar de destaque no campo dos estudos acadêmicos. Segundo Monte-Mór (2006):

A emergência teórica e a relevância da questão urbana no mundo contemporâneo podem ser tomadas como quase consenso, expressam a inevitabilidade da centralidade do fato urbano, quando as redes de informação e de articulação da economia capitalista ganham dimensão global e têm nas cidades seu principal espaço de comando (p.61).

Harvey aponta que: “[...] a urbanização também estabelece determinados arranjos institucionais, formas legais, sistemas políticos e administrativos, hierarquias de poder etc. [...]” (Harvey, 2005, p.170). O urbano é, portanto, extremamente complexo, sua rede é responsável por articular uma série de relações entre diversas escalas e agentes, seu caráter centralizador e fragmentado ao mesmo tempo. Sua mutabilidade e contradições subordinam-se ao comando do capital financeiro, sendo essas contradições e mutabilidades mais perceptíveis ainda na “periferia do capitalismo”. (MONTE-MÓR 2006).

Os megaeventos adentraram nesta lógica multiescalar e de submissão global aos interesses do Capital, tanto que Junior, Gaffney e Ribeiro apontam que:

[...] Ao transformarem em vasto e complexo circuito de negócios financeiros e comerciais os megaeventos esportivos (mas, não apenas os esportivos) vêm induzindo, legitimando e consolidando a adoção pelas elites transescalares (globais-nacionais-locais) de políticas e modelos de governança urbana orientados pelos objetivos de transformar as cidades em máquinas da indústria global de divertimento. [...]” (Junior, Gaffney, Ribeiro, 2015, p.13,14).

Sobre o cenário histórico urbano brasileiro, Brandão aponta que:

Em um país continental, moldou-se uma urbanização paradoxal, com metropolização e concentração, interiorização e espraiamento, com centros regionais intermediários e uma miríade de cidades locais-pequenas- quase-rurais. O que tem em comum é que todos esses portes de cidade parecem reproduzir as mazelas sociais e a destituição de direitos à maioria de suas respectivas populações. (Brandão, 2016, p.1099).

A partir do momento que há produção científica sobre o Urbano, esta não ficaria meramente no campo teórico, estas tomariam forma e se instrumentalizariam através do Planejamento Urbano e de modelos de gestão e Governança Urbana. Monte-Mór aponta que: “As intervenções urbanas com pretensões científicas iniciaram-se ao final do século XIX nas grandes metrópoles europeias, com desdobramentos nas colônias e ex-colônias no resto do mundo.” (Monte-Mór, 2006, p.62).

As teorias e correntes urbanistas ao longo dos séculos XIX e XX foram múltiplas, no século XIX e início do XX, dentre estes se destacam alguns, tais como: a influência dos princípios racionalistas aplicados por Haussmann em Paris e que repercutiu por exemplo nos princípios aplicados na construção de Belo Horizonte; as correntes progressistas cujo princípios foram postos na Carta de Atenas; a culturalista de maior expressão nas “cidades-jardins”; as naturalistas que trabalham com os elementos urbanos sendo tratados a partir de analogias de conceitos da ecologia, tais como a competitividade e de cultura urbana na qual o elemento principal a relação dicotômica. (MONTE-MÓR, 2006, p.62-68; TOLEDO, 2018, p.6-32). Cada uma com suas especificidades e zonas de maior influência prática em diferentes locais, países e momentos históricos.

Sobre o planejamento urbano modernista, Mascarenhas aponta que:

Através da clássica metodologia do zoneamento, a cidade era pensada como um todo, como um conjunto indissociável de componentes que formam sua estrutura interna. Ao tomar a cidade em seu conjunto, o

planejamento urbano de matriz modernista (sistêmico-funcional) não restringia suas reflexões e intervenções a um determinado segmento do espaço urbano.” (Mascarenhas, 2007, p.4)

Os projetos urbanos e os megaeventos se vinculam, pois segundo Vainer ambos: “São intervenções urbanas de grande porte, processos complexos cujos impactos e consequências sobre a vida urbana somente podem ser analisados e compreendidos de forma adequada à luz de uma abordagem que considere suas múltiplas dimensões.” (Vainer, 2014, p.72).

Mascarenhas sintetiza um pouco da visão de Milton Santos sobre a urbanização e a influência do Capital sobre ela e como ele se vale da revolução técnica e informacional para exercer seu papel hegemônico. Afirmando então que:

Vivemos uma época na qual os capitais adquiriram capacidade inédita de fluir velozmente pelo território. Por um lado, os contínuos avanços do meio técnico-científico-informacional lhes possibilitam tal fluidez. Por outro, o enfraquecimento dos estados nacionais se reflete em maior porosidade de suas fronteiras, particularmente favorecendo a maior circulação de interesses e agentes hegemônicos. (Mascarenhas, 2007, p.2 apud Santos, 1996).

Harvey (2005) aponta que esse dinamismo é condição fundamental da reprodução e manutenção do capitalismo. Ele afirma que: “a condição Capitalista é tão universal, que a concepção de urbano e da “cidade” também se torna instável” (Harvey, 2005, p.170). Portanto a alteração nas formas e concepções, formas e funções das cidades são condicionantes intrínsecas e necessárias para o sistema capitalista que vigora ao redor do globo.

Já sobre Governança Urbana, Oliveira (2006) aponta que:

A governança urbana tem sido um dos temas de maior destaque na atualidade quando o assunto é gestão urbana. Pode-se entender a governança urbana como uma maneira inovadora de governar. [...] A governança urbana surge como uma resposta aos inúmeros desafios encontrados pelos governantes na atual sociedade. Estes desafios dizem respeito à escassez de recursos públicos, aos problemas sociais e ambientais cada vez mais crescentes, à competitividade acirrada entre as cidades com vistas à atração de investimentos privados, ao avanço tecnológico, entre outros. (Oliveira, 2006, p.1).

Cabe aqui o devido e necessário destaque para este suposto caráter inovador, este que é frequentemente associado a modelos de gestão e investimento em geral sendo associados a gestão urbana. Pode se articular este tipo de discurso a Mascarenhas apud Maricato apontando que: “[...] Em nossos dias, produtividade e competitividade delineiam os principais parâmetros orientadores da questão urbana,

não mais concebida enquanto desafio histórico ao enfrentamento da injustiça social [...]” (Mascarenhas, 2007, p.3 apud Maricato, 2000). Podemos assim deduzir que houve uma mudança de paradigmas e significados das políticas de planejamento urbano.

Houve então um processo de alteração no papel do Estado e de como ele deveria atuar na gestão, planejamento e ordenamentos das cidades ao redor do globo. No período de recessão nos anos 70 passou a ocorrer a destruição das bases que sustentavam o modelo administrativo, as políticas sociais e redistributivas de renda que norteavam o Estado de Bem Estar Social. (HARVEY, 2005, FERREIRA, 2014, MASCARENHAS, 2007 apud MARICATO, 2000). Tanto que Pilão reforça que: “Parece haver uma confluência de interesses que permitem uma alteração da concepção e da gestão da cidade.” (Pilão, 2016, p.2).

Parte-se para uma nova lógica de gestão urbana, os investimentos do Estado, políticas de austeridade e gastos focais passaram a ganhar cada vez mais força. Sobre esta lógica de gestão, Ferreira expõe que: “A ideia difundida era a de que os gastos concentrados muito menores do que políticas sociais em grande escala gerariam uma “imagem positiva” da cidade, capaz de atrair os fluxos do novo capital financeiro.” (Ferreira, 2014, p. 8).

Se neste novo modelo de governança urbana, o Estado tem limites orçamentários muito apertados e frequentemente há uma série de entraves burocráticos para a execução de projetos urbanos, os megaeventos são considerados como facilitadores para os projetos de “desenvolvimento” de gestores públicos. Há uma confluência inicial de interesses entre as instituições responsáveis pelos eventos e os governos de diferentes escalas. Tanto que segundo Oliveira: “Na busca de agentes capazes de bancar as condições materiais de realização do megaevento, as instituições promotoras encontram máquinas burocráticas sedentas por realizar tal proeza em troca de exposição midiática e legitimação para projetos nababescos e de dificuldade de aprovação em circunstâncias normais.” (Oliveira, 2014, p.30).

As problemáticas sociais urbanas não desapareceram, pelo contrário, a tendência é em muitos casos de um agravamento, foi necessário então, o surgimento de novas lógicas e instrumentos pro enfrentamento dessas problemáticas, que se não

através do Estado de bem estar Social, passam a buscar novas estratégias. Ferreira aponta então que: "A palavra "renovação" urbana soa como música para enfrentar uma situação social que não agrada nem às elites nem aos governantes. O modelo de bem-estar social começa a se esfacelar, dando lugar ao "combate" à chamada "degradação urbana". (2014, p.7,8).

Ganha força então a lógica um planejamento estratégico, os eventos esportivos são em essência eventos e fenômenos culturais, tendo, portanto, um valor de atração atrelado a eles. Pilão ressalta que:

Cabe destacar que o planejamento estratégico urbano faz da cultura um elemento de valor e destaque com o qual as cidades podem ser diferenciadas. Em última instância, toda forma de intervenção urbana, por meio da cultura, visa tornar essa cidade atrativa, com uma imagem positiva ao próprio capital que lá poderá se instalar ou especular.(Pilão, 2016, p.8).

Esse planejamento estratégico se vincula a execução da Copa do Mundo, afinal : "Percebe-se o caráter estratégico dos investimentos infraestruturas previstos para a Copa 2014, que totalizam aproximadamente U\$ 14 bilhões, com cerca de 50% dos recursos previstos em mobilidade, 25% previstos para a reforma de portos e aeroportos, e apenas 25% destinados a construção e reforma de equipamentos esportivos." (Ribeiro, Junior, 2015, p.54)

O discurso desta nova lógica de gestão urbana buscava elementos que o permitissem a ser tida como válida, é neste momento em que ele encontra nos Megaeventos boa parte destes elementos necessários, pois, segundo Ferreira: "Era necessário legitimar esse modelo de alguma forma. Percebeu-se então que grandes eventos, sobretudo os esportivos, que movem paixões nacionais, tinham a grande "qualidade" de serem popularmente aceitos" (Ferreira, 2014, p.9).

Se o discurso e a retórica da reforma e renovação urbana ganham força, a Copa do Mundo propicia certos pressupostos teóricos e retóricos condizentes, afinal segundo Vasconcelos: "a Copa do Mundo estabelece um conjunto de iniciativas de reforma urbana que alteram formas e fluxos em um curto período de tempo. [...]" (Vasconcelos, 2015, p.18).

As Olimpíadas de Barcelona em 1992, e as mudanças drásticas na estrutura urbana desta mesma, promovidas na cidade para a viabilização deste evento se

tornaram um modelo de como este tipo de evento poderia ser tomado como um meio de execução para planos de desenvolvimento regional e urbano de outras cidades ao redor do globo. Tanto que Ferreira aponta que: "Em 1992, Barcelona, cidade que já dispunha de excepcional plano urbanístico desde o começo do século XX, inaugurou com certo sucesso essa fórmula, que seria então vendida ao planeta. Urbanistas catalães, como Jordi Borja, percorreram o mundo como verdadeiros gurus." (Ferreira, 2014, p.10).

Este suposto "modelo de sucesso" fortaleceu tanto a sua imagem, que várias cidades e países buscaram então sediar Megaeventos Esportivos, o Brasil se inseriu nesta lógica ao sediar os jogos Pan-Americanos de 2007, a Copa do Mundo de 2014, as Olimpíadas de 2016 e em menor escala a Copa América de 2020 e a Copa das Confederações de 2013. Pilão inclusive faz o apontamento de que: "É sabido que, nas últimas décadas, algumas cidades brasileiras estiveram envolvidas em disputas tanto internacionais como nacionais para serem sedes de grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas". (Pilão, 2016, p.3). A disputa interna é marcada em especial pelas cidades que postularam sediar jogos da Copa do Mundo de 2014, cidades como Goiânia (GO), Florianópolis (SC) e Belém (PA) e questionaram as suas ausências.

O advento de Barcelona também fora utilizado como "modelo" e exemplo para as obras e as adequações e transformações feitas na cidade do Rio de Janeiro, visando a execução dos Jogos Olímpicos de 2016. Tanto que Junior e Ribeiro (2015) fazem essa conexão ao apontarem que: "Utilizando-se do sempre mencionado exemplo de Barcelona, a reestruturação da cidade está presente nos discursos referentes às Olimpíadas, associando e buscando legitimar reciprocamente o megaevento e as intervenções urbanas aos quais está associado." (Junior, Lima, 2015, p.63)

Na preparação para a Copa do Mundo de 2014, foi evidente o papel central que a gestão pública exercia, para que através do evento se viabilizassem investimentos em vários setores, tais como: as empreiteiras e construtoras de obras públicas e privadas, dos setores bancários que financiaram essas obras, mas com destaque especial para o impacto das reestruturações urbanas nos setores de transporte e mobilidade urbana, no setor hoteleiro e nas redes de atendimento ao Turismo e suas

cadeias de consumo, nas redes de comunicação que se revitalizaram e modernizaram para poder dar conta de um evento tão global quanto esse. (JUNIOR, GAFFNEY, RIBEIRO, 2015, p.15).

Em geral, a Copa impactou uma série de setores, estes que vão, desde a indústria automobilística com as obras de malhas viárias, ao setor imobiliário e a crescente especulação imobiliária, ao setor de serviços e atendimento ao turismo, ao sistema de espetáculos culturais e esportivos e seus relacionamentos com as arenas esportivas que foram construídas, além de outros setores de produção e serviços. (JUNIOR, GAFFNEY, RIBEIRO, 2015, p.15).

## **Seção 2 - Estratégias e os impactos dos Megaeventos no país**

### **2.1 Empreendedorismo Urbano, a cidade como instrumento da reprodução do Capital**

Uma das condições básicas para se compreender o sistema capitalista é a sua mutabilidade e dinamismo, sendo “que as qualidades objetivadas do urbano são cronicamente instáveis” (Harvey, 2005, p.,170). De forma geral é necessário que se tenha a compreensão do aspecto conflituoso, que a produção e transformação espacial urbana tem em si, na qual os diversos agentes atuam tentando atingir os seus diversos interesses. (HARVEY)

A atuação entre os interesses e demandas sociais e governamentais é por muitas vezes desarmônica, sendo através dos distintos modelos de Governança Urbana, que se estabelecem e se planejam as atuações estatais no ordenamento, estruturação e reordenamento do espaço urbano. (HARVEY, 2005)

O modelo de gestão baseado essencialmente no Estado de Bem estar social se viu desgastado, sendo que: “Com o advento do neoliberalismo como paradigma dominante, expressão ideológica do modo de acumulação flexível, vivemos uma era de desmonte do Estado assistencial, o fim do pleno emprego, a quebra da organização sindical e de um modo geral uma crise nos movimentos sociais urbanos.” (MASCARENHAS, 2007, p.3 apud HARVEY, 1992)

Aliado a este fato temos também a entrada das cidades na lógica competitiva capitalista neoliberal, as cidades passaram a buscar então maneiras de obter vantagens comparativas entre si. (HARVEY, 2005) É neste momento que se dá a ascensão do modelo de Empreendedorismo Urbano, os megaeventos se vinculam fortemente a este modelo, afinal

[...] um novo modelo de governança empreendedorista é impulsionado e legitimado pela realização dos megaeventos nas metrópoles brasileiras, incidindo de forma diferenciada em cada uma das metrópoles consideradas, tendo em vista suas trajetórias políticas e coalizões de poder, aprofundando as desigualdades existentes nas metrópoles. Assim, este processo de destruição/criação ocorreria em torno de algumas questões e espaços urbanos específicos [...] (JUNIOR, 2015, p.27)

Dentro dessa lógica vale também se ressaltar, que os megaeventos de caráter cultural e esportivo possuem um forte caráter espetacular em suas concepções,

(FERREIRA, 2014; JUNIOR, RIBEIRO, MASCARENHAS, 2015; PILÃO, 2016, BROUDEHOX, 2010, 2011) E: “o espetáculo sempre foi uma potente arma política”, mas tal atributo se intensificou nos últimos anos como forma de projeção e controle social na cidade, no contexto da ascensão do modelo de gestão urbana empreendedorista neoliberal.” (Mascarenhas, 2015, p.11 apud Harvey)

**Figura 12 - Abertura das Olimpíadas de 2016**



Fonte: Exame. (2016)

**Figura 13 - FIFA Fan Fest no Taguaparque, Taguatinga (DF)**



Fonte: R7 (2014)

As cidades foram inseridas na lógica competitiva neoliberal e o espetáculo é uma das ferramentas utilizadas por estas mesmo, se tem então que: “Não é à toa que,

nesse contexto, a disputa e a competição entre as cidades e países para sediar megaeventos esportivos e culturais de caráter internacional seja cada vez mais acirrada.” (RIBEIRO, JUNIOR, 2015, p.44). Pois tanto a Copa do Mundo quanto as Olimpíadas:

[...] se constituem em expressões de projetos urbanos de reestruturação das cidades-sede, e da difusão e adoção de um novo padrão de governança empreendedorista neoliberal, sustentada por coalizões de poder que reúnem agentes econômicos, políticos e sociais. Essas coalizões de poder emergem com base no discurso em torno da modernização e competitividade das cidades, da criação de um ambiente favorável aos negócios e a atração de investidores, das parcerias com o setor privado, do controle da ordem pública e da segurança” (JUNIOR, 2015, p.21,22)

Para compreendermos tanto os megaeventos em questão quanto o modelo empreendedorista urbano, é necessário que se tenha o devido destaque, para a importância que as parcerias público-privadas têm em sua implementação. (HARVEY, 2005; JUNIOR, 2015) Sendo que: “Esse projeto empreendedorista de cidade que está em curso parece ser marcado por uma relação promíscua entre o poder público e o poder privado, uma vez que o poder público se subordina à lógica mercantil de diversas formas, entre elas, através das parcerias público-privadas [...]” (JUNIOR, GAFFNEY, RIBEIRO, 2015, p.16 apud HARVEY)

Dentro desta lógica e dos princípios que guiam o empreendedorismo urbano, “a iniciativa tradicional local [a iniciativa privada] se integra com os usos dos poderes governamentais locais, buscando e atraindo fontes externas de financiamento, e novos investimentos diretos ou novas fontes de emprego” (HARVEY, 2005, p.172)

Sobre a difusão e adoção das parcerias público privadas, Junior (2015) aponta que foram vários os processos pelos quais os governos transferiram a gestão de uma série de equipamentos urbanos para a iniciativa privada, e que estes processos por diferentes mecanismos eram utilizados como tentativas de difusão e legitimação da gestão baseada em parcerias público-privadas. Um dos exemplos destes fenômenos é a da participação, pertencimento, gestão e concessão dos estádios pela iniciativa privada, Junior aponta que:

Dos 12 estádios utilizados na Copa do Mundo 2014, três eram privados e nove eram públicos, geridos diretamente pelo poder público. Cinco destes – Belo Horizonte, Fortaleza, Natal, Recife e Salvador – foram reformados através de parcerias público-privadas, que concederam o direito de gestão dos mesmos a empresa e consórcios vencedores das licitações. (2015, p.36)

**Tabela 1 - Investimentos e as modalidades de gestão dos estádios, de cada sede na época do Copa do mundo de 2014**

	Sedes	Investimento (R\$mi)	Assentos
<b>PRIVADO</b>	São Paulo	1080,0	68.000
	Porto Alegre	366,3	50.128
	Curitiba	391,5	42.381
<b>PÚBLICO</b>	Brasília	1403,3	72.777
	Rio de Janeiro	1050,0 <sup>2</sup>	78.639
	Manaus	660,5	44.480
	Cuiabá	596,4	44.335
<b>PARCÉRIA PÚBLICO PRIVADA</b>	Belo Horizonte	695,0	62.170
	Salvador	689,4	55.045
	Fortaleza	518,6	63.763
	Recife	532,6	46.000
	Natal	400,0	42.024
<b>TOTAL</b>	<b>8.383,6</b>	<b>3.816,0</b>	<b>669.742</b>

Fonte: Ministério do Esporte (2014)

“Também é importante observar que as parcerias público-privadas não se concentraram em uma única região do país. Estádios das regiões Sudeste e Nordeste já foram privatizados e existe a possibilidade de acontecer o mesmo em outras regiões.” (JUNIOR, LIMA, 2015, p.73) Este aspecto realmente se concretizou, atualmente Flamengo e Fluminense fazem a gestão conjunta do Maracanã e existem discussões sobre a concessão definitiva do estádio, o complexo esportivo do Estádio Nacional de Brasília teve a sua concessão liberada para a iniciativa privada, a Arena Pantanal em Cuiabá já discutiu a respeito de sua concessão e atualmente tem uma também uma discussão a respeito da venda dos direitos do nome do estádio. (G1, 2019; GREGO, 2019, ESPN, 2021; MARQUES, 2021)

Em vários momentos houveram promessas de vários âmbitos do governo, apontando que a maior parte dos gastos e investimentos dispendidos na Copa do Mundo seriam viabilizados pela iniciativa privada. Porém a realidade foi bastante diferente do que fora inicialmente prometido, sendo 75 % dos gastos foram realizados pelos governos estaduais (34%), municipais (7%) e federal (34 %), sendo apenas 25

% dos investimentos foram atribuídos a iniciativa privada, em setores bem restritos, tais como a construção e reforma de estádios, aeroportos e revitalização da infraestrutura hoteleira. (JUNIOR, LIMA, 2015, p.67)

Os investimentos públicos na Copa do mundo ultrapassaram a marca dos 20 bilhões de reais, a principal forma de gastos fora pela alocação direta de recursos, mas além dela também é necessário o destaque para as diversas renúncias fiscais e linhas de crédito em condições especiais que foram mecanismos amplamente utilizados. (JUNIOR, LIMA, 2015, p.70,71)

**Figura 14 - Renúncias fiscais para a Copa do Mundo de 2014**



Fonte: Ministério do Esporte (2014)

Pilão (2016) faz a seguinte ressalva, a respeito das parcerias públicos-privadas desenvolvidas: “Se por um lado a parceria público-privada garantiu a realização das obras e da Copa do Mundo, por outro, ela não é mais responsável pelas consequências que tais construções podem trazer à população e à cidade. Depois das intervenções feitas, fica a cargo do poder público a responsabilidade social.” (Pilão, 2016, p.6)

Pode se dizer que o Estado, é responsabilizado pelos possíveis e frequentes prejuízos e problemas gerados dentro deste tipo de empreendimento, enquanto que ao mesmo tempo a iniciativa privada é premiada, com o Estado assumindo os riscos frequentes e usuais a estes empreendimentos, que por sua natureza muitas vezes

incoerente com as demandas da cidade, tem um forte e frequente caráter de insegurança. (HARVEY, 2005, p.163-190) Sendo assim então: “Na governança empreendedorista, a vantagem comparativa proporcionada pelas parcerias público privadas estaria vinculada exatamente ao fato de o poder público minimizar os riscos das atividades mercantis, caracterizadas pela sua natureza essencialmente especulativa. (Junior, Lima, 2015, p.75)

Outro princípio norteador da Governança empreendedorista, é a destinação dos investimentos a partes da cidade e não ao seu todo, buscando então projetos, é recorrente a utilização de eventos culturais e esportivos com a suposta finalidade de revitalização de áreas degradadas ou de reestruturações urbanas mais complexas e distintas. Sobre esta lógica, Harvey aponta que: “[...] A valorização de regiões urbanas degradadas, a inovação cultural e a melhoria física do ambiente urbano [...], atrações para consumo (estádios esportivos, centros de convenção [...]), e entretenimento (a organização de espetáculos urbanos) se tornaram facetas proeminentes para a regeneração urbana. [...]” (Harvey, 2005, p.176)

Estes modelos de revitalização urbana, regeneração de áreas degradadas, se vincularam fortemente aos modelos de suposto sucesso dos megaeventos, além de estarem recorrentemente nos discursos governamentais a respeito da execução da Copa do Mundo de 2014. (FERREIRA, 2014; RIBEIRO, JUNIOR, LIMA, 2015; VASCONCELOS, 2015, 2019; PILÃO, 2016)

Assim sendo, :“o que estaria em foco não seria a cidade como um todo, mas os lugares, as áreas da cidade capazes de oferecer melhores retornos econômicos, não raro em detrimento dos seus outros espaços, muitas vezes em processo de decadência ou abandono”. (RIBEIRO, JUNIOR, 2015, p.44) Por tudo que fora anteriormente levantado, fica evidente que essa abordagem aprofundaria ainda mais as desigualdades socioespaciais das cidades sedes e de suas regiões metropolitanas, criando um legado urbano restrito a um seleto grupo de indivíduos.

Os Jogos de Olímpicos de Inverno de Sochi na Rússia, que ocorreram no mesmo de ano de 2014, é um caso a ser estudado sobre esse tipo de discurso sobre regeneração/revitalização de uma determinada região. Sobre este megaevento, Müller (2015) aponta que:

A vontade de reconstruir Sochi demonstra a mania por projetos gigantes que é anormal mesmo para os padrões russos. A extensão dos investimentos encolhem todos os outros projetos de larga escala pós-URSS. As consequências são tão calamitosas como previsíveis. A enorme pressão de tempo em construir a infraestrutura necessária, sempre exacerbada por decisões burocráticas arbitrárias, demonstrou que os impactos no meio ambiente e na população foram preocupações secundárias. (Müller, 2015, p.543,544)

Raquel Rolnik sintetiza importantes aspectos sobre os projetos urbanos que foram aplicados nas 12 sedes da Copa de 2014. Segundo ela:

No caso das cidades brasileiras, nenhum dos projetos urbanos relacionados à Copa foi definido a partir de um amplo processo de discussão com a sociedade. Uma enorme quantidade de dinheiro e de investimentos é mobilizada. Se a lógica fosse outra, poderíamos ter aproveitado a oportunidade para urbanizar e qualificar assentamentos onde vivem famílias de baixa renda a fim de consolidar e garantir seu espaço nas cidades, ou planejar obras de mobilidade capazes de atender às prioridades de deslocamento da população da cidade. Obviamente, nada disso foi feito. (Rolnik, 2014, p.70)

Em suma, os projetos urbanos não eram adequados ou objetivados a solucionar uma série de mazelas urbanas históricas que poderiam ter sido beneficiadas com o alto aporte que fora alocado na Copa do mundo de 2014. Assim como em Sochi: “O principal legado dessa megalomania, no entanto, será a infraestrutura que é desproporcional e extremamente cara para necessidades diárias.” (MÜLLER, 2015, p544)

## **2.2 Megaeventos e o fomento do Turismo**

O desenvolvimento do setor de atividades turísticas é recorrentemente utilizado na defesa da promoção de megaeventos esportivos. Afinal para receber este tipo de evento, em geral, é necessário que se tenha uma readequação de uma série de infraestruturas urbanas, tais como: a construção e reformas de estádios, readequação da malha de transportes e mobilidade urbana, adequação dos terminais viários e aeroviários, além do da capacitação técnica dos trabalhadores que trabalham no setor turístico, e nos demais setores que lidam diretamente com o atendimento e prestação de serviços aos turistas que vão aos megaeventos esportivos. (DALONSO, SILVA, 2011)

Afinal: “No contexto turístico, é necessário a garantia de alguns equipamentos como condição do desenvolvimento do turismo, que também contribui para a valorização do espaço de exploração do turismo.” (ARRUDA, 2016, p.52)

O setor turístico é vinculado aos megaeventos pelos espectadores que vão para o local hospede em busca de turismo esportivo, pelos investimentos que gerariam impacto a longo prazo, a exposição midiática e os turistas retornantes seriam vistos como um dos principais benefícios a longo prazo da execução de um evento desses. (VISEU, et al, 2004)

Dentro da lógica do empreendedorismo urbano este setor tem fundamental destaque, pois nele se concentrou a maior parte dos investimentos realizados pelo setor privado, na copa do mundo de 2014. Tanto que:

Enquanto o Estado brasileiro atuou em diversos níveis e frentes para viabilizar a realização dos megaeventos, a iniciativa privada se concentrou em poucos setores. No setor de turismo, beneficiados por generosa linha de crédito público, os agentes econômicos privados ampliaram a rede hoteleira de diversas cidades-sede. Como esperado, a expansão se deu, sobretudo, nas cidades com maiores atrativos turísticos, como o Rio de Janeiro e cidades do Nordeste. (JUNIOR, LIMA, 2015, p.72)

Outro aspecto ainda associado a expansão do empreendedorismo urbano é o seu destaque na promoção desta lógica. Afinal “É evidente que o turismo e a promoção de megaeventos ocupam aqui um papel fundamental, exatamente pela sua capacidade de atração de pessoas e mercadorias, em torno de eventos únicos e de atividades inovadoras e estimulantes.” (RIBEIRO, JUNIOR, 2015, p.43) Estes eventos possuem em si um caráter espetacular e especulativo, sendo assim associado o papel do turismo nas atividades de consumo, produção e demais serviços vinculados aos espetáculos de cunho cultural e nesse caso mais especificamente de cunho político. (RIBEIRO, JUNIOR, 2015)

O legado destes eventos, ao privilegiar o atendimento dos setores turísticos, geram um caráter contraditório nas cidades. “Por um lado, prevalece o foco para com a mobilidade do turista e do consumidor da Copa ou da Olimpíada, e não da população trabalhadora, o que se expressa no traçado das novas vias. “(MASCARENHAS, 2015, p.9,10)

Além das contradições apontadas acima, tem-se uma expectativa construída de que as infraestruturas construídas para um megaevento esportivo, aliados a exposição midiática da cidade gerariam um aumento do fluxo de turistas nos anos seguintes. Sobre esta perspectiva César Grafietti traz a seguinte ressalva:

[...] Barcelona é exceção à regra de aumento de fluxo de turistas após as Olimpíadas. Uma das justificativas é que a cidade era pouco atrativa antes dos jogos, vivia à sombra turística de Madrid, e o projeto de “reconstrução” da cidade foi bastante eficiente. Conta a favor também o sucesso esportivo do Barcelona no futebol. (Grafietti, 2021, online)

A real mensuração de vários aspectos relativos ao impacto os megaeventos é complicada, são muitas variáveis, como as de consumo em setores diversos e alguns aspectos são subjetivos e não passíveis de real mensuração , além de que é muito complicado se afirmar se um determinado gasto pelos indivíduos no setor turístico ou cultural se realizou ou não se realizou, por causa do megaevento que esteja acontecendo, portanto, sendo difícil de aplicarmos e identificarmos reais correlações entre alguns dados e a ocorrência dos megaeventos.

Ainda sobre os estudos, que abordam o impacto dos megaeventos no setor turísticos, nas cidades que os recebem, Broudehoux aponta que: “[...] o legado também em termos de visibilidade e turismo é, na verdade, muito desapontador. Muitos estudos estão sendo feitos comparando como as cidades usam esse legado para incrementar o turismo e atrair investimentos. [...]” (Broudehoux, 2010, p.32)

### 2.2.1 Impactos no Turismo brasileiro durante a Copa FIFA 2014

**Tabela 2 - Somatório do impacto econômicos gerado pelos turistas domésticos durante a Copa FIFA 2014. (em reais)**

IMPACTOS	IMPACTO GERADO
Direto	4206676811
Indireto	3341320387
Induzido	7463328391

Fonte: Ministério do Turismo, FGV (2014)

Segundo o Ministério do Esporte (2014) o governo brasileiro traçou um plano de ações para o Turismo na copa de 2014, em suas diretrizes se estabeleceram 3 campos distintos, sendo eles: o de: Infraestrutura Turística, de Qualificação e o de Hotelaria. Na infraestrutura Turística se deram as seguintes ações: “• Construção, reforma e ampliação dos Centros de Atendimento ao Turista; • Execução de obras de adequação para acessibilidade nos atrativos turísticos; • Implantação ou complementação de Sinalização Turística Urbana e Rodoviária.” (p.37), Já na Qualificação a ação apontada foi a de: “• Qualificação de pessoal de receptivo e

serviços turísticos através do PRONATEC” (p.37) e no setor de Hotelaria se atuou através de: “• Mapeamento e classificação da oferta hoteleira; • Financiamento ProCopa Turismo para modernização e ampliação da oferta hoteleira.” (p.37)

O Ministério do Esporte (2014) estimou que mais de 1 milhão de turistas de 202 países vieram ao Brasil, com o propósito de acompanhar a Copa, além de mais de 3 milhões de turistas brasileiros e de 20000 profissionais do setor de comunicação que vieram a cobrir a Copa do Mundo. Sendo que 58,5% desses turistas estavam visitando o Brasil pela primeira vez e 90,2 % dos turistas apontavam que a Copa do mundo havia sido o motivo principal de sua viagem, suas permanências médias foram de 15, 7 dias, abrangendo 491 municípios visitados. De certa forma demonstrando algum êxito no âmbito da construção de um projeto integralizador e amplamente abrangente a vários estados e regiões.

**Tabela 3 - Número Total de Estrangeiros do Brasil**

<b>Ano</b>	<b>Todos os Meses</b>
2013	5813342
2014	6429852
2015	6305838
2016	6578074

Fonte: O Preço de Uma Copa, Ministério do Turismo ([entre 2018 e 2021])

**Tabela 4 - Turistas estrangeiros no país nos meses de Junho e Julho**

<b>Ano</b>	<b>Junho</b>	<b>Julho</b>
2013	340025	534130
2014	1015876	717769
2015	550158	717763
2016	372818	452624

Fonte: O preço de Uma Copa ([entre 2018 e 2021])

**Tabela 5 - Ranking de países com maior número de turistas no Brasil em junho de 2014**

<b>País de Origem</b>	<b>Junho de 2014</b>
Argentina	250-335
Estados Unidos	76617
Chile	76617
Colômbia	48976
Outros Países	47426
Reino Unido	46818

México	36325
Alemanha	33424
Uruguai	27558
Austrália	18974

Fonte: O preço de Uma Copa, Ministério do Turismo ([entre 2018 e 2021])

83% dos turistas internacionais apontavam que o Brasil atendeu plenamente ou superou suas expectativas e 95% afirmavam ter intenção de retornar ao Brasil. Mais de 700 mil turistas estrangeiros entraram no Brasil no mês de Junho de 2014, tal volume superava em 132% superior ao mesmo mês de 2013. Na primeira semana do mundial a taxa de ocupação do setor hoteleiro nas cidades-sede alcançou uma média de 80%, além de uma somatória de impacto financeiro no turismo brasileiro de 7 bilhões de reais. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2017; MINISTÉRIO DO TURISMO, FGV, 2014)

Já sobre o turismo interno de brasileiros, a Fundação Getúlio Vargas aponta que o fluxo doméstico de turistas durante a Copa do Mundo de 2014 chegou a marca de 3056398 pessoas, movimentando diretamente mais de 4,2 bilhões de reais e gerando 112 mil empregos, dos quais mais de 22 mil estavam no setor de hotelaria e hospedagem, (Ministério do Turismo, FGV 2014)

**Tabela 6 - Levantamento sobre a Movimentação Econômica no Turismo doméstico durante a Copa FIFA 2014 (em reais)**

TIPO	PRODUÇÃO TOTAL
Total	4206878811
Hospedagem	735446657
Alimentação	617795040
Transporte de ida e volta para a cidade do jogo	1286345584
Transporte interno nesta cidade	207069337
Compras pessoais	281698834
Ingressos	756589715
Atrativos e passeios	213215794
Outros gastos	108717940
Impostos (8,12%)	167900

Fonte: Ministério do Turismo, FGV (2014)

São somatórias extremamente expressivas, de um claro e forte impacto na economia brasileira durante aquele período, A indicação de que os turistas poderiam retornar ao Brasil no futuro geram também algum indicio de impacto positivo futuro. Porém é necessário ressaltar que esses dados por si só não são suficientes para

afirmamos que houve um legado concreto e expressivo no setor turístico brasileiro, seria necessário um acompanhamento a curto, médio e longo prazo, porém o exercício da correlação entre o impacto da Copa e dos números dos setores turísticos nos anos seguintes poderia levar a conclusões rasas, e/ou inconsistentes. Um exemplo deste tipo de impossibilidade de correlações de dá ao termos a afirmação de que “Apesar de as localidades e setores beneficiados apresentarem um maior nível de emprego, o que decorre em maior parte dos setores potencialmente beneficiados nos municípios visitados pelos turistas, este nível não se altera de forma diferente da tendência geral de emprego no país durante o período;” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2017, p.47)

**Figura 15 - Localidades mais visitadas durante a Copa de 2014**



Fonte: O preço de Uma Copa, Ministério do Turismo ([entre 2018 e 2021])

O Relatório de Prestação de Contas final referente à Copa das Confederações FIFA 2013 e à Copa do Mundo FIFA 2014 feito pelo Ministério do Esporte (2017), trouxe a análise de diferentes instituições a respeito da geração a respeito de geração de empregos promovidas pela Copa do mundo, cada uma delas com suas peculiaridades, metodologias e enfoques distintos de estudo. O Estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) afirma que: “os resultados não permitem afirmar que o fluxo de turismo em decorrente da realização da Copa Fifa de 2014 trouxe impactos significativos para o emprego formal no conjunto de localidades visitadas e de atividades potencialmente beneficiadas pelo fluxo de turistas durante o evento.” (Ministério do Esporte, 2017, p.47)

**Tabela 7 - Estimativas de Número de Turistas Domésticos e de seus Gastos na Viagem, no período da Copa das Confederações FIFA 2013. (em reais)**

<b>Cidade-Sede</b>	<b>Número de Turistas Domésticos</b>	<b>Gasto per-capita na cidade</b>	<b>Gasto per-capita total na Viagem</b>	<b>Total de Gastos na Cidade</b>	<b>Total de Gastos na Viagem</b>
Belo Horizonte	37.941	503,56	1.194,84	19.105.870,89	45.333.962,75
Brasília	12.009	846,22	1.132,52	10.162.457,92	13.600.605,58
Fortaleza	51.324	919,52	1.502,62	47.193.602,90	77.120.513,16
Recife	25.051	467,09	941,51	11.701.234,14	23.585.814,22
Rio de Janeiro	78.217	948,70	1.539,16	74.203.665,00	120.387.719,85
Salvador	43.095	724,35	1.532,35	31.215.642,36	66.036.661,75
<b>Total</b>	<b>247.637</b>	<b>728,6</b>	<b>1.348,41</b>	<b>193.582.473,21</b>	<b>346.065.277,29</b>

Fonte: Ministério do Turismo, FIPE (2013)

**Tabela 8 - Estimativas de Número de Turistas Estrangeiros e de seus Gastos na Viagem durante a Copa das confederações FIFA 2013**

<b>Cidade-Sede</b>	<b>Número de Turistas Estrangeiros</b>	<b>Permanência Média</b>	<b>Gasto Diário per capita</b>	<b>Total dos Gastos</b>
Belo Horizonte	5.973	6,5	229,11	8.950.797
Brasília	2.386	5,2	300,16	3.708.249
Fortaleza	6.603	7,6	228,40	11.515.586
Recife	4.084	7,4	283,47	8.598.458
Rio de Janeiro	17.309	9,4	263,99	43.139.281
Salvador	4.122	6,7	251,2	6.968.213
Total das - Sedes				82.880.583
Total Brasil	46.087.326	15,7	253,99	102.178.183

Fonte: Ministério do Turismo, FIPE (2013)

A diferença entre os valores envolvidos na Copa das Confederações da FIFA para a Copa do Mundo, nos permitem ter alguma noção da diferença de escala entre ambos eventos e o quanto grandiosa é a proporção da Copa do Mundo FIFA e que mesmo dentro de enfrentamentos entre seleções esta possui um patamar completamente distinto de importância. Mesmo sendo também um evento esportivo internacional e recebendo cobertura da mídia, ela tinha um caráter majoritário de evento teste para a execução no ano seguinte da Copa do Mundo.

A edição de 2013 acabou sendo sua penúltima edição até o momento, após a edição realizada na Rússia no ano de 2017 a FIFA resolveu não mais manter a competição em seu calendário oficial. (GHZ ESPORTES, ISTO É, 2019)

### 2.3 A Copa e o Esporte local

O Brasil adotou um modelo no qual se abrangia todas as regiões do Brasil, contemplando como sedes algumas localidades das quais as suas vantagens eram apontadas no campo turístico, não necessariamente levando em conta a tradição esportiva do futebol brasileiro e o contexto prévio do futebol local de muitas destas sedes. Muitas vezes então, nos discursos das figuras públicas envolvidas com a execução da copa do mundo em localidades com menos tradição no futebol, se falava de um suposto legado no desenvolvimento do esporte local.

**Quadro 2 - Cidades e estádios sedes da Copa do Mundo de 2014**

Belo Horizonte (MG) "Mineirão"	Brasília (DF) Estádio Nacional Mané Garrincha	Cuiabá (MT) Arena das Dunas	Curitiba (PR) "Arena da Baixada"
Fortaleza (CE) "Castelão"	Manaus (AM) "Arena da Amazônia"	Natal (RN) Arena das Dunas	Porto Alegre (RS) Beira-Rio
Recife/São Lourenço da Mata (PE) Arena Pernambuco	Rio de Janeiro (RJ) "Maracanã"	Salvador (BA) Itaipava Arena Fonte Nova	São Paulo (SP) Neo Química Arena

Eram, portanto, 1 sede na região Norte, 2 no Centro Oeste, 2 no Sul, 3 no Sudeste e 4 na região Nordeste.

Sobre estas questões levantadas anteriormente, Mascarenhas faz os seguintes apontamentos:

Se compararmos a edição brasileira com as anteriores, percebemos que o Brasil adotou para 2014 um modelo espacialmente integrador, ao recobrir todas as regiões do país. O problema reside na estrutura espacial do mercado futebolístico nacional, oligopolizado e por isso altamente concentrador. Cidades como Natal, Manaus, Brasília e Cuiabá, cujos clubes se encontram tradicionalmente muito distantes da Série A do campeonato nacional, produziram seus estádios sem garantia de futura sustentabilidade econômica. Médias de público de dois a três mil espectadores por jogo são habituais nestas cidades, e não será um novo estádio que alterará radicalmente este quadro, e sim a qualidade técnica dos times e o prestígio social de seus clubes. Algo muito difícil no contexto da metropolização do futebol, que impõe nestas regiões o culto a clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, (Mascarenhas, 2015, p.9)

Os estádios foram convertidos ou construídos agora como arenas modernas, estas das quais teriam em tese um potencial de atração do capital privado. Refletindo a época a tentativa de modernização do futebol brasileiro como uma prática mercadológica, Esses novos e modernos estádios passaram a adentrar cada vez mais numa nova lógica excludente e elitista do futebol brasileiro, seguindo padrões impostos internacionalmente e que não eram muitas das vezes os mais adequados para as realidades locais, descaracterizando a relação das torcidas com os seus estádios, Os estádios que eram os locais de encontro das diversas massas, cada vez mais se tornam, em mais um ponto de encontro quase que exclusivo das elites.(JUNIOR, 2015, MARICATO, 2014, MASCARENHAS, 2015, VAINER, 2014)

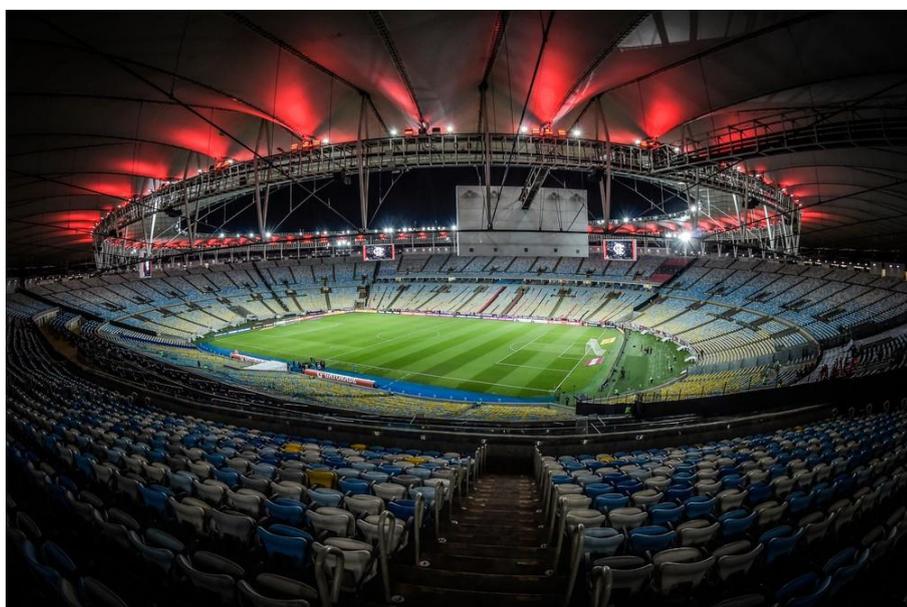
Do ponto de vista do futebol como um negócio. Reis, Telles e Da Costa (2013) acreditavam que:

Aliados a fatores competitivos intracampo e organizacionais, acreditamos que o legado dos estádios impactará positivamente no negócio futebol, verdadeira indústria produtora de espetáculos e bens de consumo, que se desenvolve através do relacionamento clube/torcedor (AIDAR; LEONCINI, 2002), principalmente, na bilheteria como fonte de receitas para os clubes da Série A. (REIS, TELLES, DA COSTA, 2013, p.594 apud, Aidar, Leoncini, 2002)

Nós enquanto indivíduos desenvolvemos noções e laços de afetividade e pertencimento com determinados lugares, tais sentimentos e as relações subjetivas de cada indivíduo categorizam a Topofilia. (YI FU TUAN, 1983, 2012) A desconfiguração destas relações, transfigurando os estádios em prol do atendimento de padrões internacionais, vem por ferir algo que é intrínseco do futebol, que é a construção de uma relação topofílica entre os torcedores de um clube e o estádio no

qual ele tradicionalmente joga, este que é o ambiente de pertencimento dele, no qual um grupo socialmente diverso e múltiplo compartilha através do futebol um mesmo tipo de relação que os une. A relação de um clube e sua torcida: “ É um sentimento de ‘comunidade reunida’ em torno de um pertencimento afetivo a um grupo“ (ORIGUELA, C. DA SILVA, 2014, p.84) Portanto, “O futebol mobiliza e apaixona as pessoas. É uma atividade dotada de multivocalidade, ou seja, podemos entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista. (ORIGUELA, C. DA SILVA, 2014, p.82 apud DAMATTA, 1982, 1994) e o: “O esporte constituiu-se como um espaço privilegiado para a construção de identidades e de desenvolvimento da alteridade” (RUBIO, 2009, p.80)

**Figura 16 - Novo estádio do Maracanã**



Fonte: Globo Esporte (2019)

Para seguir os padrões internacionais que são impostos pela FIFA e COI, os custos são bastante elevados e a futura utilização dos estádios é em muitas das vezes extremamente questionável. Broudehoux comenta sobre os altos gastos que os estádios olímpicos geraram para as suas cidades e a sua baixa utilização posterior ao evento. Apontando que:

O estádio olímpico em Beijing custou um bilhão de dólares. Ele foi usado por duas semanas para as olimpíadas, depois por mais duas semanas para as paraolimpíadas. No ano seguinte, em todo o ano de 2009, ele foi usado duas vezes: duas noites para Ópera. No resto do ano, o estádio permaneceu aberto para turistas olharem uma construção vazia. Não há time profissional de qualquer esporte atualmente usando o estádio. Esse caso ilustra o que também aconteceu em Atenas, Sydney, Montreal. Estas construções custam entre \$250.000,00 e \$500.000,00 por ano só para

serem mantidos. Em Montreal, o estádio olímpico só terminou de ser pago 30 anos após sua construção. (Broudehoux, 2010, p.32)

Cabe aqui ressaltar que: “Os estádios, as 12 arenas de capitais selecionadas, tiveram investimentos da ordem de R\$ 8 bilhões cujos recursos vieram de financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), de fontes locais (estaduais e municipais) e privadas. (PELIANO, 2014, p.16)

A baixa integração dos estádios com a vida futura de suas cidades foi um problema que ocorreu e ganhou forte destaque na Copa do Mundo de 2010, aportes grandiosos foram feitos em cidades que não possuíam tradição esportiva no futebol, os estádios com elevados custos de manutenção se tornavam problemas para as suas cidades terem que lidar, a razoabilidade desse tipo de investimento quando haviam uma série de problemas de infraestrutura urbana básica nas cidades foi bastante questionada, o que se via portanto, era que vários aspectos deste cenário ocorreriam também no Brasil, já era de conhecimento público e notório que seriam necessárias estratégias adequadas para que estes estádios não virassem verdadeiros elefantes brancos. (MARICATO, 2014, PORTO, CERON, 2013)

Sobre a Copa do Mundo de 2010 e a realidade dos estádios e do futebol da África do Sul, Bolsmann (2015) faz o seguinte diagnóstico:

Um legado incerto da Copa do Mundo de 2010 é a viabilidade dos estádios construídos e reformados para o torneio de um mês. Em certos locais não há times profissionais como Nelspruit e Port Elizabeth. Onde há times profissionais, eles não têm base de fãs para preencher os estádios. Os times mais famosos da África do Sul são de Soweto: Kaizer Chiefs e Orlando Pirates. Quando esses times se enfrentam eles lotam a Cidade do Futebol em Johannesburgo. No entanto, esse não é o caso quando eles jogam contra times menores. [...] Os organizadores locais insistiram no dossiê de candidatura que os estádios seriam construídos “...de forma economicamente viável para beneficiar a comunidade por muitas décadas”. (Bolsmann, 2015, p.536)

É necessário aqui trazer um pequeno resgate histórico a respeito da Copa do Mundo de 1950 e de um legado que ela trouxe. Para a sua execução foi construído o estádio do Maracanã, este exerceu um papel fundamental na história do futebol carioca e brasileiro, sendo um dos principais palcos do futebol mundial.

A Copa foi responsável direta pela construção do Maracanã. Este, por sua vez, ajudou a transformar a relação do torcedor com o futebol. O estádio carioca encurtou um processo que começara após a boa campanha brasileira na Copa de 1938. O Maracanã tornou o esporte popular. Engrandeceu o futebol carioca e nacional. (SALGADO, [2014?], online)

**Figura 17 - Maracanã lotado na final da Copa de 1950**



Fonte: Blog do Juca (2020)

**Figura 18 - Cartaz da Copa do Mundo de 1950**



Fonte: Blog do Juca (2020)

No ano de 2010 o Tribunal de contas das União separou as doze sedes em 3 grupos de risco econômico. O primeiro grupo era composto por: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, para este grupo se considerou que o risco era praticamente inexistente, afinal estas cidades possuem clubes de grande relevância esportiva, tendo assim grandes torcidas e a receita gerada por elas seria suficiente para cobrir os custos das obras dos estádios. (TAVARES, 2010)

O segundo grupo era o de riscos considerados moderados, estando eles

portanto as cidades de Curitiba, Fortaleza, Salvador e Recife, considerava-se que em comparativo as cidades do grupo 1 estas possuíam clubes de menor porte, porém estas cidades possuíam boas médias de público ao longo dos anos e seriam, portanto, capazes de cobrir os custos de obras e manutenção dos estádios. (TAVARES, 2010)

Alguns pontos podem ser vistos por outras perspectivas ao longo dos anos. Vários dos clubes das cidades do grupo 1 passam por momentos extremamente delicados tanto no âmbito esportivo quanto no econômico, com destaque em especial para o Botafogo de Futebol e Regatas, o Club de Regatas Vasco da Gama e o Cruzeiro Esporte Clube, os quais participam da edição de 2021 da série B do campeonato brasileiro, estes vem sofrendo com um enorme endividamento e com quedas e comprometimentos em suas receitas. (CAPELO, 2020, 2021) Empresas comuns declarariam falência caso tivessem o mesmo perfil entre dívidas e capacidade de arrecadação destes clubes. Já clubes como o Clube de Regatas do Flamengo e a Sociedade Esportiva Palmeiras passaram por profundas transformações em suas gestões administrativas, aliando atualmente poderio econômico, conquistas desportivas e expressivas médias de público. Com estes fatores o Flamengo obteve em renda bruta de bilheteria mais de 96 milhões de reais e o Palmeiras com seu estádio próprio, chegou a valores superiores a 55 milhões de reais em bilheteria bruta. (MANIADEUT, SILVA, LEITÃO, 2019)

Chama também atenção O endividamento gerado ao Corinthians pela construção de seu estádio, segundo CASSUCI e CANHEDO (2020) o montante a ser pago para a Caixa Econômica Federal alcança os 569 milhões de reais, além de reajustes anuais previstos em contrato, 300 milhões serão abatidos do naming rights do estádio (Neo Química arena) e os outros 269 serão cobrados em parcelas anuais, as quais suprimirão bastante a fonte de renda do clube vinda das bilheterias de jogos. Sendo que ano de 2019 o clube gerou uma renda bruta de mais 60 milhões de reais em bilheteria. (MANIADEUT, SILVA, LEITÃO, 2019)

Já sobre o grupo 2, temos a ascensão e recuperação econômica e desportiva de clubes destas cidades, tais como se percebe no Ceará Sporting Club, no Club Athletico Paranaense, no Esporte Clube Bahia e no Fortaleza Esporte Clube, todos estes com boas médias de comparecimento de público em seus jogos, com boas

práticas de gestão administrativa e financeira nos anos mais recentes, postulando ocupar espaços econômicos e desportivos que antes eram ocupados por equipes em crises das cidades do grupo 1.

O terceiro e último grupo do relatório do TCU, era o grupo de alto risco econômico, sendo composto pelas sedes de: Brasília, Cuiabá, Manaus e Natal. Estas eram as sedes cujo os seus clubes respectivos tinham menor tradição esportiva, além da tradição as médias de públicos eram baixas e não seriam suficientes para cobrir a manutenção destes estádios e que havia um grande risco de eles acabarem virando elefantes brancos. (TAVARES, 2010). O Cuiabá Esporte Clube é o único representante destas cidades que conseguiu chegar na primeira divisão do futebol brasileiro masculino, usufruindo da Arena Pantanal como a casa de seus jogos, tal realidade põe em xeque também o suposto legado de desenvolvimento do esporte local nestas localidades.

Como Mascarenhas (2015) apontou, o futebol brasileiro teve em sua formação e popularização um núcleo muito fechado, privilegiando fortemente o futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo os clubes destas cidades que possuem a maior exposição constante na mídia, tal fator colaborou historicamente para que a maioria dos torcedores de futebol nas cidades deste grupo 3 torcessem majoritariamente para clubes de Rio de Janeiro e São Paulo.

Assim sendo não seria a mera disponibilidade de um estádio que viria a transformar totalmente a realidade do esporte local, rompendo uma estrutura pré-existente e consolidada por mais de um século de história desportiva, como o cenário que já havia ocorrido previamente na África do Sul (BOLSMANN, 2015), tal conclusão é reforçada pelo desempenho esportivo e econômico dos clubes de Brasília, Manaus e Natal. Sem que haja um plano robusto e bem desenvolvido para o estímulo do esporte não se prospectarão cenários positivos a curto e médio prazo.

**Figura 19 - Ranking de endividamento de clubes 2020 (Divida em milhões)**

RK 2020	Clubes	2020	2019	Varição 2019-2020
1	Atlético-MG	1.208,5	746,6	62%
2	Cruzeiro	962,5	799,1	20%
3	Corinthians	949,2	783,7	21%
4	Botafogo	946,2	826,4	15%
5	Internacional	882,9	794,3	11%
6	Vasco da Gama	830,6	741,3	12%
7	Flamengo	680,8	509,5	34%
8	Fluminense	649,1	642,5	1%
9	São Paulo	575,1	503,2	14%
10	Palmeiras	565,2	501,2	13%
11	Santos	539,7	440,2	23%
12	Grêmio	396,1	410,4	-3%
13	Coritiba	299,5	307,9	-3%
14	Bahia	267,9	224,2	19%
15	Athletico-PR	200,3	278,5	-28%
16	Red Bull Bragantino	144,0	125,4	15%
17	Goiás	60,4	48,6	24%
18	Fortaleza	38,0	25,1	51%
19	Atlético-GO	33,3	28,4	17%
20	Ceará	26,5	14,3	86%

Fonte: UmDoisEsportes (2021)

**Tabela 9 - Média de público da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de futebol masculino de 2010**

Corinthians/SP- 27.446	Ceará/CE- 23.467	Fluminense/RJ- 22.993
Grêmio/RS- 20.369	Flamengo/RJ- 18.945	Botafogo/RJ- 18.728
Internacional/RS- 16.630	Athlético/PR- 16.377	Cruzeiro/MG- 16.072
Vitória/BA- 15.849	São Paulo/SP- 14.704	Vasco/RJ- 13.967
Atlético/MG- 13.447	Palmeiras/SP- 10.971	Avai/SC- 9.447
Santos/SP- 9.200	Goiás/GO- 7.968	Atlético/GO- 7.891
Guarani/SP- 7.739	Prudente/SP- 4.569	

Fonte: Blog do Gerson Moreira (2010)

**Tabela 10 - Tabela 10: As 30 maiores médias de público do futebol brasileiro em 2019**

	Time	Média de pagantes	Renda bruta	Ticket médio
1.	Flamengo	52.537	R\$ 96.905.951	R\$ 51
2.	Corinthians	33.143	R\$ 61.087.032	R\$ 49
3.	Palmeiras	28.774	R\$ 55.361.969	R\$ 56
4.	Fortaleza	28.236	R\$ 11.986.118	R\$ 12
5.	São Paulo	27.424	R\$ 38.833.014	R\$ 47

6.	Bahia	24.958	R\$ 17.266.273	R\$ 20
7.	Cruzeiro	24.217	R\$ 19.985.614	R\$ 24
8.	Internacional	24.179	R\$ 40.336.417	R\$ 46
9.	Ceará	22.755	R\$ 11.088.428	R\$ 16
10.	Grêmio	21.557	R\$ 36.676.807	R\$ 45
11.	Atlético-MG	19.045	R\$ 17.930.755	R\$ 24
12.	Fluminense	18.210	R\$ 17.691.735	R\$ 28
13.	Vasco	18.154	R\$ 24.836.065	R\$ 42
14.	Coritiba	17.099	R\$ 6.650.205	R\$ 14
15.	Athletico-PR	16.349	R\$ 21.031.400	R\$ 34
16.	Remo	14.131	R\$ 6.223.745	R\$ 23
17.	Botafogo	13.035	R\$ 10.570.321	R\$ 27
18.	Sport	12.648	R\$ 7.051.814	R\$ 20
19.	Santos	11.900	R\$ 13.442.181	R\$ 36
20.	Paysandu	11.647	R\$ 6.345.879	R\$ 25
21.	Goiás	9.506	R\$ 8.571.270	R\$ 28
22.	CSA	8.895	R\$ 7.498.159	R\$ 29
23.	Avaí	7.226	R\$ 9.107.351	R\$ 39
24.	Santa Cruz	6.166	R\$ 2.500.020	R\$ 18
25.	Náutico	5.935	R\$ 3.258.538	R\$ 22
26.	Vitória	5.875	R\$ 2.151.737	R\$ 13
27.	Juventude	5.486	R\$ 1.964.185	R\$ 16
28.	Chapecoense	5.468	R\$ 5.836.837	R\$ 33
29.	Botafogo-SP	5.236	R\$ 2.696.362	R\$ 21
30.	Sampaio Corrêa	5.193	R\$ 2.147.009	R\$ 19

Fonte: Guilherme Maniaudet, Leandro Silva e Leslie Leitão, Globo Esporte (2019)

Na comparação entre médias de público de 2010 e 2019, temos a clara percepção de que houve um aumento expressivo no público presente nos estádios, porém são necessárias algumas ressalvas. Alguns dos principais estádios do país em 2010 já estavam fechados para as reformas para a Copa do mundo, mas mesmo com isto posto existem alguns indícios de que os estádios modernos, os avanços em segurança e conforto. propiciaram efetivamente aos seus clubes, um maior atrativo para a presença constante de público e na consequente obtenção de renda através desta fonte.

Reis, Telles e Da Costa (2013) apontavam que a Série A de 2011 tinha arrecadado R\$ 117,7 milhões de receita bruta com a somatória total dos 380 jogos daquela edição, para compreendermos o salto em renda que ocorreu nesta década podemos utilizar como exemplo: o fato de que somente as bilheterias obtidas por

Flamengo, Corinthians e Palmeiras nos jogos em que eles foram os mandantes, em diversas competições disputadas por eles ano de 2019, alcançaram a marca dos 213,3 milhões de reais, (MANJAUDET, SILVA, LEITÃO, 2019) tal quantia obtida por 3 clubes supera em demasia os valores obtidos na série A de 2011, pelas 20 equipes que disputaram aquela edição.

## **2.4 A Copa do Mundo como ferramenta da Especulação e da Segregação**

Ao observamos as 12 sedes da Copa do mundo do Brasil e também a maior parte das cidades que sediaram Megaeventos esportivos, podemos observar a ocorrência de um mesmo tipo de fenômeno. Este fenômeno é o da explosão da atuação da especulação imobiliária nestas cidades. Vários dos aspectos do imaginário construído sobre esse evento ajudam para que isso ocorra, em especial as promessas de um legado urbano, da construção de novos empreendimentos, de revitalização de bairros, da ressignificação da função motriz de certas regiões. Todas essas promessas são utilizadas como ferramentas para justificar o aumento repentino do valor das propriedades, dos alugueis e de outros aspectos que afetam o custo de vida da cidade. Mesmo obras que atendam alguma carência urbana básica, como as de mobilidade urbana acabam agindo dentro deste mesmo processo. (DA SILVA, 2014; MARICATO, 2014; ROLNIK, 2014; VAINER, 2014. JUNIOR, 2015. RIBEIRO, JUNIOR, 2015; JUNIOR, LIMA, 2015. CASTRO, NOVAES, 2015. NASCIMENTO, 2015. CASTRO, GAFFNEY, NOVAES, et,al, 2015. CARVALHO, 2015, GAGLIARD, 2015)

Sobre a associação entre megaeventos e especulação imobiliária/fundiária, pode se afirmar que: “Nossas cidades estão confrontadas à valorização acelerada do solo, que resulta de fortes movimentos especulativos favorecidos pelas intervenções governamentais. A apropriação, sob a forma de ganhos fundiários (mais-valores imobiliários) [...]” (VAINER, 2014, p.74)

Rolnik (2014) destaca alguns dos mecanismos pelos quais se dão a Especulação Imobiliária alavancada por um megaevento. Segundo ela portanto:

A lógica do “legado urbano” dos megaeventos pode ser entendida no âmbito do que ocorreu com o mercado imobiliário e de terras que, com a globalização, passou a ser parte fundamental do circuito financeiro internacional. Vivemos uma “financeirização” do processo de produção de moradia e de cidades. Isso significa que os ativos imobiliários, mais do que

representarem um valor de uso para as cidades, são um ativo financeiro passivo de especulação. Não é possível entender o projeto do Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, ou o da Cidade da Copa, no Recife, senão nesse contexto (Rolnik, 2014, p.67).

A cidade não mais existe pra cumprir a sua função social, os terrenos imobiliários muito menos, sua principal função é a de ser um ativo financeiro. Assim sendo: “Em termos de política urbana, isso representa uma convergência do modelo de gestão pública para um ambiente de negócios, isto é, atração de investidores interessados em abrir novas frentes de valorização de produtos e serviços pela cidade,” (DA SILVA, 2014, p,18) Além do que: “[...] Projetos de intervenção ganharam ainda mais as marcas de uma cidade para os negócios e os lucros, mais do que da qualidade de vida para as pessoas. (BRANDÃO, 2016, p.1128)

Dentro do Empreendedorismo Urbano descrito por Harvey (2005) os empreendimentos não visam a cidade como um todo, não são planejamentos pautados na razoabilidade, se atua em áreas específicas da cidade, objetivando a capitalização e pela iniciativa privada uma das principais ferramentas é atuação especulativa que é potencializada por estes empreendimentos, Em vez de usufruir das benesses associadas as estas iniciativas, estas acabam por gerar um aumento em seu custo de vida, sufocando ainda mais a população mais vulnerável. (JUNIOR, 2015; RIBEIRO, JUNIOR, 2015)

Portanto é evidente que: “O planejamento urbano, nas cidades que sediaram megaeventos esportivos, muitas vezes tem esse caráter “mercadófilo”, que é voltado para os interesses do mercado imobiliário e do grande capital. A melhoria da qualidade de vida da população local não parece ser uma preocupação latente neste tipo de planejamento.” (DE SOUZA, 2013, p.26)

A cidade de Barcelona que é tida como um modelo supostamente exitoso da revitalização e transformação urbana de uma cidade através da execução de um megaevento vivenciou tais contradições que este modelo proporciona: e assim sendo:

A ambivalência é por ele entendida a partir das transformações positivas ocorridas nos anos de 1980 na cidade de Barcelona, transformações que alteraram significativamente a vocação da cidade, com um urbanismo que denomina de cidadão. Mas a valorização da cidade por meio de projetos de regeneração dos bairros, oferta cultural diversificada, revalorização do patrimônio arquitetônico e desenvolvimento da infraestrutura urbana também teve como legado transformá-la, nos anos de 1990, negativamente, formando um local de especulação, principalmente, com o aumento do preço do solo e

das residências, tendo como consequência o deslocamento de parcelas da população para região metropolitana (BORJA, 2007). “ (Pilão, 2016, p.7 apud Borja, 2007)

Ficando claro como o processo de especulação imobiliária é um aprofundador de desigualdades e problemáticas sociais, afinal estes indivíduos além de perderem poder de compra e se sujeitarem a habitações muitas vezes mais precárias que as anteriores, passam a perder mais tempo útil e de descanso em suas idas e voltas diárias ao trabalho.

Broudehoux: também apontava esta questão conflituosa e de como ela parece ser um elemento fundamental da constituição dos Megaeventos em geral, segundo ela:

Esse é um dos maiores desafios e eu não sei se pode ser resolvido. Toda vez que vemos um mega evento nós vemos exatamente os mesmos conflitos. Quando olhamos para as olimpíadas na China, pensamos que tinha a ver com ser uma ditadura, mas em Vancouver, no Canadá, que supostamente é uma nação democrática, as pessoas pobres e sem teto foram tratadas da mesma forma como os pobres na China e como os moradores das favelas serão tratados no Rio. Portanto, esconder a parte pobre e servir a interesses específicos é o que vemos em qualquer lugar. Isso é dirigido pela aspiração de ser uma cidade global, essa visão do que é uma cidade global (...): eficiência, modernidade, não há pobreza. (Broudehoux, 2010, p.31)

Assim mais valem as supostas aparências que serão construídas e exibidas ao mundo neste grande espetáculo midiático, não importando se a cidade é ou não funcional para seus habitantes, basta que ela seja capaz de suprir as demandas naquele curto período de tempo do evento, fortalecendo assim a sua posição frente a concorrência global.

Esses fenômenos não se originam dos megaeventos, mas ganham neles os pressupostos necessários para se fortalecerem e ganharem novas proporções. Sendo assim:

Evidentemente, essas operações e essa lógica não são decorrentes da organização dos megaeventos esportivos e não surgem a partir dela. Porém, em todas as cidades e países que sediam um megaevento, esse urbanismo ad hoc – operações imobiliárias sustentadas na ideia do legado e das transformações urbanísticas proporcionadas pelos Jogos – ganha grande envergadura, superando obstáculos que a eles se antepunham pela ordem urbanística e por marcos regulatórios anteriores. Assim foi em Pequim, Cidade do Cabo e Londres. (Rolnik, 2014, p.67)

Os megaeventos esportivos estão cada vez mais relacionados com desapropriações, 15 % da população de Seul foi desalojada para a execução das Olimpíadas de Seul, 15 mil para as Olimpíadas de Atlanta (1996 e 1.5 milhões nas

Olimpíadas de Pequim. (SILVA, PORTELLA, PEREIRA, 2016 apud Marceline 2013) No caso do Brasil para a copa do mundo, Vainer indicava que: “Estima-se entre 200 e 250 mil o número de pessoas removidas, quase sempre reassentadas em conjuntos precários, em zonas carentes de urbanização, distantes da antiga moradia e do mercado de trabalho.” (Vainer, 2014, p.73) Várias destas famílias se viram, portanto, envolvidas em processos de uma periferização forçadas, que ocorrem por meio de uma total precarização das condições de habitação, atingindo uma parcela muito expressiva e vulnerável da população, destruindo o seu direito básico de habitação digna. Assim sendo: “não há como não reconhecer que a cidade da especulação imobiliária é uma cidade em que se privatizam recursos públicos e se aprofundam as desigualdades e a segregação sócio-espacial” (Vainer, 2014, p.74)

Esse processo de expulsão da população vulnerável é extremamente problemático. Em várias das metrópoles brasileiras a opção que resta para esta população, são as invasões, comunidades sem regularização, ou somente de predominância de população de baixa renda. Em vários momentos estes foram removidos de suas residências para viabilizar alguma obra vinculada a execução da Copa do mundo. É necessário ressaltar que; “Os procedimentos adotados durante as remoções estão muito distantes de corresponder ao marco internacional dos direitos humanos. O direito à informação, à transparência e à participação direta dos atingidos na definição das alternativas de intervenção sobre suas comunidades não está sendo nem de longe respeitado” (ROLNIK, 2014, p.69)

Além disso fica clara o quão de maneira abusiva se deram estes processos de remoção,

De acordo com as leis internacionais sobre o direito à moradia – das quais o Brasil é signatário –, quando uma remoção precisa ser de fato realizada, a comunidade tem o direito de conhecer o projeto, de discuti-lo e de apresentar alternativas. Tem também o direito de contar com um organismo independente que lhe dê assistência técnica e jurídica para acompanhar o caso – por exemplo, a universidade pública. Mas não é assim que vem acontecendo. Os funcionários das prefeituras simplesmente vão às comunidades e pintam um número na parede: é dessa forma que famílias ficam sabendo que não mais poderão permanecer ali. (Rolnik, 2014, p.69)

O fruto desta realidade é o agravamento e legitimação da segregação socioespacial, Pois: “Estão emergindo dos megaeventos cidades mais desiguais, socialmente mais segregadas, nas quais os eventuais benefícios dos investimentos realizados são apropriados pelas camadas de renda média e alta, mas sobretudo

pelos detentores da propriedade fundiária e pelos capitais da promoção imobiliária.” (VAINER, 2014, p.73) Assim sendo: “observa-se que, os impactos que as obras da Copa vêm gerando atingem prioritariamente populações mais pobres e mais vulneráveis, o que poderá promover ainda mais, a forte desigualdade socioespacial, marca das cidades brasileiras.” (RAMALHO, 2012, p.15)

No caso de Recife esta situação problemática foi agravada, tanto que;

Conforme estabelecido no zoneamento da cidade, a previsão da política urbana de São Lourenço da Mata era usar a área do projeto da Cidade da Copa para viabilizar moradias de população de interesse social. Dessa forma, o Plano Diretor do município enquanto instrumento básico da política urbana foi desconsiderado para viabilizar os projetos da Copa. (RAMALHO, 2012, p.14)

Maricato reforça a visão, que de certa forma ressalta a percepção de uma “tragédia” que vinha sendo previamente anunciada, que foi executada às claras sem que ela tivesse a devida repercussão e indignação pública, além de que no caso da cidade do Rio de Janeiro esta situação foi ainda mais potencializada, afinal:

Uma tendência geral de expulsão dos pobres da cidade, com a valorização imobiliária vinculando-se à distinção de classe, é o que se verifica. Ainda assim, apesar de reconhecer a “monótona regularidade” das estratégias territoriais (e sociais) que acompanham os megaeventos no mundo, é impossível conter a perplexidade diante do que acontece hoje com as cidades brasileiras na Copa de 2014, em especial com a violentada metrópole do Rio de Janeiro, que sediará também os Jogos Olímpicos de 2016” (Maricato, 2014, p.19)

Na cidade São Paulo fica evidente como de maneira naturalizada e explícita era tratada a questão especulativa, associada ao aumento de custo de vida que seria uma das consequências vindas da construção e consolidação do estádio do Corinthians naquela região. Sobre tal Porto e Ceron (2013) pontuam que:

“Segundo uma publicação realizada no dia 03 de Abril de 2012 no site Le Monde Diplomatique Brasil, no município de São Paulo, especificamente no bairro do Itaquera, está sendo realizada a construção do estádio do Corinthians que será palco da estreia da Copa do Mundo de 2014. A construção da obra chama a atenção pelo fato de que depois de realizada aumentará muito o custo de vida do local onde reside gente de classe média baixa. Isto não ocorre apenas em Itaquera, mas em qualquer local que recebe um megaempreendimento, acaba se tornando algo natural, lei da oferta e procura. (Porto, Ceron, 2013, p.439)

É mais do que recorrente ao longo da história esse tipo de narrativa, nas quais se põem mazelas sociais como sendo naturais e inevitáveis, ignorando o seu forte caráter histórico e Socioeconômico.

A nova arena do Grêmio inaugurada em 2013, mesmo esta não tendo sediado jogos da copa do mundo também está inserida nestes processos especulativos e segregatórios. Ela é localizada no bairro Humaitá, um bairro ligado a vias rodoviárias, mas que era considerado um local de concentração de vazios demográficos e que vinha desde o início dos anos 2000 vivendo um processo de expansão imobiliária e da conseqüente especulação imobiliária, o estádio luxuoso contrasta com as humildes casas da população que vive neste bairro. (COLLETO, 2021)

Alexsandro da Silva (2014), dialoga com vários dos autores e pontos construídos nos estudos desenvolvidos e previamente citados, assim sendo temos o seu diagnóstico sobre a Copa do Mundo de 2014, sua associação com a especulação Imobiliária, com enfoque na cidade de Natal, mas associando também as outras sedes:

O megaevento Copa do Mundo 2014 e os impactos urbanos gerados criam um universo de negócios – um “capitalismo de laços” – que excede o interesse esportivo e conecta o espaço local ao internacional de modo inédito. Com os GPUs [Grandes Projetos Urbanos], está-se elevando o nível de equivalência da acumulação urbana, seja em metrópoles como São Paulo, seja em cidades médias como Natal. Em tais coalizões, os grupos formadores dos campos de disputa conseguem, de modo associado, empreender transformações estratégicas sobre o tecido urbano, reduzindo os espaços de diálogo e contestação. [...] Esse reclame não faz parte da coalizão estruturada pelo governo e pelos empreendedores capitalistas para a realização da Copa no Brasil e em Natal. (DA SILVA, 2014, p.24)

## **Seção 3 – Análise do projeto de Brasília – Peculiaridades e similaridades com as outras sedes**

### **3.1 Escolha de Brasília como sede da Copa**

No ano de 2009 Brasília foi confirmada como uma das sedes da Copa do Mundo FIFA de 2014. O Processo continha 17 cidades das quais as 12 confirmadas foram as cidades de: Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e São Paulo (SP). As 5 cidades perdedoras neste processo de escolha pela FIFA foram as cidades de Belém (PA), Campo Grande (MS), Florianópolis (SC), Goiânia (GO) e Rio Branco (AC). (CALIPO, 2009)

Os aspectos levados em consideração nas escolhas de sedes de megaeventos não são meramente técnicos, é evidente que a infraestrutura prévia de setores fundamentais, o prestígio internacional e a identidade cultura da cidade; país tem um peso na decisão, mas não deve ser jamais ignorado o caráter político deste tipo de escolha. (ROMERO, 2011) Ainda mais quando as instituições envolvidas são o COI e a FIFA.

Brasília é a capital administrativa do país, o centro do funcionalismo público, uma das principais metrópoles da América Latina, com papel fundamental na lógica de transportes e mobilidade do Brasil. assim sendo a escolha como uma das sedes era até natural, porém não era necessariamente obrigatória a sua escolha. Tanto que a megalópole Tóquio, capital do Japão não sediou jogos na Copa do Mundo de 2002 (Coréia do Sul e Japão).

Se considerarmos a tradição esportiva e as médias de público nos estádios, Goiânia, Florianópolis e Belém teriam mais peso para serem escolhidas do que cidades como Brasília, Natal, Cuiabá e Manaus. Brasília, no entanto, associa um prestígio internacional relacionado a sua concepção arquitetônica moderna, com um grande peso político evidente além de sua estrutura prévia ligada a mobilidade urbana em especial. Como já citado previamente ao longo das seções anteriores, o fator e o setor turístico das cidades têm um enorme peso nas tomadas de decisões, neste âmbito Cuiabá ao estar inserida no Pantanal teria em tese um maior apelo identitário e turístico para o público estrangeiro que Goiânia a sua “concorrente” na

região Centro-Oeste, porém Nascimento aponta que:

[...] o plano de inserir Cuiabá na rota do Mundial em 2014 não estava relacionado a fazer com que Mato Grosso como Estado recebesse turistas no Pantanal; mesmo porque, de acordo com os levantamentos realizados por essa pesquisa, do total de investimentos previstos para o desenvolvimento do turismo na região do Pantanal de Poconé, uma das principais sub-região do Pantanal no Estado, até o momento, nada foi de fato construído ou investido. (Nascimento, 2015, p.264)

Já a “A escolha de Manaus como cidade-sede ocorre pelo fato de sua posição estratégica no acesso para a Floresta Amazônica, sendo por isto, muito conhecida em outros países. [...] A escolha não tem ligação com o potencial esportivo da cidade, econômico ou social [...]” (RIBEIRO, 2015, p.326)

Brasília juntamente com Belo Horizonte, São Paulo e Salvador disputaram o sedimento da Abertura da Copa do Mundo de 2014. Porém a ganhadora de tal disputa foi a cidade de São Paulo, fato que era bastante previsível considerando a formação hegemônica do futebol brasileiro, o peso político e econômico do estado, dos clubes e da Federação de São Paulo (MASCARENHAS, 2015). Como “premio de consolação” Brasília sediou o jogo de Abertura entre Brasil e Japão, na abertura da Copa das Confederações de 2013, evento que ocorreu em um momento de efervescência política, no qual Joseph Blatter, presidente da FIFA naquele momento e Dilma Rousseff a autoridade máxima do Brasil na época foram vaiados pelo público. Brasília sediou também a disputa de terceiro lugar da Copa do Mundo de 2014, a derrota por 3 a 0 do Brasil para a Holanda (ALENCASTRO, REUTERS, 2013, BENITES, 2014) Belo Horizonte outra das perdedoras no processo de escolha da sede de abertura da Copa, sediou um dos jogos de semifinais daquela edição, que acabou sendo justamente o fatídico 7 a 1 para a Alemanha.

O aspecto identitário multiétnico da cidade, o modelo arquitetônico moderno e monumental de Brasília e o fato dela ser um Patrimônio Histórico da Humanidade foram utilizados pelo GDF nas suas argumentações em prol de sua candidatura para abertura da Copa de 2014:

[...] O Governo do Distrito Federal lista uma série de vantagens da cidade em relação às demais concorrentes. A capital do país não só representa todo o povo brasileiro como também recebe pessoas de todas as regiões. É característica da cultura brasiliense a mistura de sotaques, comidas, gostos, identidades

Cidade planejada, Brasília impressiona pela peculiaridade das ruas, blocos, setores e monumentos. É o único lugar no mundo com menos de 100 anos com o título de Patrimônio Histórico da Humanidade, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

Os turistas que visitarão a cidade para acompanhar os lances dos craques do futebol de toda parte do planeta vão conviver com a genialidade de dois célebres representantes da arquitetura moderna: Lucio Costa e Oscar Niemeyer, respectivamente, idealizador do plano urbanístico e criador dos mais marcantes edifícios que definem a paisagem urbana da capital. (ANUÁRIO DO DF, 2011,140 apud GDF,MONTEIRO)

### **3.2 Características Gerais do Projeto e de Brasília**

Brasília pode ser vista como a concretização material de uma política territorial, materializando um contexto sócio-histórico brasileiro, no qual a nação se expandia e o mercado queria abranger sua atuação plena no território brasileiro, tínhamos na época a expansão da indústria de base e a abertura para empresas multinacionais, afinal : “[...] logo que Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência da República, em 1956, a construção de Brasília passou a representar a meta síntese da integração social [...]” (ROMERO, 2014, p.3) Ela já surgiu polarizando fluxos migratórios de uma série de estados para si, em destaque para os migrantes das regiões Nordeste. Sudeste e Centro Oeste. (RIBEIRO, FUJITA, 2013 apud FARRET, 1985; LAFER, 1970, CORREIO BRASILIENSE, 2000; RIBEIRO, 2015, ROMERO, 2014)

“Uma cidade planejada reflete a infraestrutura de uma nova cidade, nascido de forma artificial e organizada. Geralmente, as cidades planejadas têm uma “macro finalidade”, seja ela administrativa, social ou econômica, entretanto, não se restringem a apenas uma função.” (ARRUDA, 2016, p.40) Brasília nasce com a macrofinalidade de ser o lar do funcionalismo público, além de seu caráter integrativo do território brasileiro em sua ocupação, porém ela não pode ser restringida e analisada apenas como o “centro político” do país, o Plano Piloto e as demais Regiões Administrativas do DF tiveram o seu desenvolvimento histórico, de uma grande pluralidade de culturas e de aspectos econômicos.

Brasília possui uma série de problemas urbanos, mas um aspecto se destaca ao longo da constituição de sua região metropolitana, a Região Administrativa do Plano Piloto reúne uma série de setores do comércio, de serviços, universidades e do funcionalismo público, o suporte entre a devida integração entre o Plano Piloto e

as outras regiões administrativas é uma das problemáticas históricas que mais afligem a população de Brasília. Tanto que em tese “um dos grandes investimentos para a Copa de 2014 em Brasília estaria voltado para a estrutura e para a mobilidade urbana.” (RIBEIRO, FUJITA, 2013, p.65)

Ao longa das últimas décadas tivemos um notável crescimento populacional e uma expansão urbana, por diversos fatores tivemos um espraiamento do território urbano, aonde cada vez mais a população é forçada a morar mais distante das centralidades que concentram os empregos e os serviços, fortalecendo a migração pendular e a lógica das habitações como mero lugar de repouso diário, as cidades dormitórios nas periferias das regiões metropolitanas, O aglomerado urbano gerado no adensamento urbano ao longo desta décadas trouxe problemáticas que inclusive extrapolam as políticas do Distrito Federal (RIBEIRO, FUJITA, 2013; JUNIOR, 2015, ROMERO, 2014) Segundo Ribeiro e Fujita (2013):

Esse processo de ocupação territorial é gerado pelas necessidades da sociedade em se estabelecer na cidade, mas esse espraiamento interfere diretamente nas relações sociais que são estabelecidas na cidade. Essas relações podem ser analisadas sob as mais diferentes óticas, tais como econômicas, políticas, sociais, culturais, ambientais, morfológicas, entre outras. (RIBEIRO, FUJITA, 2013, p.66,67)

As seguintes definições para Regiões Metropolitanas são postas por Milton Santos:

[...] Definição formal: Região metropolitana é formada por um município enorme, cercado de municípios grandes se são pobres ou pouco povoados e municípios pequenos se neles há uma população operária. Isso é uma região metropolitana, a definição formal. Definição, digamos assim, de conteúdo: uma região metropolitana é uma área que desborda as fronteiras do município porque é preciso manter a unidade de certas infraestruturas. As infraestruturas que são fundamentais para o exercício da economia, para o exercício do capital têm de ter um comando único, daí a criação de uma região metropolitana, tanto quanto seja necessário esse comando único, para que a economia moderna possa transitar mais livremente no território, assim chamado região metropolitana. (Milton Santos, 2011, p.11)

Sobre a região metropolitana de Brasília, Ribeiro e Fujita (2013) apontavam que:

Na capital do Brasil, Brasília, a situação não é diferente; pelo contrário, ela é extremamente reforçada pela estrutura urbana existente e pelo tombamento do centro, o Plano Piloto, o que faz com que o modelo centro-periferia seja dominante e neste a fomentação de cidades dormitórios seja o modelo existente, uma vez que a concentração de emprego ocorre na área tombada. Segundo dados do censo de Brasília 2010 9,80% da

população de vive na área tombada (IBGE, 2012) e segundo dados da Pesquisa Distrital de Amostragem Domiciliar – PDAD formais8 (CODEPLAN, 2012), 47,72% dos empregos encontram-se na mesma área. (Ribeiro, Fujita, 2013, p.66, apud IBGE, 2012, Codeplan, 2012)

Essa lógica de periferização intensifica os deslocamentos diários da população no DF. “A distância média da população de Brasília à área central (Plano Piloto) é de 21,31 quilômetros. Como essa é uma RA concentradora de empregos e serviços (47,72%) e a população, em média, tem longas distâncias para percorrer.”(RIBEIRO, FUJITA, 2013, p.68) Assim, sendo: “[...]Não apenas a população de baixa renda se estabeleceu na periferia, mas a maior parte da população da cidade se estabeleceu fora do Plano Piloto, em condomínios horizontais fechados, cercados com guaritas.[...]” (ROMERO, 2014, p.3 Além disto: “O fato de Brasília ser patrimonializada se mostrou um aspecto segregador. As áreas mais afastadas adquiriram características de periferia com o descaso do poder público, enquanto a área central, o Plano Piloto, recebe constantemente obras de infraestruturas e outras melhorias.” (ARRUDA, 2016, p.41)

Brasília, portanto, vincula-se fortemente a um modelo de centro e periferia. “O modelo centro periferia é dominante e o modelo existente, de cidades dormitórios, com alta concentração de emprego na área tombada produz um forte crescimento veicular dada a baixa qualidade do serviço de transporte coletivo fornecido na cidade.” (ROMERO, 2014, p.4)

Para o planejamento e a execução da Copa de 2014, foram elaborados documentos denominados como Matrizes de Responsabilidades. “A matriz de responsabilidades é um pacto de cooperação assinado entre governo federal, estados e municípios-sede da Copa do Mundo que define quais são as obrigações e os encargos de cada um dos entes federativos na realização das obras para o Mundial – estádios e entorno dos estádios, aeroportos, obras de mobilidade urbana e de terminais turísticos portuários.” (ANUÁRIO DO DF, 2011, p.140) “As principais áreas de atenção dos investimentos para a recepção do evento foram, de primeiro ciclo, estádios, mobilidade urbana, aeroportos e portos e de segundo e terceiro ciclos, segurança, telecomunicações e turismo. As áreas complementares cobriram energia, qualificação técnica e profissional e hotelaria.” (PELIANO, 2014, p.15)

Cada ente da federação tinha um nível de responsabilidade e de competências que deveriam ser executadas:

[...] compete à União executar e custear todas as obras em portos e aeroportos. Estados e municípios ficam responsáveis pela construção de estádios e seus entornos, obras de mobilidade urbana, além de obras nos entornos de portos e aeroportos, podendo definir entre eles o que será de responsabilidade de cada um. Pelo acordo, todos os entes são obrigados a indicar as fontes orçamentárias utilizadas no custeio das obras.

O Governo do Distrito Federal (GDF) ficou responsável pela execução das obras de mobilidade urbana propostas na matriz de responsabilidade e também pela obra da reforma do estádio. A reforma e remodelação do aeroporto de Brasília (Juscelino Kubitschek) como havia sido pactuado foi de responsabilidade da União. (ANUÁRIO DO DF, 2011, p.140)

Os vários problemas urbanos não são causados pela falta de planos, mas sim pela falta de planejamento. Os planos sempre existiram, mas a realidade política e social nas quais as cidades brasileiras se inserem exigem mais que planos e projetos, exigem ações concretas. Sendo assim, as formas como são conduzidas as cidades não se mostraram eficazes. O planejamento é mais que planos, é formado por diagnóstico, projetos, políticas, ações, avaliações e revisões num ciclo contínuo. (RIBEIRO, FUJITA, 2013) Ressaltando que: “Entretanto, a distância entre as proposições urbanísticas e os problemas enfrentados nas cidades, a forma como se dá o processo de urbanização e a capacidade de resolução dos conflitos urbanos levaram a uma simplificação do fenômeno urbano. [...]” (ROMERO, 2014, p.7)

Além das obras de mobilidade urbana e da reforma do estádio Nacional Mané Garrincha, outras remodelações e setores foram afetados e/ou atrelados a execução da Copa do Mundo. Remodelações no setor hoteleiro e de atendimento ao turista, programas de qualificação profissional, projetos de renovação paisagística no Plano Piloto, construção de vilas olímpicas e outros projetos.

O GDF desenvolveu um projeto de capacitação e qualificação profissional visando a Copa de 2014, o Qualificopa, este que atendeu a cerca de 20 mil pessoas

Executado pela Secretaria do Trabalho do DF, foram oferecidos cursos com duração de 200 horas como garçom, camareira, vendedor, supervisor de hospedagem, webdesigner, informática básica, organização de eventos, operador de caixa, montagem e manutenção de micro e atendente de consultório e telemarketing. (PROFESSOR ISRAEL, 2018, online)

Para a execução de megaeventos são necessários uma série de medidas para logística de segurança pública do evento. Para tal:

Em todo o País, foram instalados 12 Centros Integrados de Comando e Controle Regional (CICCR). O de Brasília teve um investimento de cerca de R\$ 160 milhões em segurança - aquisição de equipamentos de inteligência, tecnologia e atuação operacional das forças policiais. A operação de Segurança Pública nos dias de jogos contou com 3.488 policiais militares, civis, federais, bombeiros, auditores de trânsito e equipes da Comissão

Nacional de Energia Nuclear (CNEN), no interior e nos arredores do estádio, todos profissionais treinados dentro de um protocolo estratégico de ações.. (ANDRADE, 2014, p.12)

Além dos jogos nos estádios ocorreram também as FIFA Fan Fest, cerca de 350 mil pessoas compareceram na estrutura construída no Taguaparque, além da transmissão dos jogos foram cerca de 60 shows, entre atrações nacionais e internacionais. Esta era a melhor maneira de vivenciar a Copa em Brasília sem estar no Plano Piloto, sua execução em Taguatinga permitiu um acesso mais efetivo de um grande núcleo demográfico do DF, composto pelas regiões administrativas de Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Águas Claras, Guará e outras dentro deste núcleo (ANDRADE, 2014) Sobre sua infraestrutura montada:

O enorme telão instalado a 21 metros do chão – altura equivalente a um prédio de sete andares, compôs a estrutura da Fan Fest que teve sala de imprensa, 124 banheiros, segurança ostensiva, estrutura para pessoas com deficiências, cadeirantes e outros com mobilidade reduzida - rampas de acesso, 24 banheiros adaptados, 35 vagas reservadas no estacionamento e intérpretes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para informações gerais. (ANDRADE, 2014, p.10)

Eram previstas também outras obras vinculadas ao paisagismo, remodelação e urbanismo do entorno do estádio Nacional Mané Garrincha, além da criação de um jardim inspirado no paisagista Burle Marx, com espelhos da água e arborismo, orçado em 21 milhões de reais houveram gastos de 11 milhões, com entrega prometida inicialmente para 2014 e posteriormente para 2017, o contrato sob responsabilidade da Novacap com a construtora Vale do Ipê foi rescindido no início de 2018, devido o descumprimento do cronograma. Juntamente eram previstos a construção de túneis entre o Centro de Convenções, o Mané Garrincha e o Parque da Cidade, a intencionalidade era criar túneis que ligassem os estacionamentos do Parque da Cidade ao Mané Garrincha, ao Centro de Convenções e ao Clube do Choro, tal ideia não se concretizou, de toda forma houveram gastos de no mínimo 6,98 milhões de reais pelo GDF, mesmo que sem sequer tenha havido o início das obras. (O PREÇO DE UMA COPA, [2018])

Outra tentativa fracassada foi a da licitação da quadra 901, que seria destinada para o setor hoteleiro. “A noção de "legado" quase incorporada ao megaevento, com o adensamento da quadra 901 Norte, colocava em risco o patrimônio e podia provocar adensamento da área tombada há mais de 25 anos.” (ROMERO, 2014, p.16) a licitação e projetos respectivos a esta área transcorreram durante a gestão Rollemberg

(2015-2018) e Ibaneis (2019-2022), com novos aspectos e finalidades previstos para esta área, porém a venda da 901 foi rejeitada pelo IPHAN em dezembro de 2019 e posto novamente em discussão na Câmara Legislativa do DF (CLDF) (BARBIERI, METROPÓLES, 2019; DUTRA, METROPÓLES, 2021) A revitalização da Torre de TV foi entregue em junho de 2014, “As obras incluíram reforma do piso térreo, guarda-corpos, piso inferior, troca dos três elevadores, inclusão de plataformas elevatórias para cadeirantes e escadas rolantes que ligam a Torre à Feira de Artesanato, poucos metros abaixo. A intervenção custou R\$ 12 milhões,” (STACCIARINI, 2014, online)

**Figura 20 - obras abandonadas do Jardim Bule Marx**



Fonte. Metrôpoles (2017)

### **3.3 Centralidades**

Megaeventos esportivos e os objetos geográficos vinculados a sua execução, são conectados a formas de centralidades nas estruturas urbanas de suas respectivas cidades. “As arenas, estádios e estruturas esportivas muitas vezes se colocam como vetores da colonização de áreas. São verdadeiros "artefatos urbanos" com capacidade de geração de centralidades, ainda que, muitas vezes, temporárias.” (Soares, 2013, p.200,201)

Estes artefatos urbanos dos megaeventos proporcionam uma reestruturação urbana, que pode se caracterizar em três modalidades, a da criação de novas centralidades, a reforço de centralidades que já existiam previamente e a “revitalização de centralidades decadentes”.(SOARES, 2013,199) Todas estas

modalidades podem ser associadas a alguns preceitos do Empreendedorismo Urbano, em especial a abordagem da atuação do planejamento urbano visando setores específicos da cidade e não ela como um todo, além da revitalização urbana de áreas degradadas que é um dos discursos mais vinculados a este modelo de gestão da cidade e a modelos prévios de sucesso vinculados a execução de megaeventos,. (HARVEY, 2005; RIBEIRO, JUNIOR 2015, JUNIOR, 2015, MASCARENHAS, 2007, FERREIRA, 2014; RIBEIRO, JUNIOR, LIMA, 2015; VASCONCELOS, 2015) As medidas tomadas por Londres para as Olimpíadas de 2012, são um exemplo desta lógica de revitalização de uma área degradada, a antiga área industrial da cidade, inspirada no modelo de Barcelona, uma série de ações foram feitas nesta área da cidade visando a tornar novamente uma região de alto interesse em especial do mercado imobiliário. (ACCENTURE, 2011)

Romero (2011) descreve os grupos sociais e setores favorecidos pelo evento e por suas zonas de influência:

As classes média e alta se favorecem das melhorias urbanas realizadas principalmente nas áreas de influência do evento, onde geralmente esses grupos se encontram. Inevitavelmente, áreas turísticas já geralmente ocupadas por uma classe de nível superior são beneficiadas com investimentos que poderiam ser direcionados para áreas mais necessitadas. Um efeito disso é a valorização dos imóveis. (Romero, 2011, p.17)

Sobre a criação de novas centralidades vinculadas a megaeventos, Soares (2013) descreve que muitas das instalações esportivas e estádios atraem o surgimento de novas estruturas para a localidade, estas estruturas convergem em centralidades. os megaeventos se vinculam a grandes estruturas de consumo que são construídas para o atendimento de turistas nos megaeventos, estas estruturas são expostas com altíssima visibilidade da mídia durante os eventos, associado a arquitetura espetacular dos estádios se tornam pontos centrais no imaginário coletivo construído sobre a cidade. No caso do Brasil os estádios demonstravam atração de negócios imobiliários ao seu redor, além também das infraestruturas de transporte de mobilidade urbana que são construídas ou reestruturadas para atender o público dos estádios e das estruturas adjacentes. (SOARES, 2013, p.199,200)

Em São Paulo a construção do novo estádio em Itaquera para a Copa do Mundo, em detrimento da reforma de outros estádios existentes como o estádio do Morumbi e o estádio Palestra Itália (atualmente Allianz Parque), era defendida pela prefeitura de São Paulo, como uma forma de dinamizar e desenvolver a Zona Leste

de São Paulo. Em 2007 a região da Zona Leste detinha 37 % da população de São Paulo, porém a região detinha a menor renda média familiar e o maior gap entre empregos e população da cidade. (ACCENTURE, 2011 apud Metrô-SP, 2007) Haviam projetos da prefeitura para o desenvolvimento desta região de São Paulo, além do estádio eram previstas a construção de uma série de objetos geográficos e infraestruturas para o bairro de Itaquera, tais como shoppings, estação de metro, parque tecnológico, centro de convenções, agência do Poupatempo. O que se apostava era que estádio tinha potencial acelerar algumas iniciativas previstas para a Zona Leste e criar um novo vetor de desenvolvimento, vindo a contrabalancear com o eixo Norte Sul da cidade. Chegando até mesmo a se prever um potencial de cerca de R\$ 30.7 bilhões em impactos econômicos para a cidade ao longo de 10 anos, beneficiando especialmente a Zona Leste, com a geração de empregos a partir das obras, do turismo. da operação do estádio, de setores do consumo, dentre outros. (ACCENTURE, 2011) Apostava-se no sucesso do estádio também pelo poder que o Corinthians tem como clube, uma torcida de massa, forte apelo midiático, altas médias de público em estádio e outras métricas. (ACCENTURE, 2011 apud ESTUDO CROWE HORWATH RCS, 2010)

Segundo Westin (2014):

Em São Paulo, o estádio da Copa será a Arena Corinthians, que está prestes a ser inaugurada em Itaquera, um dos bairros mais pobres e violentos da periferia da cidade. Ao decidir que a obra do clube paulista merecia incentivos dos cofres públicos, a prefeitura, o estado e o governo federal não olharam apenas o evento da Fifa. Também levaram em consideração que a nova instalação esportiva atrairá investimentos e criará empregos, ajudando a desenvolver Itaquera. (Westin, 2014, p.8)

A realidade após o evento é bem distinta. a população de Itaquera e das regiões próximas até consegue usufruir de objetos urbanos que foram construídos para o megaevento, mas o custo para a população local dentro de um conjunto socioespacial foi alto demais. Ocorreu-se uma forte hiperinflação dos preços tanto para alugueis e venda de imóveis, a dinamização ocorrida pela especulação imobiliária fez com que os custos de vida tenham crescido muito mais que a renda da população desta região. (VASCONCELOS, 2019, p.158) Segundo Vasconcelos, Itaquera serve: “como um exemplo de que os megaeventos esportivos não trazem um desenvolvimento urbano e tampouco uma justiça social para a população local. Pelo contrário, eles atenuam a desigualdade e a segregação socioespacial.”

(VASCONCELOS, 2019, p.158)

Recife também tinha um modelo de desenvolvimento de novas centralidades, porém neste caso ultrapassavam os limites municipais de maneira mais evidente, estando inseridos na dinâmica de região administrativa composto por Recife e seus municípios adjacentes, mais especificamente o município de São Lourenço da Mata. As obras previstas se espalhavam pela região metropolitana e eram justificados por supostamente oportunizarem o desenvolvimento da região. Porém saneamento básico, abastecimento de água, saneamento básico, transporte público, além de outros problemas não terem sido devidamente enfrentadas. O novo bairro planejado denominado “Cidade da Copa” evidenciava a estratégia de marketing urbano vinculada a execução da Copa. (RAMALHO, 2012)

Um dos aspectos claramente problemáticos era que Recife já possuía 3 estádios, que pertencem aos três clubes de maior tradição esportiva do estado e as suas torcidas possuíam uma série de laços com esses estádios. O Náutico chegou a ter a Arena Pernambuco como a casa de seus jogos, mas recentemente o clube reformou o seu estádio, o estádio dos Aflitos e voltou a mandar seus jogos lá. Como já discutido previamente além dos laços dos clubes e de suas torcidas com os estádios, as novas arenas possuem altos custos de manutenção, além de que nesse caso a localização e acesso do estádio é um ponto visto como complicador

Ramalho descreve a dinâmica estabelecida pela construção da Arena Pernambuco:

Essa nova “cidade” localiza-se no território do município de São Lourenço da Mata, no centro da Região Metropolitana Oeste, fazendo limites com os municípios de Recife, Camaragibe e Jaboatão dos Guararapes, os quais também exerce uma influência direta, e se constitui como uma nova centralidade urbana metropolitana e que promoverá padrões socioespaciais distintos dos existentes no município de São Lourenço da Mata, historicamente de população pobre. (RAMALHO, 2012, p.10)

Segundo Soares (2013) Os megaeventos também são utilizados para que centralidades já existentes sejam reforçadas, os governos locais ganham pretexto nas obras necessárias para a execução do evento, para concentrar investimentos públicos nas áreas da cidade que historicamente já eram beneficiadas por tais recursos e ações. Portanto: “Assim, observa-se a melhoria de setores comerciais, de lazer e hoteleiros que já são prestigiados pelos setores de maior renda da população, especialmente áreas que concentram grandes shopping centers.’

(Soares, 2013, p.200)

Brasília se vincula a tal modalidade fortemente. “ [...] Em Brasília tudo gira nas proximidades do estádio, ao redor da torre de TV e no caminho em que o eixo monumental se abre para a esplanada dos ministérios e desce até o Lago. Tudo isso influi no número de pessoas e acontecimentos que usam o espaço e no tipo de atividades que nele podem desenvolver-se.” (ROMERO, 2014, p.15,16) Criou-se um lema de que Brasília era a única sede iria realizar a Copa em 3 km (ROMERO, 2014, RIBEIRO, FUJITA, 2013)

**Figura 21 - A copa em 3km**



Fonte: Romero (2014)

No Anuário do DF (2011) temos a utilização de tal lógica como argumento de uma vantagem comparativa de Brasília em comparação a outras cidades que disputavam o sedimento da abertura da Copa do Mundo (vencida por São Paulo). Apontava-se que:

Outro ponto forte da capital quando comparada às outras cidades que disputam a abertura da Copa do Mundo é a localização privilegiada do Estádio Nacional de Brasília. O espectador do jogo vai estar próximo de diversos pontos estratégicos, como rodoviária, setores hoteleiros, hospitalar, shoppings, Centro de Convenções e Parque da Cidade, tendo, inclusive, a oportunidade de se locomover a pé. (ANUÁRIO DO DF, 2011, p.141)

Esse discurso do governo local, sobre a Copa em 3 quilômetros, reforça a percepção de falta de integração e de participação popular no evento. A população foi excluída e desconectada dos processos de planejamento e das tomadas de

decisão, estas que ficaram exclusivamente a cargo dos gestores locais do evento (RIBEIRO, 2015, p.255)

Brasília não quis apostar na criação de novas centralidades, como outras sedes assim fizeram. “Seguindo uma lógica que se arrasta há cinco décadas, o governo de Brasília, [...] decidiu não criar novas centralidades com a finalidade conjuntural de adaptar a cidade às necessidades do megaevento. Em vez disso, concentrou os investimentos públicos numa área reduzida no centro da cidade [...]” (ROMERO, 2014, p.2)

A segregação e as problemáticas urbanas e da periferização não são meros fenômenos sociais, elas são projetos. Brasília é o lugar aonde tais processos e intencionalidades são mais explícitos, seu caos urbano segue uma lógica que visa atender interesses de uma minoria privilegiada, estes que sempre exerceram influencia no poder e no ordenamento da sociedade priorizando o capital, atendendo assim essa minoria e não os interesses e necessidades compostos pela fração majoritária da população. (ROMERO, 2014, p.7,8) A concepção de Brasília por si só e a sua estruturação com as antigas “cidades satélites”, como o caso de Ceilândia a antiga cidade satélite, atualmente Região Administrativa, nasceu na década de 70 da antiga “Campanha de Erradicação das Invasões” (CEI), com a finalidade de abrigar moradores de inversões do DF. Com tal concepção vigorando: “[...] No Plano somente ficou a classe média e média alta em função dos altos valores imobiliários dos apartamentos. E hoje a população sem ou de baixa renda está morando cada vez mais distante (as cidades satélites iniciais ficavam a mais de 30 quilômetros) do centro gerador serviços. de empregos e serviços. [...]” (ROMERO, 2014, p.3)

Com o crescimento de Brasília surgia uma forte demanda por habitações. Romero descreve a atuação do poder público em tal questão. Segundo ela:

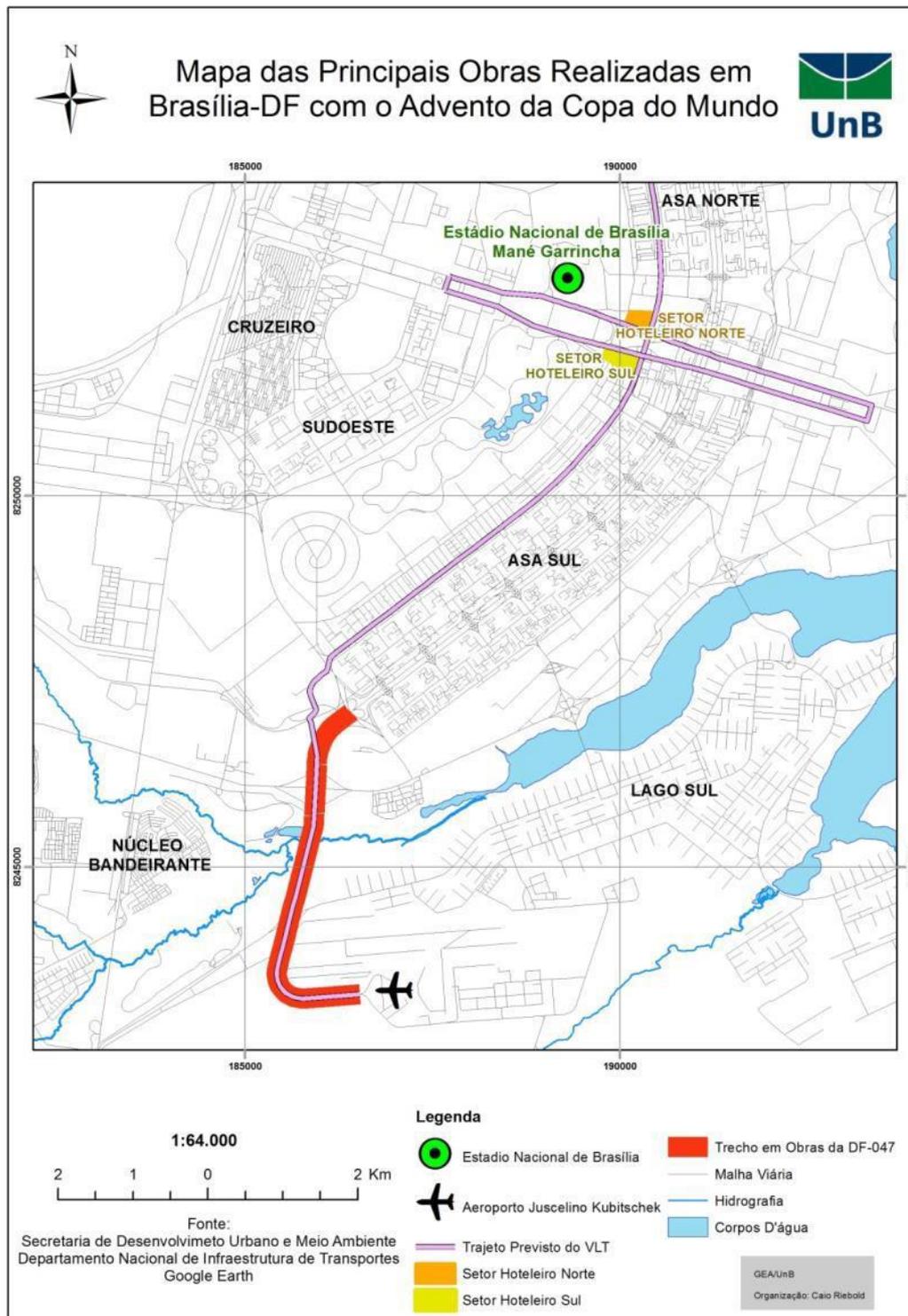
[...] a necessidade de acomodar o excedente de população que acudiu ao planalto central para construir a capital levou ao poder centrar a construir milhares de habitações na periferia do centro, a mais de 30 quilômetros, em lugares sem infraestrutura, de onde a partir de suas cidades dormitórios, em percursos pendulares diários, deveriam se deslocar os trabalhadores e suas famílias para obter os serviços básicos na capital recém-implantada. (ROMERO, 2014, p.7)

Sendo necessário também ressaltar que:

À dispersão nas periferias e à segregação que ameaça as relações sociais

opõe-se, diz Lefebvre (1972:171) uma centralidade acentuada nas decisões sobre a distribuição da riqueza, o acesso à informação, o uso do poder, o tratamento da violência. Concordando com Castells (1980), ressaltamos que quanto mais importante é a aliança das classes sociais em uma determinada conjuntura, mais essencial é sua relação com o urbano. A problemática urbana é inteiramente a expressão da ideologia dominante (ROMERO, 2014, p.7,8)

**Figura 22 - Mapa das principais obras previstas para a Copa FIFA 2014 no DF**



Fonte: Pedro Henrique Soares de Souza (2013)

### 3.4 Estádio Mané Garrincha e o Futebol de Brasília

**Figura 23 - Estádio Nacional Mané Garrincha**



Fonte: Conmebol Libertadores (2021)

Localizado a 1000 metros da rodoviária, próximo do aeroporto e ao lado do setor hoteleiro, com sua localização sendo apontada como estratégica, o Mané Garrincha foi o estádio escolhido para ser reformado para sediar os jogos da Copa do Mundo de 2014. As previsões em 2010 eram de um custo de 522 milhões de reais para as obras, porém com a conclusão das obras os gastos superaram a casa do 1,4 bilhão de reais, o mais caro em valores totais de reforma específica para o evento. (ANUÁRIO DO DF, 2010; MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014)

Influenciado pela tentativa de sediar a abertura ou a final da Copa de 2014 (não bem sucedida), o estádio foi construído com uma capacidade de 72777 lugares, tendo um custo de 19282 reais por assento, o mais elevado da Copa. (SENADO FEDERAL, 2014) A exacerbada capacidade de público do estádio, as várias exigências para o cumprimento das normas impostas pela FIFA, além de suspeitas de superfaturamento e práticas ilícitas dão os principais indícios para a compreensão do elevado custo do estádio em relação às expectativas e projeções prévias. Tanto que: “Em seu balancete de 2016, a Terracap reconheceu que teve um prejuízo de R\$1,3 bilhão com a construção do estádio. A empresa também admitiu que nenhum estudo de viabilidade financeira tinha sido feito antes das obras para verificar se o

investimento no estádio poderia ser recuperado.” (O PREÇO DE UMA COPA, [2021], online)

O Maracanã, no entanto, ainda é o estádio mais caro no geral da Copa se considerarmos os valores somados das reformas feitas para o Mundial de Clubes da FIFA de 2000, a reforma para os Jogos Panamericanos de 2007 e a reforma para Copa de 2014 com a correção monetária baseada em 2014, somavam um valor de mais de 1,8 bilhões de reais, dos quais por volta de 1 bi foram da reforma específica para a Copa de 14. (SENADO FEDERAL, 2014)

Com uma média de 68,3 mil espectadores por partida o Mané Garrincha obteve o segundo maior público acumulado entre todos os estádios da Copa de 2014 (ANDRADE, 2014, p.11) Além da abertura das Copas das Confederações, de 7 jogos da Copa do Mundo, o estádio foi uma das sedes de jogos de futebol masculino e feminino nos Jogos Olímpicos de 2016, tendo inclusive sido palco de 2 jogos da conquista do inédito ouro olímpico brasileiro no futebol masculino.

**Figura 24 - Aros Olímpicos iluminados no Mané Garrincha**



Fonte: Correio Braziliense (2021)

Além da reforma em si do estádio era previsto um projeto de urbanização do entorno estádio que superava a casa dos 200 milhões de reais, reforçando a tal “Copa em 3 km”, com gastos de 7 milhões de os prazos de entrega para a Copa das Confederações e para a Copa do Mundo foram cancelados, as obras foram suspensas após o TCU apontar 6 irregularidades nos processos, o GDF deixou tais obras como responsabilidade futura para quem ganhasse a licitação do estádio. (O PREÇO DE UMA COPA [2018])

Uma questão que já parecia óbvia antes da Copa era de que Brasília não tinha

potencial esportivo para atrair público e manter o estádio somente com a renda gerada por partidas de futebol. Mesmo com todo o discurso e retórica construída sobre o legado do evento, era questionado se centros sem tradição esportiva poderiam comportar arenas deste tipo de porte. O medo já existia que essas estruturas tivessem pouco uso e se tornassem um peso a mais para a máquina pública e virassem “elefantes brancos” (RIBEIRO, FUJITA, 2013, 83,84,89)

A argumentação em defesa do Mané Garrincha nos novos moldes, se baseava na pretensão dela ser uma arena multiuso, recebendo grandes shows e eventos isso geraria uma forma de sustentabilidade para o evento. (RIBEIRO, FUJITA, 2013, P.83,84) Agnelo Queiroz, governador do Distrito Federal durante a maior parte do período precatório e da copa em si, afirmava que a arena não dependeria do futebol. Segundo ele o Mané Garrincha: "Não é um estádio de futebol. Vai ter até futebol, mas será uma arena multiuso, um importante centro esportivo, cultural e comercial" (FALLET, BBC BRASIL 2013, apud QUEIROZ) Tal fala nos deixa evidente mais um aspecto, o desenvolvimento do esporte local sequer era objeto prioritário.

O GDF utilizava a seguinte argumentação sobre a arena “multiuso”:

O secretário também rechaça a tese de que o novo estádio vai se transformar em um “elefante branco” após o torneio. A previsão foi feita pelo Tribunal de Contas da União (TCU) e pelo Sindicato Nacional de Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco). De acordo com Monteiro, o GDF vai promover uma licitação internacional para que uma empresa especializada em entretenimento administre a arena. A prioridade é desenvolver o turismo cultural da região com a realização de grandes eventos e shows internacionais. (ANUÁRIO DO DF, 2011, p.141 apud MONTEIRO)

A previsão do TCU e de outras entidades reforça a percepção de previsibilidade do fracasso do projeto. Historicamente Brasília não era um roteiro certo dos grandes shows e eventos, não só o estádio teria que alterar a lógica de funcionamento mas a própria cidade necessitaria de um grande trabalho para ser atrativa para esse tipo de atividade. (RIBEIRO, FUJITA, 2013)

Um exemplo destes eventos ocorrendo no estádio foi o Villa Mix Festival Brasília de 2019, no qual o evento ocorreu em estrutura montada na parte interna do estádio, com 12 horas de show e atrações de alto renome musical no país, (IZEL, 2019a) Um exemplo que envolve uma grande figura internacional, foi o primeiro show realizado por Paul McCartney em Brasília, que ocorreu no Mané Garrincha para 40

mil pessoas em novembro de 2014, um caso mais recente foi o show do Maroon 5 para 35 mil pessoas no Mané Garrincha que ocorreu no início de março de 2020. (FANTÁSTICO, 2014, IZEL, 2020) Porém historicamente é mais tradicional que grandes shows e eventos culturais ocorressem no estacionamento do estádio do que dentro do estádio em si.

Sobre shows e eventos no geral, é mais complicado que se tenha uma contabilidade geral de suas métricas desde a reinauguração do estádio. Jogos de futebol profissional no Brasil estão regidos uma série de regulações legais que obrigam, por exemplo, a divulgação do público e das rendas dos jogos, então em tese são objetos mais rastreáveis do que os eventos culturais de outras ordens no estádio. E como também fora posto na fala de figuras públicas, a rentabilização do estádio como arena multiuso passaria bastante pelo trabalho a ser desenvolvido pela empresa que ganhasse o processo licitatório.

Outra questão chave portanto é a concessão do estádio, que só foi ocorrer na segunda metade de 2019, por anos os gastos com a manutenção do estádio caíram exclusivamente sobre o setor público do DF. O GDF tinha custos mensais que alcançavam a casa dos 700 mil reais mensais, sendo que o estádio nos 4 primeiros meses de 2019 havia arrecadado apenas 232 mil reais. A empresa arena BSB ficou responsável pela administração do complexo do Mané Garrincha, complexo que inclui além do estádio Ginásio Nilson Nelson e o centro aquático Cláudio Coutinho. No contrato válido por 35 anos, a empresa deverá repassar 5,05 milhões de reais anuais, mais 5 % do faturamento para o GDF. Como previsto anteriormente após o cancelamento das obras, as obras de urbanismo no entorno estádio passaram a ser de responsabilidade da empresa, com uma remodelação do modelo de estacionamento do estádio que seria substituído por estacionamentos privativos e tinha-se a intenção da construção de um boulevard comercial no complexo, com quadras esportivas, bares e restaurantes na região. (G1 DF, 2019) De toda forma a baixa arrecadação geral do estádio bota em forte dúvidas a rentabilidade futura do estádio, que o GDF recupere o investimento no estádio parece até mesmo algo utópico. Tanto que: “Um teste de impairment contratado em 2016 pela Terracap mostrou que o Estádio Mané Garrincha tem potencial de gerar somente R\$171 milhões de retorno financeiro durante toda a vida útil.” (O PREÇO DE UMA COPA, [2021], online)

Para ter-se um pouco da noção dos custos de operação do estádio para jogos de futebol, podemos usar o jogo entre o Flamengo e o Defensa Y Justicia em Brasília, válido pelas oitavas de final da Copa Libertadores. O Aluguel do estádio para o clube foi de 200 mil reais, mas com o custo de operação do estádio, somados ao aluguel e aos impostos, o custo da partida foi de 781.785,40 para o Flamengo, com o clube inclusive tendo ficado no prejuízo neste jogo. (CASAGRANDE, 2021) As adaptações necessárias pelas restrições de público geradas pela Covid 19 geram alguns custos adicionais, mas de toda forma podemos reforçar um aspecto, o custo de operação e do aluguel do estádio é um fator complicador para a atração de jogos para o estádio,

Entre 2014 e 2020 o Mané Garrincha foi palco de 109 jogos oficiais, com campeonatos nacionais, regionais e estaduais das séries A, B, C e D, internacionais, categorias masculino e feminino, além de jogos da seleção brasileira e amistosos oficiais. (O PREÇO DE UMA COPA, [2021] apud CBF, CONMEBOL, CONFEDERAÇÕES ESTADUAIS) Em 2019 apenas 3 jogos no Mané Garrincha, ultrapassaram a metade da ocupação do estádio, sendo eles Vasco vs Flamengo (65,418 pessoas), Aval vs Flamengo (47,575), CSA vs Flamengo (37,673), o jogo da seleção brasileira contra o Catar atraiu somente a marca de 34,204 pessoas. Apenas 1 jogo envolvendo clubes do Distrito Federal ultrapassou a audiência de 10 mil pessoas, sendo ele Brasiliense vs Gama (14,736), Gama vs Brasiliense chegou da perto da marca com 9,040 pessoas. 7 jogos envolvendo clubes do DF não chegaram a sequer ter 1 mil pessoas no estádio. (O PREÇO DE UMA COPA, [2021])

No período entre 2015 e 2019, o público total em partidas no Mané Garrincha foi de 967509 espectadores com uma receita total obtida pelo estádio de 8013127 R\$. Em 2019 foram 24 jogos, o público somado foi de 286.135 pessoas e a receita obtida pelo estádio com os jogos foi de 1.975.270,04 reais. (FERNDANDES, SELDF, 2021) A partida entre Avaí e Flamengo (2019) gerou uma receita bruta de R\$ 3.957.192,90, com um ticket médio aproximado em 82 reais (GLOBO ESPORTE, 2019), tal valor reforça a percepção da elitização ocorrida no público dos estádios brasileiros.

Os públicos do futebol local no Mané Garrincha são completamente incompatíveis com o porte do estádio, no Candangão de 2019, chegando a ter um mero público de 60 pagantes em uma partida entre o Real Brasília e Santa Maria, o

estádio sediou 15 partidas da primeira divisão do Campeonato Candango de futebol do DF, com uma média de apenas 2513 pagantes. (SR GOOL, 2019; SALGADO, WILKSON 2019) Entre a Copa do Mundo e março de 2019 foram: “50 jogos com pelo menos um time de Brasília envolvido foram disputados no Mané Garrincha. Quase 80% deles fecharam no vermelho, com despesas superiores às receitas. [...]” (SALGADO, WILKSON 2019, online) As somas dos públicos pagantes destes 50 jogos foram de 81051 pagantes, o que mal supera a capacidade total do estádio, a renda acumulada de 885 mil reais com uma média de 17,7 mil reais por jogo, valor que sequer cobre o atual aluguel do estádio para clubes do Distrito Federal (2000 reais). (SALGADO, WILKSON 2019, CASAGRANDE, 2021)

Parte da explicação se dá pelo fato do Brasiliense e do Gama, os clubes de maior torcida e potencial esportivo recente não terem o Mané Garrincha como o seu estádio para mando de jogos histórica e atualmente, historicamente o Serejão é a casa do Brasiliense e o Bezerrão é a casa do Gama, ambos estádios na região periférica do DF e em suas proximidades é aonde há a maior presença de seus torcedores. Tanto Gama quanto Brasiliense jogaram a edição de 2021 da série D, estando longe da elite do futebol brasileiro, o Brasiliense conquistou a edição de 2020 da Copa Verde, uma competição nacional promovida pela CBF, mas que ainda é de menor relevância, competição esta que o Brasília Futebol Clube também conquistou em 2014 no Mané Garrincha, com isso o clube jogou a competição internacional Sul-Americana em 2014, porém sua ascensão foi freada e em 2021 o clube disputou a segunda divisão do futebol candango. No futebol feminino a realidade do desempenho esportivo candango tem sido mais positiva, o Real Brasília e o Minas Brasília participaram da série A1 da edição de 2021 do campeonato brasileiro e o Cresspom foi semifinalista da série A2 do brasileiro.

Além da reforma do Mané Garrincha, outros estádios do Distrito Federal estavam previstos para serem reformados até a Copa do Mundo de 2014, estes serviriam como locais de treino para as seleções e ficariam como um legado palpável para o esporte local do Distrito Federal.

O Bezerrão foi reformado seguindo os supostos princípios e exigências de uma arena moderna, com custo de mais de 50 milhões de reais, era o primeiro estádio do país a cumprir os Padrões impostos pela FIFA. O jogo inaugural em abril de 2018 foi um Brasil 6 a 2 sobre Portugal, com presença em campo de nomes como Kaká e

Cristiano e Ronaldo e de Pelé na arquibancada. Porém tal jogo sofreu fortes denúncias de corrupção, foram gastos 9 milhões de reais em gastos públicos para a a execução do jogo, a organização do jogo foi acusada de superfaturamento, a suposta contratação da empresa Marketing Ailanto trouxe consequências drásticas jurídicas, para Alexandre Roseli apontado como sócio da empresa, (ex presidente do Barcelona) para o governador do DF na época, José Roberto Arruda e para Ricardo Teixeira, que era na época o presidente da CBF que também tinha conexões com a empresa contratada e acabou por cair do cargo. (FRANCHESCHINI, 2013; LIMA, 2018) Em 2013 o custo do aluguel do estádio era estipulado em valores que variavam entre 300 e 4mil reais, e até o presente momento o estádio continua a ser a principal casa da Sociedade Esportiva do Gama, um dos principais clubes de futebol do Distrito Federal e que historicamente possuía uma boa taxa de ocupação do estádio, porém em 2019 o Gama teve média de 3.929 torcedores em seus jogos como mandante, marca que era superior a obtida no ano anterior. (SR GOOOL, 2019)

**Figura 25 - Estádio Degradado do Cave**



Fonte: Jornal do Guará (2020)

Outro estádio que estava previsto a ser reformado e ser base de seleções na Copa das confederações e na Copa do Mundo era o estádio do Cave no Guará, ele não só não ficou pronto pra Copa como foi parcialmente demolido em 2016, a ideia era transformar o estádio em uma arena multiuso, com 6600 cadeiras, capacidade mais adequada a realidade do DF. Porém hoje o estádio está em estado deplorável mesmo tendo recebido um investimento de 6.166.632,96 reais por meio do Ministério

do Esporte e mais 1.024.568,75 reais destinados pelo GDF, em 2019 o estádio sequer foi autorizado a receber jogos do Candangão, ele vem sendo utilizado apenas como sede de jogos de futebol americano, pois para esta modalidade a exigência de infraestrutura é menor. A concessão do estádio para a iniciativa privada era prevista após o término das obras, hoje ela é a “solução” proposta pelo GDF para salvar o estádio. (RODRIGUES, 2018, QUEIROZ, 2018, JORNAL DO GUARÁ, 2020)

Em 2020 foi montado um Hospital de Campanha no Mané Garrincha para receber pacientes diagnosticados com Covid 19. 129 médicos e 647 enfermeiros, além de outros profissionais de saúde trabalharam na estrutura montada ali, com 197 leitos, sendo 173 de enfermagem adulto, 20 de suporte avançado e quatro de emergência que foram integrados a rede pública de saúde do DF após o fechamento do hospital da campanha. Ao longo de quase 5 meses a estrutura recebeu cerca 1,8 mil pacientes dos quais 32 vieram a óbito. Sua operação iniciou em 22 de maio e se encerrou em 15 de outubro daquele ano. (GALVÃO, G1 DF, 2020) Outros estádios e complexos esportivos no país receberam estruturas semelhantes, o Bezerrão em 2021 foi um deles. (SEL, 2021)

### **3.5 Mobilidade Urbana**

Milton Santos ressalta a importância do setor de transportes e da mobilidade pro planejamento urbano, com destaque para as regiões metropolitanas. Segundo ele:

Tanto isso é verdade que os organismos incumbidos do planejamento, que se imaginam incumbidos do planejamento da região metropolitana, não fazem nada, ou quase nada pelas populações, exceto os transportes. Mas, destaco os transportes por duas razões: porque os transportes são, sobretudo, vitais à realização da economia no momento atual e também porque é a forma pela qual se reduz o cansaço do trabalhador reduzindo-lhe, de um lado, o desgaste que levaria a uma produtividade menor e reduzindo-lhe a agressividade, todavia manifestada de tempos em tempos, no que se denominou chamar quebra-quebra. (Milton Santos, 2011, p.11)

Como citado nas seções prévias, a mobilidade urbana é um dos setores mais impactados pela execução de um megaevento, a remodelação e avanço da infraestrutura urbana de transportes é um dos principais “legados” prometidos. Sobre esse setor na Copa do Mundo de 2014. Reis, Telles e C. Da Costa (2013) destacam o planejamento do Brasil e peso que foi dado para este setor:

Detentora da maior parcela de investimentos a mobilidade urbana resume-se a construção de veículos leves sobre trilhos (VLT), corredores e vias de

acesso terrestre, terminais e complexos rodoviários, ampliações de vias urbanas, e BRT (Bus Rapid Transit) conhecidos como linhas expressas para ônibus articulados ou biarticulados. Obras distribuídas por Belo Horizonte (oito), Brasília (duas), Cuiabá (doze), Fortaleza (seis), Manaus (duas), Natal (quatro), Porto Alegre (dez), Recife (cinco), Rio de Janeiro e São Paulo (uma obra cada), todas financiadas com recursos dos governos estaduais e municipais. [...]. (Reis, Telles, C. Da Costa, 2013, p.590)

Em setembro de 2011, Orlando Silva, ministro do Esporte na época declarou que: “A Copa do Mundo funciona como uma espécie de catalisador. Temos uma grande oportunidade de executar planos de investimentos e de melhorar a qualidade dos serviços nas grandes cidades, sobretudo o transporte público.” (BARROS, 2013 apud SILVA, 2011) Seguindo tal lógica: “Megaeventos são catalisadores. Havia três décadas que não se faziam obras de mobilidade urbana no Rio de Janeiro. A cidade [que sediará jogos da Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016] estava parada e hoje é um canteiro de obras”, exemplifica.” (WESTIN, 2014, p.8 apud Costa)

Além de todas as sedes terem tido obras previstas/executadas relacionadas a mobilidade urbana, este foi o setor que mais recebeu o alocamento de recursos das múltiplas esferas governamentais. Com obras tanto voltadas ao setor de transporte público quanto também a obras relacionadas a expansão de vias que tentavam otimizar a auto locomoção dos indivíduos nestas cidades.

Em 2010 foram estipuladas matrizes de responsabilidade, a partir de um pacto entre governo federal, municípios, estados e o Distrito Federal. Todas as obras em Portos e Aeroportos seriam de responsabilidade da União, e as demais obras de mobilidade eram definidas entre quais entes seriam os responsáveis pelas suas execuções, em geral sendo atreladas aos governos municipais, estaduais e distrital, mas também podendo ser atribuídas ao governo federal. (ANUÁRIO DO DF, 2011, P.140) Barros (2013), destaca os aspectos gerais das obras de mobilidades urbanas inclusas nas matrizes de responsabilidade:

A Matriz de Responsabilidades – documento do Ministério do Esporte que elenca toda as obras de infraestrutura para a Copa – previa 50 intervenções de mobilidade urbana e orçamento de R\$ 11,59 bilhões quando divulgada em janeiro de 2010. Dessas 50, até agora foram canceladas 13 obras em dez cidades-sede: em Manaus, o Monotrilho Leste/Centro e o BRT (sigla para Bus Rapid Transit, o corredor de ônibus) do Eixo Oeste/Centro; em São Paulo, excluiu-se o Monotrilho da Linha 17-Ouro; em Brasília, o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos, metrô de superfície; em Curitiba, a requalificação das vias do Corredor Metropolitano, em Natal, a reestruturação da Avenida Engenheiro Roberto Freire; em Salvador, o BRT no Corredor Estruturante Aeroporto/Acesso Norte; em Fortaleza, o Corredor Expresso Norte-Sul e o BRT Projeto Raul Barbosa; em Belo Horizonte, o

BRT Pedro II/Carlos Luz; em Porto Alegre, o BRT Assis Brasil, e os BRTs Aeroporto/CPA e Coxipó/Centro, em Cuiabá.

Outras 16 obras de mobilidade foram incluídas posteriormente e são 53 as obras que constam hoje na Matriz mas a maioria de menor porte do que as canceladas ou interrompidas, e quase sempre realizadas no entorno dos estádios – e portanto relacionadas com acesso aos jogos, não com a mobilidade das cidades-sede. Por isso, o orçamento tem hoje quase 3 bilhões a menos do que o previsto: é de R\$ 8,6 bilhões. (BARROS, 2013, online)

Várias destas obras previstas foram sendo abandonadas, postergadas, nem sequer iniciadas ou substituídas por obras mais ligadas ao entorno dos estádios. As causas para isso são múltiplas, desde restrições orçamentárias, irregularidades nos projetos, irregularidades nos processos seletivos, indícios de superfaturamento, impactos ambientais, dentre outros. Tanto que: “Ainda em 2014, o TCU informou que apenas 17% das obras de mobilidade previstas para o torneio ficaram prontas antes da Copa.” (RODRIGUES, 2018, online)

Aspectos como a sustentabilidade socioambiental do modal rodoviário estimulado são questionados e alertados, pois: “[...] Construções e modificações no trânsito são os principais geradores de risco de efeitos ecológicos não desejáveis. [...]” (ROMERO, 2011, p.18) Lembrando que a sustentabilidade era um dos motes da Copa do Mundo para a FIFA, e isso teve peso nas escolhas de Manaus e Cuiabá como sedes pelas suas vinculações à Floresta Amazônica e ao Pantanal [tanto que os respectivos biomas dão nome para as arenas de Cuiabá e Manaus] (RIBEIRO, 2015, NASCIMENTO, 2015)

Cuiabá que inclusive tem na mobilidade urbana municipal e estadual a maioria dos impactos promovidos pelo sedimento da Copa de 2014.: “Foram previstas a duplicação de vias de acesso rápido à Arena Pantanal e também a criação de área de mobilidade destinada à circulação de automóveis e Veículo Leve sobre Trilhos – VLT” (NASCIMENTO, 2015, p.269)

No Rio de Janeiro a lógica da expansão das vias urbanas e dos setores de transporte público também ganhou destaque, considerando em especial o atendimento das vias ligadas ao atendimento dos turistas, lembrando que esta também sediou as Olimpíadas de 2016. Westin descreve tais aspectos de seus projetos de expansão:

As vias urbanas e as redes de transporte público também ganharam prioridade. A ideia é que os torcedores não percam jogos ou voos por terem

ficado presos em engarrafamentos. O Rio de Janeiro está prestes a inaugurar um corredor exclusivo para ônibus interligando o aeroporto internacional e a Barra da Tijuca. É uma obra grandiosa, com 40 quilômetros de extensão, que corta a cidade. Inclui 45 estações, 10 viadutos, 9 pontes e 3 “mergulhões” (como os cariocas chamam os túneis sob ruas e praças). A prefeitura promete que o novo corredor expresso reduzirá em 60% o tempo de viagem entre o aeroporto e a Barra. (Westin, 2014, p.7)

Tendo o aspecto ambiental considerado. “A preocupação com esse item vem aumentando e a criação de planos para controlar os impactos ambientais já é um requisito oficial importante para cidades candidatas a sedes.”.(ROMERO< 2011, p.18) A incompatibilidade de alguns projetos, o não cumprimento de normas e até mesmo a ausência de estudos do impacto ambiental, acabou acarretando em atrasos e até mesmo no cancelamento ou não conclusão de uma série de obras de mobilidade urbana relacionadas a Copa do Mundo.

Antes da Copa de 2014, RIBEIRO e FUJITA apontavam que:

Em relação à Brasília, a questão de mobilidade será o grande entrave para aqueles que virão para o evento e para a população durante o evento, pois pouco será feito para melhorar a infraestrutura atual, já ruim e supersaturada. Vemos que, apesar da oportunidade de investimentos no setor, proporcionado pelo governo federal a fim de melhorar as condições das cidades-sede, essa não foi aproveitada pelo governo local. [...] (RIBEIRO, FUJITA, 2013, p.89)

Lembrando que: “A questão crucial de mobilidade em Brasília é reduzir o tempo gasto nas viagens ida e volta do trabalho num serviço de péssima qualidade. [...]” (ROMERO, 2014, p.7)

No caso de Brasília todas as obras de mobilidade urbana eram de responsabilidade do GDF, a promessa era que: “A ligação entre o Aeroporto Juscelino Kubitschek e a primeira estação do metrô – por meio do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) e/ou Veículo Leve sobre Pneus (VLP) – será a grande intervenção na área de mobilidade urbana. (ANUÁRIO DO DF, 2011, p.141) Além das obras previstas na matriz de responsabilidade, a construção do eixo-sul do BRT (Gama – Santa Maria – Rodoviária do Plano Piloto- Asa Sul) e a expansão das ciclovias no Distrito Federal eram obras associadas a estas obras de mobilidade urbana incentivadas pela Copa do Mundo. (RIBEIRO, FUJITA, 2013) O BRT foi inaugurado em junho de 2014, no período da Copa do Mundo, porém além de indícios de superfaturamento este sofre com reclamações sobre superlotação e por longos intervalos para embarque (RODRIGUES, 2017,2018)

O VLT era apontada como a principal aposta para mobilidade urbana do DF na Matriz de Responsabilidade, afinal: “por ter tamanho reduzido, pode ser alocado no meio urbano existe. Apesar de ter capacidade e velocidade menores que os trens tradicionais, ele produz menos poluição atmosférica e sonora, devido ao fato de sua matriz energética ser energia elétrica.” (RIBEIRO, FUJITA, 2013, p.72) O projeto inicial era de que ele atendesse 120 mil passageiros por dia, sua linha 1 seria entre o Terminal da Asa Sul e o Aeroporto de Brasília (cuja reforma também estava inclusa na matriz de responsabilidades) , porém as obras foram barradas por problemas ambientais apontados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e pelo Instituto Brasília Ambiental (IBRAM, ainda em 2010 as obras foram paralisadas por fraudes no processo licitatório e por diversas inadequações no projeto, houveram uma série de etapas judiciais com TCU apontando o embargo das obras por sete vezes, até que o VLT fosse retirado da Matriz de Responsabilidades do Distrito Federal para a Copa do Mundo de 2014 e cancelado oficialmente em setembro de 2012 , Pelo menos 20 milhões de reais foram gastos até que o projeto fosse suspenso. O projeto e a ideia do VLT ficaram parado por anos, o governo Rollemberg (2015-2018) não demonstrava interesse na sua execução, porém atualmente no governo Ibaneis (2019 até o presente momento de 2021) sua readequação e viabilização vem sendo discutida pela Secretária de Transporte e Mobilidade e por demais órgãos responsáveis por tais tratativas (RIBEIRO, FUJITA, 2013; O PREÇO DE UMA COPA, [2018], AGÊNCIA BRASÍLIA, 2021, apud GDF, SEMOB)

Sobre os atrasos e cancelamentos de obras são necessárias algumas pontuações: “Não foram especificamente as obras da Copa que atrasaram. São as obras públicas como um todo que atrasam. As da Copa foram uma lupa no que acontece nas prefeituras, nos estados e no governo federal.” (Westin, 2014, p.10 apud Cavalcante)

As Parcerias Público Privadas do Empreendedorismo Urbano descrito por Harvey, vem avançando no setor de mobilidade urbana do Distrito Federal. O GDF incluiu 9 projetos de Mobilidade Urbana neste tipo de modalidade “No DF, a mobilidade é a grande contemplada das PPPs. Ao todo, nove projetos estão em andamento, dos mais variados tipos e complexidade. Do estacionamento rotativo até a expansão do metrô, passando pelo VLT e a construção de pontes, os trabalhos

concentrados na Secretaria de Mobilidade estão a todo vapor.” (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2021, online apud SEMOB, GDF)

Os Pátios de apreensão do DER/DF, o Metrô/DF, a Avenida das Cidades, o VLT na Avenida W3, Zona Verde, Rodoviária do Plano Piloto, BRT Oeste e Sul, a Via Ponte Paranoá. São as obras/objetos que se pretendem serem administrados, cedidos, construídos a partir de iniciativas de PPPs. (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2021, online apud SEMOB, GDF) Obras e objetos de diferentes funcionalidades, porém todos inseridos na lógica do Empreendedorismo Urbano descrita por HARVEY (2005), cada uma delas está em um estágio diferente de execução, desde as que estão em construção, as que estão em licitação, as que ainda estão em planejamento prévio e afins. Sendo estes mais um possível indício de que os Megaeventos ocorridos em Brasília ajudaram a naturalizar tal tipo de parceria público-privada.

A respeito do planejamento de transportes do Distrito Federal, Ribeiro e Fujita (2013) apontavam que: “não há clareza na estruturação da integração entre os modais existentes e os planejados. O investimento proposto visa atender à demanda atual dos problemas existentes: falta de estrutura atual, superlotação do transporte coletivo e redução do uso do transporte individual.” (Ribeiro, Fujita, 2013, p.74) De maneira semelhante: “O adensamento urbano decorrente das ocupações irregulares e até mesmo dos núcleos planejados hoje em dia saturam o trânsito. A falta de planejamento urbano e de uma política de trânsito e transportes para a capital agrava os problemas de mobilidade urbana.” (ROMERO, 2014, p.4)

Grande parte desse cenário se mantém até o presente momento, afinal são questões estruturais da fundação e da constituição vivida do Distrito Federal e entorno. Houveram transformações como a ampliação de corredores exclusivos para ônibus, o BRT do Gama- Santa Maria, a inauguração de algumas novas estações de metrô, duplicação de vias, cartão de integração, ampliação de ciclovias dentre outras iniciativas, porém o cenário de superlotação dos ônibus e dos vagões de metrô continua a ser notória. Além desses aspectos: “No âmbito dos modais terrestres, o novo terminal rodoviário de Brasília tem capacidade para atender a 104 cidades brasileiras, com 260 chegadas e partidas por dia.” (ARRUDA, 2016, p.53 apud Observatório, 2015)

Durante o período da Copa do Mundo de 2014 a realidade do transporte

público do DF foi a seguinte: “[...] Em média, 40 mil pessoas foram transportadas por dia, segundo a Secretaria de Transportes. Linhas de ônibus convencionais funcionaram normalmente, e linhas especiais sem cobrança de tarifa facilitaram o acesso ao Mané Garrincha. [...]” (ANDRADE, 2014, p.12)

### **3.5.1 Metrô**

A expansão do Metrô-DF era uma das principais obras de mobilidade urbana previstas para a execução da Copa do Mundo de 2014, além de ser uma demanda antiga e necessária para o melhor funcionamento da circulação de pessoas no DF. Sendo uma das obrigações previstas para o GDF dentro da Matriz de Responsabilidade para a Copa de 2014 (ANUÁRIO DO DF, 2010; 2011, P.141; 2012, 2013, 2014) Dentro do período da Copa do Mundo: “O Metrô registrou um aumento de 30% no número de usuários nos dias de jogos.” (ANDRADE, 2014, p.12)

Em 2010 a promessa era de que: “Até a Copa, contará com 48 novos carros, que aumentarão a capacidade de transporte para 300 mil passageiros por dia.” (Anuário do DF 2010, p.289) Porém em setembro de 2020, 6 anos após a realização da Copa do Mundo, o Metrô-DF conta com somente 24 trens. Sendo ao todo 27 estações em operação numa extensão de 42,38 Km. No final de 2019 a estação Estrada Parque foi inaugurada, em tese beneficiando 10 mil passageiros de Águas Claras e em setembro de 2020 as estações 106 e 110 Sul foram também inauguradas. Beneficiando em tese algo em torno de 6 mil passageiros por dia (AGÊNCIA BRASÍLIA, 2020, Metrô DF, 2020) Sendo tais obras ficaram abandonadas/travadas por vários anos. Estas três estações não expandem a extensão de alcance das linhas de metrô do DF, já estando em localidades que faziam parte do percurso das linhas do Metrô de Brasília. São localizadas a poucos quilômetros/centenas de metros de outras estações que já existiam naquelas regiões. Elas têm a sua funcionalidade, porém não parece adequado considerar que estas tiveram um impacto profundo na expansão do Metro do DF.

O Metrô DF (2020) fala das expansões que estão em obras ou em planejamento neste momento.

Encontra-se em andamento o projeto de expansão de 3,6km de via e construção de duas novas estações no Ramal Samambaia. Além de Samambaia, o Metrô-DF também finalizou os estudos para a expansão de 2,5km de via em Ceilândia e a construção de duas novas estações, além da primeira estação da Asa Norte, localizada nas proximidades do Setor Comercial Norte (SCN), com 1 km de via até a altura do Hospital Regional

da Asa Norte (HRAN).

As obras em andamento são um passo a mais na conclusão da linha 1 do Metrô-DF, que liga a Zona Central de Brasília às cidades de Ceilândia e Samambaia, passando pelo Guará, Águas Claras e Taguatinga. (METRÔ DF, 2020, online)

Boa parte dessas intenções já haviam sido expostas no início da década de 2010 pelo GDF, até mesmo como promessas para a Copa de 2014, o atendimento ainda seria majoritário aos mesmos setores do Distrito Federal, pouco se fala da expansão e revitalização da sobrecarregada frota de trens atual.

**Tabela 11 - Quais das solicitações dos usuários do Metrô-DF deveria ser realizada primeiro (2018)**

Ampliação do horário de funcionamento aos domingos e feriados	27,4
Modernização do sistema de bilheterias	12,3
Tarifa diferenciada por trecho e horários	11,8
Diminuição do intervalo entre trens	11,6
Instalação de ar condicionado nos trens	8,4
Expansão do metrô para outras satélites	3,0
Não sabe responder	1,7
Terminais de auto atendimento de recargas de cartões	1,6
Ampliação do horário de funcionamento de segunda a sexta	1,1
Implantação de Linhas de VLT	0,9
<b>Total Geral</b>	<b>100,0 %</b>

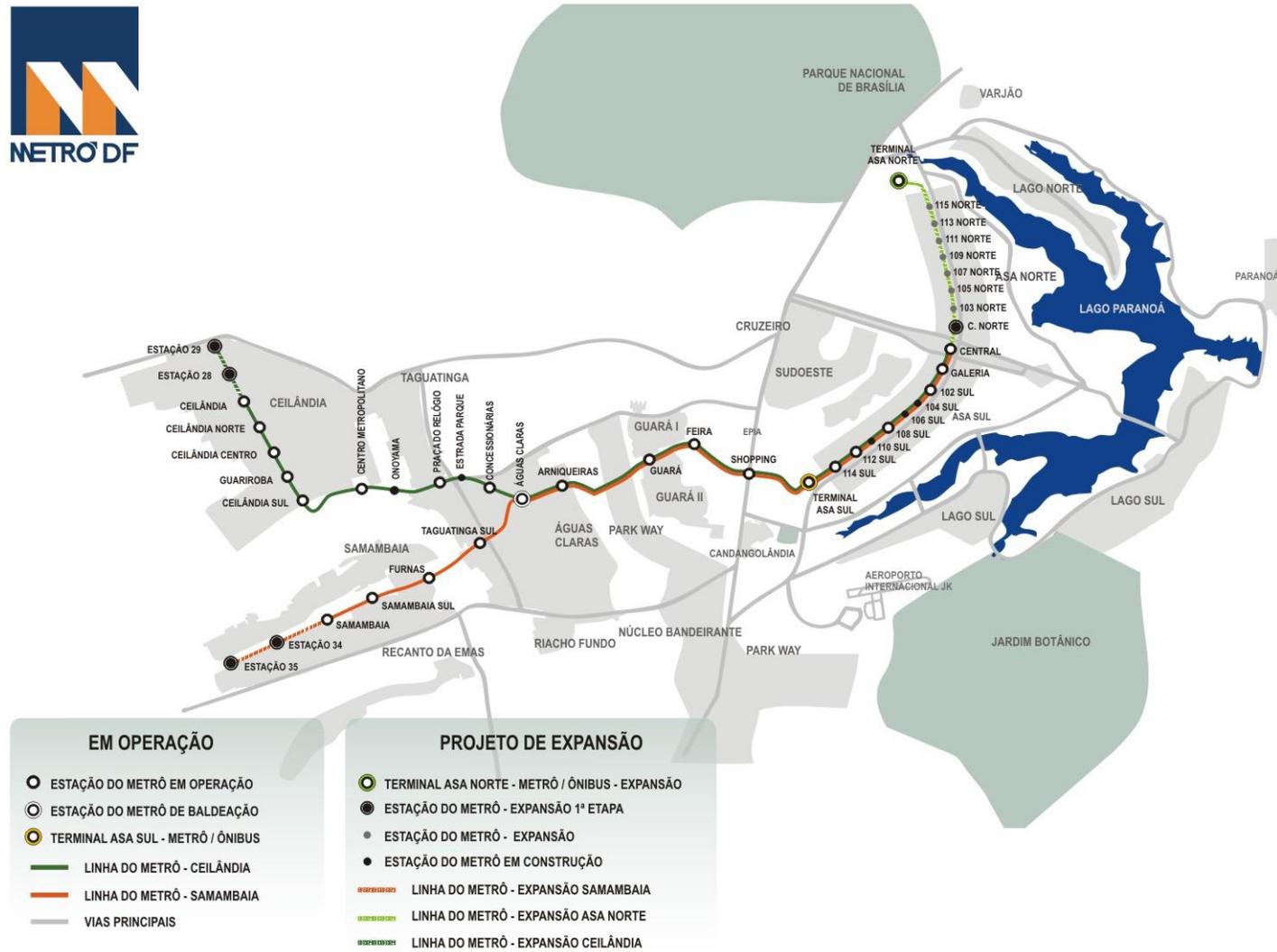
Fonte: Pesquisa de Avaliação dos Serviços Prestados Metrô DF (2018)

**Tabela 12 - De Onde Vem os usuários do Metro-DF:**

Brasília	23,1 %
Ceilândia	17,2 %
Águas Claras	13,9 %
Taguatinga	12,2 %
Samambaia	11,9 %
Guará	9,6 %
Outras Localidades	12,1 %
<b>Total Geral</b>	<b>100 %</b>

Fonte: Pesquisa de Avaliação dos Serviços Prestados - Metrô DF (2018)

Figura 26 - Estações construídas e previstas do Metrô do Distrito Federal (2021)



Fonte: Companhia do Metropolitano do Distrito Federal - Metrô (2021)

### 3.5.2 Aeroporto

Para o recebimento de um evento do porte da Copa do Mundo, com seu grande fluxo de turistas era necessário que o país tivesse uma malha de aeroportos adequada. Segundo Westin: “Os aeroportos brasileiros estavam à beira do colapso, em razão do grande crescimento do número de passageiros.” (2014, p.7) Considerando que: “Em termos dos modos de transportes individuais, a aviação é provavelmente o mais estudado com relação ao turismo. Isso pode ser atribuído ao fato de que o desenvolvimento do turismo internacional nas últimas décadas tem sido propiciado graças ao crescimento das malhas aéreas e da infraestrutura aeroportuária [...]” (MEDEIROS, 2013, p.24 apud PALHARES, 2005, p. 654)

O fato das 12 cidades da Copa em grande parte dos casos serem bastante distantes uma das outras, forçaria também que seleções, turistas e torcedores se deslocassem pelo país em avião. Isso incentivou que o governo decidisse pela ampliação dos principais aeroportos do país. (WESTIN, 2014, p.7) “Investimentos de R\$ 6,3 bilhões foram realizados para melhoria dos terminais de passageiros, pistas e pátios de estacionamento.” (PELIANO, 2014, p.16) Cabe aqui lembrar que dentro das matrizes de responsabilidades as reformas de aeroportos eram de responsabilidade da União.

Além das reformas e expansões dos aeroportos e de seus terminais, houveram adequações operacionais e administrativas nos aeroportos que estavam sujeitos ao fluxo intenso de turistas e torcedores. Foram levados a termo 21 projetos de reforma e construção de terminais de passageiros, a capacidade de recepção de viajantes nos aeroportos da Copa foram ampliadas em 80 %. Para atender este fluxo a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) aumentou a malha área. Quase 2000 novos voos no total foram acrescentados para cobrir o período de ocorrência do evento. (PELIANO, 2014, p.16)

Os modelos de Parcerias-Público-Privadas, encontraram no megaevento uma porta para a sua adoção no setor aeroportuário brasileiro. Junior e Lima destacam que: “Além de abrir a possibilidade da entrada do capital privado neste setor, os primeiros aeroportos concedidos eram os mais importantes e com maior fluxo de passageiros, conseqüentemente, com maior movimentação financeira. Portanto, futuras privatizações de outros aeroportos não estão descartadas.” (Junior, Lima,

2015, p.73) Até o período da Copa do Mundo, tinham sido repassados através de concessões para a iniciativa privada os aeroportos de : Brasília, Campinas, Guarulhos, São Gonçalo do Amarante, Galeão e Confins (PELIANO, 2014, p.16) A concessão do aeroporto de Brasília para a concessionária Inframérica ocorreu em 2012 (ANAC, 2012), O programa de concessões continuou a avançar; em 2019 eram 22 aeroportos já concedidos, responsáveis por 70.% dos passageiros do transporte aéreo brasileiro. (SOUSA, 2020, (SOUZA, 2020, p.154)

Souza (2020) descreve os argumentos utilizados pelo Governo Federal em prol das concessões feitos no setor aeroportuário:

Além da capacidade de investimento, a qualidade da gestão e a visão comercial das concessionárias também foram utilizadas pelo Governo Federal como argumento para justificar a transferência

Ademais, conforme já relatado, a decisão de conceder ou não para a iniciativa privada teve como um grande argumento a favor a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, pois eram eventos mundiais e que traria grande público e os aeroportos brasileiros não possuía infraestrutura para suportar um grande número de usuários (Souza, 2020, p.153)

O Distrito Federal se localiza em posição estratégica para o modal aéreo do país, com conexões com todo o país e com várias cidades globais. (MEDEIROS, 2013) Segundo Andrade (2016) o aeroporto JK atende 60 pousos e decolagens por minutos. Sendo 256 voos diretos para Brasília e mais 36 com escalas nele, com 12 voos internacionais e 25 desembarques internacionais a cada mês, tendo base em dados dos meses entre julho e agosto de 2015. (Arruda, 2016, p.53 apud Observatório, 2015,)

Com a expansão do Aeroporto de Brasília a previsão era do ampliamto da capacidade anual de passageiros de 15,4 milhões para 21 milhões. “Quando estiver pronto, o Aeroporto de Brasília, por exemplo, um dos pontos de conexão mais importantes do país, verá a capacidade anual aumentada de 15,4 milhões de passageiros para 21 milhões.” (WESTIN, 2014, p.7) Eram previstos 100.000 m<sup>2</sup> de obra, que somariam um valor total de investimento de R\$ 2,85 bilhões de reais. (MEDEIROS, 2013, p.40)

Souza (2020) descreve a concessão do aeroporto de Brasília:

A concessão tem uma duração de 25 anos e foi arrematado no leilão pela Inframérica pelo valor de 4,5 bilhões de reais e logo no primeiro dia da administração da Inframérica começou as obras de ampliação previstas no contrato da concessão. Até dezembro de 2017 já havia sido investido R\$1,7

bilhões de um investimento previsto de R\$ 2,85 bilhões até o fim do contrato. (Souza, 2020, p.156)

Souza (2020) aponta que houve um aumento no índice de satisfação dos passageiros do Aeroporto Internacional JK. “Mostrando que o impacto ocasionado pela mudança de administração, trouxe mudanças positivas para os passageiros, não somente a curto prazo, mas a médio e longo também.” (Souza, 2020, p.160)

Podemos ter um pouco da noção do fluxo de passageiros nos aeroportos durante a Copa do Mundo ao compararmos este fluxo com o de outros períodos de alto volume em um período próximo ao longo de meses anteriores a Copa. Durante a Copa de 2014 o volume médio diário de passageiros nos 21 principais aeroportos do Brasil era de 485 mil passageiros, no carnaval deste mesmo ano o volume era de 365 mil e no Natal de 2013 o volume era de 404 mil passageiros. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2014, p.24) Tal métrica nos demonstra que o volume durante a Copa supera até mesmo outros momentos que tipicamente o fluxo de passageiros aéreos no Brasil é bastante considerável.

Andrade (2014) descreveu o fluxo de passageiros no Aeroporto Jk durante o período do evento:

De acordo com dados da Inframérica, concessionária que administra o Aeroporto JK, 56 mil passageiros passaram pelo terminal nos dias de jogos, um aumento de 7% no número de voos em relação ao mesmo período do ano passado. Nos primeiros 15 dias de Copa, o Aeroporto Internacional de Brasília recebeu 900 mil pessoas e teve 414 voos extras. (Andrade, 2014, p.12 apud Inframérica)

### **3.6 Rede Hoteleira e turística do DF**

Em 2010 a rede hoteleira do DF era composta por 28 mil leitos, espalhados em hotéis de pequeno, médio e grande porte. Concentrados na região central de Brasília, mais especificamente nos Setores Hoteleiros Norte e Sul. (ANUÁRIO DO DF, 2010) Se previa neste momento que: “Com os investimentos para a Copa de 2014, o número de quartos vai dobrar, até o final de 2012. Somente no complexo do novo Estádio Nacional serão investidos R\$ 650 milhões para a construção de hotéis.” (Anuário do DF, 2010, p.288) A expectativa de dobrar o número de leitos não foi alcançada, no entanto, em 2016, a PSH - Pesquisa de Serviços de Hospedagem, promovida pelo IBGE em parceria com o Ministério do Turismo, apontava de que o DF, dispunha de 39 424 leitos, o que ainda tem que ser considerado como um

expressivo crescimento na oferta de leitos. (IBGE, 2017)

Segundo Arruda (2016): “O Distrito Federal dispõe de 361 equipamentos de hospedagem entre meios de hospedagem tradicionais e alternativos, composto por 62% de hotéis, 11% motéis e pousadas rurais, e 7% de apart hotéis e pousadas.” (Arruda, 2016, p.53) Nos últimos, porém vale se destacar o surgimento/crescimento de novas práticas de estadia, como os alugueis por temporada, de imóveis diversos promovidos por aplicativos como o AIRBNB, dos quais estes aplicativos atuam como intermediários entre clientes e os donos dos imóveis e vem alterando as concepções que previamente existiam.

Um dos pontos que merece aqui ser apontado é que não necessariamente havia um claro déficit quantitativo na rede hoteleira brasileira, o déficit tinha uma natureza fundamentalmente e especialmente qualitativa, a readequação dos leitos já existentes através de políticas de incentivo seria a melhor solução para o atendimento de um evento como a Copa do Mundo de 2014. (ROMERO, 2014, p.14)

No ano de 2011 o GDF fracassou na sua tentativa de licitação da área verde na quadra 901 com objetivo de expandir o setor hoteleiro do Plano Piloto, sendo esta uma área adjacente ao estádio Nacional Mané Garrincha, “Nesse esforço para reforçar as centralidades já existentes, a partir da concentração de investimentos públicos na capital, que buscava favorecer o capital imobiliário em detrimento de outras áreas urbanas da capital,” (ROMERO, 2014, p.14) Porém haviam entraves entre as grandes redes hoteleiras e as pequenas que queriam divisões distintas dos loteamentos. Havia projeções da mobilização de 4 bilhões de reais e o terreno da NOVACAP no local era avaliado em algo que girava a casa dos 700/800 milhões de reais. (ROMERO, 2014) Na época “o governo declarou que o objetivo do lançamento era aumentar a quantidade de leitos na capital federal e atender as demandas do mundial.” (ROMERO, 2014, p.14)

#### Sobre as causas que levaram ao cancelamento:

A estratégia do Estado e dos grandes capitais foi, no entanto, frustrada pela mobilização da sociedade: o parcelamento da Quadra 901 Norte foi incluído no Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico – PPCUB. O Plano de Preservação, por exigência da Unesco, para manter a condição de Brasília como Patrimônio da Humanidade, entrou na pauta de discussões da Câmara Legislativa do Distrito Federal. As entidades de classe dos arquitetos e urbanistas, assim como as principais faculdades de Arquitetura e Urbanismo

da cidade, através de seus representantes junto com o Instituto de Patrimônio Artístico e Histórico Nacional - IPHAN votaram contra o projeto no Conselho de Planejamento - Conplan e, posteriormente, os parlamentares, ante a forte pressão social, se recusaram a votar o projeto de lei no encerramento do ano de 2013. (ROMERO, 2014, p.14)

Durante a realização da Copa houve-se uma certa frustração do setor hoteleiro do DF, a expectativa prévia era de superlotação, mas durante o evento a ocupação girou em torno dos 65 %. (ANDRADE, 2014) “Foram disponibilizados 75 mil leitos na hotelaria convencional e 2,2 mil em hospedagem alternativa, como campings e albergues, e o governo ainda reservou um espaço de acampamento no Parque de Exposições Granja do Torto.” (ANDRADE, 2014, p.12)

Para compreendermos o impacto para o setor hoteleiro e turístico durante o evento é necessário expormos alguns números. No período entre 10 de junho e 13 de julho de 2014 (período em que ocorreu a Copa de 2014) Brasília acolheu 633 mil turistas dos quais 143 mil eram estrangeiros. A Secretária do Turismo do DF estimou que foi de três a quatro dias o tempo médio dos turistas em Brasília, com mais de 14 mil pessoas de 42 países estiveram nos Centros de Atendimento ao Turista durante as duas semanas iniciais da Copa. Pelas estimativas governamentais os visitantes gastaram algo em torno de 400 reais por dia em hospedagem, transporte e alimentação, com a quantia mínima orçada em 1.4 bilhão de reais, em gastos com despesas diárias e no estádio em Brasília durante os dias de jogos. (ANDRADE, 2014, p.11)

## **Considerações Finais**

Entre o momento de escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 e o evento ocorrido em si, a realidade brasileira sofreu grandes transformações. O cenário político tornou-se extremamente conturbado, a ascensão socioeconômica que vinha se construindo começava a ser abalada. Em um momento inicial é necessário ressaltar que a aceitação do evento era bastante ampla, a coalização e colaboração de vários setores da sociedade, como a mídia, setores privados e governamentais é pressuposto obrigatório para a execução de um megaevento esportivo dentro de uma democracia. No caso brasileiro a rede de coalizão se interessava nos volumosos recursos envolvidos com os megaeventos, porém os interesses das esferas estatais foram submetidos a determinações de grupos restritos ligados a FIFA e ao COI.

A Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 eram associadas a construção de um ciclo de desenvolvimento nacional. Ambos eventos eram tidos como oportunidades de superar algumas burocracias, a data estipulada dos eventos justificava o aceleração do cronograma de certas obras e elas ajudariam a dotar o país de uma melhor infraestrutura. As projeções sobre os impactos e a geração de empregos relacionadas a Copa, eram muito comumente imbuídas de um otimismo exagerado, se explicando em parte pelo momento positivo que o país vivia anos antes da Copa, mas também por questões retóricas e argumentativas da defesa do evento.

A expectativa de esferas municipais, estaduais e federal de uso da Copa para capitalização política foi frustrada, a Copa acabou se tornando uma ferramenta contra elas mesmas. Tanto por grupos que apontavam o caráter incoerente de gastos bilionários em certos setores enquanto mazelas sociais das cidades não eram combatidas, o discurso anticorrupção que havia se difundido na sociedade encontrou nas obras da Copa terreno fértil para ataque, além da superestimação dos impactos positivos que eram previstos por alguns setores da sociedade. Associar a sua imagem a uma instituição tão problemática quanto a FIFA era um risco, promessas de que a maior parte dos investimentos para a Copa viriam da iniciativa privada quando a realidade foi o oposto, além dos fatores citados anteriormente que acabaram fazendo que a Copa tenha gerado um alto custo de capital político.

No cenário internacional a Copa e as Olimpíadas eram tidas como formas de demonstrar a posição que o Brasil desejava exercer na lógica competitiva global, mostrando o país como uma nação prospera e poderosa, os dois eventos possuíam grandes elementos de autopromoção e marketing, com o caráter espetacular destes eventos eles são utilizados como vitrines de países em ascensão econômica no cenário global ou como elementos de reafirmação de um status de nação ultra influente. Os megaeventos comumente são utilizados com tais finalidades, o caso recente mais emblemático é o da China nas Olimpíadas de 2008 em Pequim, o megaevento teve forte caráter simbólico com a China se posicionando em um novo status para o mundo, também podem ser citados os Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi em 2014 e a Copa do Mundo de 2018 na Rússia, ambos eventos multibilionários e com uma absurda escala de proporção em suas obras. Nesse sentido o Brasil não conseguiu grande êxito.

Como foi demonstrado, os megaeventos ganharam uma nova proporção ao longo das últimas décadas, se na Copa do Mundo de 1950 o grande gasto foi feito na construção do Maracanã (R\$ 487 milhões em valores corrigidos com base de Referência em 12/2017) na Copa de 2014 o Brasil gastou oficialmente R\$ 33 bilhões (8 bi destes sendo com estádios) para a execução da Copa do Mundo, com estimativas extraoficiais que apontam até R\$ 74 bilhões em despesas totais. (O PREÇO DE UMA COPA, [2018[ apud FETT), antes do evento

A instrumentalização do termo “legado” foi amplamente utilizada por setores da mídia, institucionais e governamentais. Ela era extremamente necessária para a defesa de investimentos bilionários como os que ocorreram para a Copa do Mundo de 2014. O termo “legado”, a exaltação de modelos prévios de sucesso, as benesses prometidas para setores da sociedade são construções que passam por um trabalho de instituições como a própria FIFA e COI, sendo todos estes instrumentalizados pelos setores interessados na defesa da execução da Copa de 2014. A geração de empregos, evoluções na infraestrutura do país com destaque para o setor de transportes e mobilidade, o fortalecimento do setor turístico e o desenvolvimento do esporte no Brasil eram alguns dos principais pontos atrelados ao legado advindo destes megaeventos.

As estratégias de execução de um megaevento esportivo se vinculam ao

modelo de governança urbana do Empreendedorismo Urbano (HARVEY), as obras para tais eventos costumam visar uma determinada área da cidade e não ela como um todo, a instalação de estádios e complexos esportivos são vistos pelas cidades como forma de dinamizar certas áreas da cidade ou de promoção de um discurso de revitalização urbana de uma determinada área da cidade. frequentemente se utiliza a cultura como forma de tornar a cidade atrativa, tentando se criar uma vantagem comparativa para as cidades que cada vez se encontram envolvidas na lógica competitiva neoliberal. Outras conexões e aspectos podem ser vinculadas entre este modelo e outras estratégias urbanas vinculadas aos megaeventos.

Um dos setores que mais cria expectativa associada ao recebimento de um megaevento como a Copa do Mundo é o setor turístico, tanto que foi setor que mais recebeu investimentos da iniciativa privada para a Copa de 2014. O megaevento é visto como um momento ideal para o aprimoramento infraestrutural do setor e de capacitação técnica da mão de obra do setor. No geral se criam grandes expectativas sobre impactos positivos a curto, médio e longo prazo associados aos megaeventos para o ramo turístico, porém nem sempre tais expectativas se comprovam no médio e longo prazo. Algumas métricas demonstram que houve sim um maior fluxo de pessoas no país no período associado a copa, com um fluxo bem considerável de turistas estrangeiros e internos, porém é necessário ressaltar que no caso de Brasília as expectativas criadas pelo setor hoteleiro e de hospedagem não chegaram a ser alcançadas. Além de que é difícil de se traçar efetivamente, relações de causalidade, entre receber um megaevento e os impactos plenos no setor turístico local.

O setor que de maneira mais concreta foi impactado pela Copa do Mundo e pelas olimpíadas é o setor imobiliário. A copa acabou por legitimar processos de especulação imobiliária e de segregação socioespacial. Famílias foram desalojadas para que alguma obra fosse construída para o evento e até mesmo obras que criaram algum objeto geografia que poderia ser usufruído pela população, acabavam pelo fenômeno da especulação, por gerar um aumento no custo de vida da população local, forçando cada vez mais a população vulnerável a se inserir em contextos de habitações longínquas de seus empregos e de infraestruturas urbanas precárias.

A modernização dos estádios brasileiros era necessária pela defasagem geral de suas estruturas, mas a determinação a partir de padrões internacionais que não se adequam as diversas realidades locais e regionais, ao tamanho da demanda pelos clubes e a infraestrutura prévia das cidades foi extremamente problemática, trazendo gastos mais elevados do que poderiam ter sido caso seguissem modelos mais racionais. Tal inadequação acabou levando em muitos casos ao endividamento estatal e dos clubes, além que em muitos casos ocorreu-se a quebra/alteração do sentimento de pertencimento das torcidas com seus estádios.

Não existe algo como um modelo universal que deva ser aplicado para todos estádios e clubes, o modelo advindo da Copa do Mundo (não exclusivamente apenas ele) levou a um processo de maior elitização do público nos estádios, porém é necessário destacar que houve um aumento na arrecadação com bilheteria e nas médias de públicos pelos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro de futebol Masculino. O conforto maior dos novos estádios, associados a programas de fidelidade, ações na área de segurança pública nos jogos, são fatores que nos ajudam a compreender tais aumentos.

De forma geral o projeto de Brasília para a Copa era bastante problemático. O projeto de Brasília era distinto de outras sedes, não se buscou criar ou invectivar novas centralidades, o projeto e as benesses de infraestruturas urbanas se concentravam no reforço de uma centralidade já existente, em uma área que historicamente já era privilegiada em detrimento de outras. Pouca participação popular pode ser vista nas tomadas de decisão a respeito da Copa. Algumas das obras de mobilidade urbana que poderiam beneficiar um espectro mais amplo da sociedade brasiliense não se concretizaram por incompetência técnica na elaboração dos projetos, por denúncias de fraude licitatória, se executado plenamente o projeto já se teria problemas, com tais falhas e obras não concretizadas a percepção negativa ganha ainda mais força.

A copa do mundo serviu como elemento impulsionador da promoção de parcerias público privadas, estas que são elementos constituintes da lógica do Empreendedorismo Urbano (Harvey, 2005). Dois instrumentos urbanos em específico estão fortemente atrelados a promoção de participação, transferência de gestão e concessão para a iniciativa privada, além de práticas de renúncia fiscal, diretamente vinculada a Copa do Mundo, sendo eles os estádios e os aeroportos.

Os aeroportos reformados para o recebimento da Copa foram um dos pontos de entrada da iniciativa privada na gestão aeroportuária brasileira, tais práticas cada vez mais se tornaram recentes ao longo dos últimos anos neste setor. Vários dos estádios da Copa do Mundo foram inseridos na lógica das PPPs, a concessão dos estádios era vista como a maneira de livrar os governos de arcarem com os altos custos de manutenção dos modernos estádios, vários dos estádios foram construídos já planejados a serem entregues para a iniciativa privada, além dos estádios pertencentes a iniciativa privada e que aproveitaram de uma série de benesses de renúncias fiscais e financiamentos privilegiados.

As Parcerias Público Privadas ganharam força no Distrito Federal ao longo da última década. O Aeroporto de Brasília foi um dos primeiros a ter a concessão licitada, pela sua importância ele serviu como uma das vitrines desse tipo de movimento. O estádio Mané Garrincha já foi reformado com a intenção de ser entregue as mãos da iniciativa privada, o processo, no entanto demorou anos para ser concretizado. As parcerias públicas privadas são defendidas pelo GDF como a “solução” para uma série de questões que estavam previstas no projeto para a Copa de 2014 e que não foram concretizadas, como as obras do entorno do estádio, a reforma do estádio do Cave e também de obras no setor de mobilidade urbana e transportes do Distrito Federal.

O legado da Copa do Mundo de 2014 para o esporte brasiliense é nulo ou quase inexistente, o desenvolvimento do esporte local estava presente em discursos das instituições como a CBF e em esferas governamentais, no entanto o principal objeto geográfico construído/transformado para a Copa no Distrito Federal, o Mané Garrincha, não tinha o desenvolvimento do futebol de Brasília como um de seus objetivos principais. A reforma do estádio Cave, que é um estádio de porte mais adequado a realidade geral do futebol brasiliense, não se concretizou, poucos projetos de desenvolvimento do esporte local foram desenvolvidos de forma notável ao longo dos últimos anos. O Mané Garrincha é um estádio que não se adequa as necessidades do Distrito Federal, sua utilização como arena multiuso ainda não demonstrou ser suficiente para compensar os elevados custos que sua reforma trouxe para o Distrito Federal e tal realidade pode ser vinculada ao que ocorreu maneira semelhante na maioria das sedes da Copa que possuíam menor tradição esportiva

## Referências

ACCENTURE, Prefeitura de São Paulo. **Estádio da abertura da Copa 2014 como dinamizador do desenvolvimento da Zona Leste e da Cidade de São Paulo**. Relatório Final. Janeiro de 2011. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/trabalho/arquivos/itaquera.pdf>.

Acesso em: 3 de maio de 2019.

AGÊNCIA BRASÍLIA. **Copa deixa legado para brasilienses e turistas. Agência Brasília, GDF, julho de 2014**. Disponível em: <

<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2014/07/15/copa-deixa-legado-para-brasilienses-e-turistas/>>. Acesso em: 02 de julho de 2021

AGÊNCIA BRASÍLIA, FERRAZ, Ian. **Aliadas da mobilidade, parcerias público-privadas avançam no DF**. Secretaria de Estado de Comunicação do DF, fevereiro de 2021.

Disponível: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2021/02/23/aliadas-da-mobilidade-parcerias-publico-privadas-avancam-no-df/>. Acesso em: 11 de Agosto de 2021

ALBERTINI, Bruno. Dossiê sobre Megaeventos. **Megaeventos: uma estratégia de atração turística?** Turismo & Sociedade v. 7, n. 1, Curitiba, janeiro de 2014. p. 64-76 .

Disponível em :<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/37138/22888>. Acesso em: 19 de março de 2021

ALENCASTRO, Catarina, REUTERS, O GLOBO. **Dilma é vaiada na abertura da Copa das Confederações**. O Globo, junho de 2013. Disponível:

<https://oglobo.globo.com/politica/dilma-vaiada-na-abertura-da-copa-das-confederacoes-8701173>. Acesso em: 08 de maio de 2021

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A transição demográfica e a janela de oportunidades**. Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, São Paulo, 2008.

ANAC. **Aeroporto de Brasília (DF)**. Agência Nacional de Aviação, 2012. Disponível:

<https://www.anac.gov.br/assuntos/paginas-tematicas/concessoes/aeroportos-concedidos/jk>. Acesso em: 02 de setembro de 2021.

ANDRADE, Rebecah. **Brasília, o gol de placa na Copa das Copas**. In: CODEPLAN. **Brasília, a grande campeã da Copa das Copas. Goiânia-Anápolis-Brasília: eixo de desenvolvimento. Geo Serviço, a nova ferramenta de dados espaciais da Codeplan** Companhia de Planejamento do Distrito Federal - Codeplan - Ano 2014 - N 7 – julho de 2014. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Bras%C3%ADlia-em-Debate-07.pdf>.

Acesso em: 10 de julho de 2021

ANUÁRIO DO DF 2010: **uma ferramenta de fomento ao turismo e ao desenvolvimento do Distrito Federal** / Mark Consultoria. Ano I, n.1, maio, 2010. Brasília, 2010. Disponível em : <http://www.anuariodof.com.br/downloads/>. Acesso em: 22 de dezembro de 2020

ANUÁRIO DO DF 2011: **uma ferramenta de fomento ao turismo e ao desenvolvimento do Distrito Federal** / Mark Comunicação, Ano 2, n. 1, agosto 2011, Brasília, 2011.

Disponível em : <http://www.anuariodof.com.br/downloads/>,. Acesso em: 22 de dezembro de 2020

ANUÁRIO DO DF 2012: **Uma radiografia do Distrito Federal e suas regiões administrativas para o uma fomento do desenvolvimento Econômico e Social** / Mark Comunicação, Ano 3, nº 1, 2012, Brasília, 2012. Disponível em:

<http://www.anuariododf.com.br/downloads/>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2020

ANUÁRIO DO DF 2013: **uma ferramenta de fomento ao turismo e ao desenvolvimento do Distrito Federal** / Mark Comunicação, Ano 4, nº 1, setembro 2013, Brasília, 2013. Disponível em : <http://www.anuariododf.com.br/downloads/>, Acesso em: 22 de Dezembro de 2020

ANUÁRIO DO DF 2014: **uma ferramenta de fomento ao turismo e ao desenvolvimento do Distrito Federal** / Mark Comunicação, Ano 5, nº 1, agosto 2014, Brasília, 2014. Disponível em : <http://www.anuariododf.com.br/downloads/>, Acesso em: 22 de Dezembro de 2020

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2002

ARAUJO, Silvia D'Andrea. **Impactos dos Jogos Pan-americanos de 2007 no sistema viário da Barra da Tijuca e baixada de Jacarepaguá, cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2007. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/202>.. Acesso em: 22 de março de 2021

ARRUDA, Igor de Oliveira. **TURISMO: Uma interpretação territorial sobre Brasília e o Distrito Federal**, Monografia (Bacharelado em Geografia) Monografia (Bacharelado em Geografia), Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. 2016.

BARBIERI, Caio. **Iphan rejeita venda da 901 Norte e GDF fará nova versão do PPCub**. Metrôpoles, dezembro de 2019. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/colunas/janela-indiscreta/iphan-rejeita-venda-da-901-norte-e-gdf-fara-nova-versao-do-ppcub>>. Acesso em: 07 de setembro de 2021

BARROS, Ciro; FERRUGIA, Beatriz; SALGADO, Diego , **ENTREVISTA. As lições de 1950 para 2014**. Púnlica, outubro de 2012. Disponível: <https://apublica.org/2012/10/licoes-copa-1950-copa-do-mundo-2014-megaeventos/>. Acesso em: 02 de agosto de 2021

BARROS, Ciro. **Promessa da Copa de melhorar mobilidade urbana não será cumprida**. Pública, janeiro de 2013. Disponível: < <https://apublica.org/2013/01/promessa-da-copa-2014-de-melhorar-mobilidade-urbana-nao-sera-cumprida/>>. Acesso em: 03 de Agosto de 2021

BENITES, Afonso. EL PAÍS. **Com uma goleada por 3 x 0, Holanda liquida os restos do Brasil**. EL País. Julho de 2014. Disponível: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/12/deportes/1405193594\\_811109.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/12/deportes/1405193594_811109.html)>. Acesso em: 10 de Agosto de 2021.

BOTTURA, L, C. **Os impactos dos estádios nas cidades**. Abril de 2011. Disponível em: <http://infraestruturaurbana17.pini.com.br/solucoes-tecnicas/2/os-impactos-dos-estadios-nas-cidades-com-falta-de-213029-1.aspx>. Acesso em: 1 de maio de 2019.

BRAGA, Clara Soares. **MOBILIZAÇÃO SOCIAL, ACONTECIMENTOS E OPINIÃO PÚBLICA**. O posicionamento estratégico do Comitê Popular dos Atingidos pela Copa em Belo Horizonte (Copac-BH) Belo Horizonte, UFMG. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais. 2015

BRANDÃO, Carlos Antônio. **Espaços da destituição e as políticas urbanas e regionais no Brasil: uma visão panorâmica.** *Nova Economia*, 26(spe), p.1097-1132, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6351/3961>>. Acesso em: 28 de março de 2021

BRASIL, Ministério do Turismo, FGV. **Caracterização e Dimensionamento do Impacto econômico da Demanda Turística Doméstica na Copa do Mundo Fifa no Brasil – 2014.** Produto 4 Relatório Final. Ministério do Esporte, FGV, setembro de 2013. Disponível [http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/futebolDireitosTorcedor/copa2014/prestacao\\_de\\_contas\\_copa2014\\_final.pdf](http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/futebolDireitosTorcedor/copa2014/prestacao_de_contas_copa2014_final.pdf) Acesso em: 10 de julho de 2021

BRASIL, Ministério do Turismo, FIPE. **CARACTERIZAÇÃO, DIMENSIONAMENTO DA DEMANDA TURÍSTICA E ESTUDO DE IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES.** PRODUTO 4, RELATÓRIO FINAL. Ministério do Turismo, Fundação Instituto de pesquisas Econômicas São Paulo, outubro de 2014. Disponível em: [http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/futebolDireitosTorcedor/copa2014/prestacao\\_de\\_contas\\_copa2014\\_final.pdf](http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/futebolDireitosTorcedor/copa2014/prestacao_de_contas_copa2014_final.pdf) Acesso em: 10 de julho de 2021

BRASIL, Ministério do Esporte, **Balanco Final para as Ações da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 (6º Balanço)**, Brasília, dezembro de 2014, 105 págs. Disponível em: >[http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/6\\_Balanco\\_Copa\\_dez\\_2014.pdf](http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/6_Balanco_Copa_dez_2014.pdf)>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

BRASIL, Ministério do Esporte. Relatório de Prestação de Contas final referente à Copa das Confederações FIFA 2013 e à Copa do Mundo FIFA 2014. Brasília. 2017 dezembro de 2017. Disponível em: [http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/futebolDireitosTorcedor/copa2014/prestacao\\_de\\_contas\\_copa2014\\_final.pdf](http://arquivo.esporte.gov.br/arquivos/futebolDireitosTorcedor/copa2014/prestacao_de_contas_copa2014_final.pdf). Acesso em: 10 de julho de 2021

BROMBERGER, C. **As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia.** In: Horizontes Antropológicos, ano 14, n. 30, p. 237-253, jul./dez. 2008. Disponível em : [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/085148\\_horizontes30\\_bromberger.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/085148_horizontes30_bromberger.pdf). Acesso em: 21 de Março de 2021

BROUDEHOUX, Anne-Marie. **Imagens do poder: arquiteturas do espetáculo integrado na olimpíada de Pequim. Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 89, p. 39-56, Mar. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002011000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 de março de 2021

BROUDEHOUX, Anne-Marie. **Mega Eventos: o futuro do planejamento ou o planejamento como futuro? E-metropolis**, Rio de Janeiro, n. 3, ano 1, p. 29-34, dez. 2010. Disponível em: <[http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo\\_pdfs/000/000/003/original/emetropolis\\_n03.pdf?1447896278](http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/003/original/emetropolis_n03.pdf?1447896278)>, Acesso em: 20 de março de 2021

BOLSMANN, Chris. **A Copa do Mundo de 2010 na África do Sul: um espetáculo continental.** Tradução Daphne Costa Besen. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016.** Observatório das Metrôpoles, Rio de Janeiro, 2015.p.523-538

BOTELHO, Flávio. **AGÊNCIA BRASÍLIA. A concessão do metrô trará modernidade e economia.** Secretaria de Estado de Comunicação do DF, dezembro de 2020. Disponível: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/12/04/a-concessao-do-metro-trara-modernidade-e-economia/>. Acesso em 10 de agosto de 2021

CALDAS, Camilo Onoda. **Política e megaeventos esportivos**. Blog da Boitempo, junho de 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/27/politica-e-megaeventos-esportivos/>. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/27/politica-e-megaeventos-esportivos/>>. Acesso em: 13 de maio de 2021

CALEBRE, L. **Políticas culturais: informações, territórios e economia criativa**. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013

CALEGARI, Diego; Menezes, Murilo; PRIETO, Immaculada. **Planejamento urbano no Brasil: um breve histórico**. [Novembro de 2017] Disponível em: <<https://www.politize.com.br/planejamento-urbano-brasil/>>. Acesso em: 10 de março de 2021

CALIPO. Thales. Sem surpresas, **Fifa anuncia sedes da Copa do Mundo de 2014**. Uol, maio de 2009. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2009/05/31/ult59u198679.jhtm>>. Acesso em: 10 de Agosto de 2021

CANHEDO, Ana; CASSUCI, Bruno. **Corinthians chega a acordo com a Caixa para quitar dívida da Arena até 2040; veja valores e detalhes**, Globo Esporte, novembro de 2020. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/ultimas-noticias-corinthians-arena-divida-caixa-2040-prazo-valor-receitas-prazo-financiamento.ghtml>> Acesso em: 30 de julho de 2021.

CANÔNICO, Leandro. **Brasil é confirmado como sede da Copa-2014 e já vê briga interna**. Uol, 30 de outubro de 2007. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2007/10/30/ult59u135209.jhtm#:~:text=10%2F2007%20%2D%2012h37-.Brasil%20%C3%A9%20confirmado%20como%20sede%20da%20Copa,e%20j%C3%A1%20v%C3%AA%20briga%20interna&text=Dono%20de%20cinco%20t%C3%ADtulos%20mundiais,Copa%20do%20Mundo%20de%202014.>, Acesso em 12 de maio de 2021

CAPELO, Rodrigo. **As finanças do Botafogo em 2020: dívidas impagáveis e receitas em baixa fazem a estrela solitária brilhar cada vez mais fraco**. Globo Esporte, junho de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodriogo-capelo/post/2021/06/15/as-financas-do-botafogo-em-2020-dividas-impagaveis-e-receitas-em-baixa-fazem-a-estrela-solitaria-brilhar-cada-vez-mais-fraco.ghtml>. Acesso em: 29 de julho de 2021

CAPELO, Rodrigo. **As finanças do Cruzeiro em 2020: dívidas impagáveis e ineficiência no futebol marcam a fase mais sombria da história celeste**. Globo Esporte, junho de 2021. Disponível em: < <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodriogo-capelo/post/2021/06/17/as-financas-do-cruzeiro-em-2020-dividas-impagaveis-e-ineficiencia-no-futebol-marcam-a-fase-mais-sombria-da-historia-celeste.ghtml>>. Acesso em 29 de julho de 2021

CAPELO, Rodrigo. **As finanças do Flamengo em 2020: mesmo com pandemia e riscos assumidos no futebol, tudo indica que as contas continuam no eixo**. Globo Esporte, junho de 2021. Disponível em: < <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodriogo-capelo/post/2021/06/18/as-financas-do-flamengo-em-2020-apesar-da-pandemia-e-dos-riscos-assumidos-no-futebol-tudo-indica-que-as-contas-continuam-no-eixo.ghtml>>. Acesso em: 29 de julho de 2021

CAPELO, Rodrigo. **As finanças do Palmeiras em 2020: receitas em baixa e dívidas de curto prazo desafiam a gestão, mas não há sinais de crise**. Globo Esporte, junho de 2021. <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodriogo-capelo/post/2021/07/02/as-financas-do>

[palmeiras-em-2020-receitas-em-baixa-e-dividas-de-curto-prazo-desafiam-a-gestao-mas-nao-ha-sinais-de-criese.ghtml](#) Acesso em: 29 de julho de 2021

CAPELO, Rodrigo. **Especial: elite do futebol brasileiro piora nas finanças em 2020, e dívidas dos principais clubes chegam a quase R\$ 11 bilhões**, Globo Esporte, junho de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodriigo-capelo/post/2021/06/08/especial-elite-do-futebol-brasileiro-piora-nas-financas-em-2020-e-dividas-dos-principais-clubes-chegam-a-quase-r-11-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 30 de julho de 2021

CASAGRANDE, Venê. **Alto custo afasta Flamengo x Olímpia do Mané Garrincha, e diretoria avalia possibilidades para contar com público no duelo**. O Dia, Coluna do Venê, julho de 2021. Disponível: < <https://odia.ig.com.br/esporte/coluna-do-vene/2021/07/6199111-alto-custo-afasta-flamengo-x-olimpia-do-mane-garrincha-e-diretoria-avalia-possibilidades-para-contar-com-publico-no-duelo.html>>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

CASTRO, Demian, Garcia; NOVAES, Patrícia, Ramos. **Copa do Mundo 2014 e os Impactos no Direito à Moradia: uma análise das cidades-sede brasileiras**. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrôpoles, Rio de Janeiro, 2015, p.79-104

CODEPLAN. **Brasília, a grande campeã da Copa das Copas. Goiânia-Anápolis-Brasília: eixo de desenvolvimento. Geo Serviço, a nova ferramenta de dados espaciais da Codeplan** Companhia de Planejamento do Distrito Federal - Codeplan - Ano 2014 - N 7 – julho de 2014. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Bras%C3%ADlia-em-Debate-07.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2021.

COLLETO, VITOR. **A Arena do Grêmio e o processo de segregação socioespacial**. Tudo Geo, agosto de 2021. Disponível em: <https://www.tudogeo.com.br/2021/08/23/a-arena-do-gremio-e-o-processo-de-segregacao-socioespacial/>. Acesso em: 29 de Agosto de 2021.

CONMEBOL LIBERTADORES. **De novo a casa do @Flamengo na CONMEBOL #Libertadores! A partida de volta das quartas de final, contra o @elClubOlimpia, em 18/8, será em Brasília. Estádio Mané Garrincha, 19h15**. Brasil, 2 de Agosto de 2021. Twitter: @LibertadoresBR Disponível em: < <https://twitter.com/LibertadoresBR/status/1422184174438465538>>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática, 1995.

COSTA, Luan Vitor Miranda da. O uso das autoimagens para se tornar a Meca dos esportes: o Qatar e a Copa do Mundo FIFA 2022. 2013. ix, 60 f. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/6044> Acesso em: 05 de maio de 2020

COSTA, Giuliana. **Sediar megaeventos esportivos vale a pena?** In: Rev. O social em questão: grandes eventos e seus impactos sociais. Ano 16, n. 29, 1-2013. p. 159-178. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/7artigo29.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2021.

CUNHA, A,M; SILVA, I,M,D; SILVA, T,N. Megaeventos esportivos no Brasil: de prática esportiva amadora a catalisadores de transformações nas cidades. In: **JORNADA**

**INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS**, 7., 2015, São Luiz. Anais... São Luiz, 2015.

CURI, Martin. **A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 65-88, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/683>. Acesso em: 24 de março de 2021

DALONSO, Yona da Silva; LOURENÇO, Júlia Maria Brandão Barbosa. **O Brasil e a Copa Mundo Fifa 2024: Um Olhar Além dos Holofotes**. In: Book of Proceedings Vol. I - International Conference on Tourism & Management Studies. **Algarve**, 2011. p.518-528

DAMO, Arlei, Sander; OLIVEN, Ruben, George. **O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016**. *Horizontes Antropológicos*, 40, 2013, 19-63. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832013000200002&script=sci\\_abstract&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832013000200002&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 15 de março de 2021

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. **Apresentação - Dossiê Megaeventos**. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 9-15, dez. 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832013000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 de junho de 2016.

DAMO, A. **O desejo, o direito e o dever – A trama que trouxe a Copa ao Brasil**. *Movimento*, v. 18, n. 2, p. 41-81, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29910>. Acesso em: 22 de março de 2021

DA SILVA, Alexsandro Ferreira Cardoso. **Coalizões urbanas no país do Futebol: relações entre o megaevento Copa do Mundo 2014 e o mercado imobiliário**. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, vol. 16, núm. 2, Recife, novembro, 2014, p.13-26

DA SILVA, G. C.; PORTELLA, A.; PEREIRA, G. DA S. **O LEGADO DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E A CONTEXTUALIZAÇÃO DAS REMOÇÕES**. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 1, n. 2, p. 81-91, 12 set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16651>. Acesso em: 10 de março de 2021

DE SOUZA, Pedro Henrique. **A Renovação da Paisagem Urbana de Brasília com o Advento da Copa do Mundo de 2014**. Monografia (Bacharelado em Geografia) Monografia (Bacharelado em Geografia), Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

DOMINGUES, E, P; JUNIOR, A, A, B; MAGALHÃES, A, S, 2010. **Copa do mundo 2014: impactos econômicos no Brasil, em Minas Gerais e Belo Horizonte**, Textos para Discussão Cedeplar-UFMG td382, Cedeplar, Belo Horizonte MG. 2010.

DW BRASIL. **Fifa admite fraudes na escolha de sedes da Copa do Mundo**. Março de 2016, DW Brasil. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/fifa-admite-fraudes-na-escolha-de-sedes-da-copa-do-mundo/a-19120847>>. Acesso em: 04 de maio de 2021

DUTRA, Francisco. PPCUB, guaritas e novas áreas. GDF vai encaminhar 15 projetos à CLDF. Metrópoles, março de 2021. Disponível: < <https://www.metropoles.com/distrito-federal/ppcub-guaritas-e-novas-areas-gdf-vai-encaminhar-15-projetos-a-cldf>>. Acesso em 07 de setembro de 2021.

ESPN. **Há dez anos, Brasil era anunciado sede da Copa de 2014; veja alguns**

**personagens daquele dia** ESPN Brasil, outubro de 2017. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/739170\\_ha-dez-anos-brasil-era-anunciado-sede-da-copa-de-2014-veja-alguns-personagens-daquela-dia](http://www.espn.com.br/noticia/739170_ha-dez-anos-brasil-era-anunciado-sede-da-copa-de-2014-veja-alguns-personagens-daquela-dia). Acesso em: 10 de maio de 2021

ESPN. Governo renova concessão do Maracanã com gestão de Flamengo e Fluminense. ESPN Brasil, maio de 2021. Disponível: < [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_id/8557326/governo-renova-concessao-do-maracana-com-gestao-de-flamengo-e-fluminense](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/8557326/governo-renova-concessao-do-maracana-com-gestao-de-flamengo-e-fluminense)>. Acesso em: 31 de julho de 2021

FANTÁSTICO. Paul McCartney se apresenta em Brasília. Fantástico, Globoplay, novembro de 2014. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3785075/>> Acesso em: 14 de setembro de 2021

FERNANDES, Luis. Para além dos Jogos: os grandes eventos esportivos e a agenda do desenvolvimento nacional. In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. p.57-63

FERNANDES, Roberto. SEL/SUBELE/COESP, GDF. **Despacho SEL/GAB/OUVIDORIA (56136693)**. Governo Do Distrito Federal, Secretária de Estado de Esporte e Lazer do Distrito Federal, Subsecretaria de Esporte, Lazer e Espaços Esportivos, Coordenação de Espaços Esportivos, Brasília, 25 de fevereiro de 2021. Disponível em : <[https://oprecodeumacopa.com/uploads/1/0/7/6/107617463/despacho\\_coesp.pdf](https://oprecodeumacopa.com/uploads/1/0/7/6/107617463/despacho_coesp.pdf)>. Acesso em: 19 de setembro de 2021.

FERREIRA, João Sette Whitaker. Apresentação: Um teatro milionário. In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. p.7-15

FERREIRA, João Sette Whitaker. **#játemcopa: salve a seleção**. Blog Cidades para que(m)?, junho de 2014. Disponível em: <<https://cidadesparaquem.org/blog/2014/6/12/salve-a-seleo>>. Acesso em: 01 de março de 2021

FLAURY, Fernando. **No balanço da FIFA, U\$ 448 milhões investidos na Copa do Mundo 2014**. ESPN, 2012. Disponível em: [http://www.espn.com.br/blogs/fernandofleury/318374\\_no-balanco-da-fifa-u-448-milhoes-investidos-na-copa-do-mundo-2014](http://www.espn.com.br/blogs/fernandofleury/318374_no-balanco-da-fifa-u-448-milhoes-investidos-na-copa-do-mundo-2014) Acesso em 31 de Agosto de 2021.

FLORENTINO, Renata. **Indo para o jogo: políticas de mobilidade urbana nas cidades sede da Copa do Mundo**: Brasília e São Paulo. 2016. 1 recurso online (167 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322044>. Acesso em: 20 de março de 2021.

FOTTRELL, Stephen. **Copa do Catar: 'Nunca vi condições de trabalho tão ruins'**. BBC Esportes, maio de 2015. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150525\\_copa\\_catar\\_trabalhadores\\_de\\_poimentos\\_rm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150525_copa_catar_trabalhadores_de_poimentos_rm)> ,Acesso em: 04 de maio de 2021.

FRAGA, G. **A “derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na copa do mundo de 1950**. Tese (Doutorado em História)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FREITAS, Daniel; et.al. Impactos Socioeconômicos e Urbanos da Copa do Mundo 2014 em Belo Horizonte. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.221-244

GALVÃO, Walder, G1 DF. Covid-19: Hospital de Campanha do Mané Garrincha é desativado após quase 5 meses em funcionamento. G1 DF, outubro de 2020. Disponível: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/10/15/covid-19-hospital-de-campanha-do-mane-garrincha-e-desativado-apos-quase-6-meses-em-funcionamento-no-df.ghtml>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

G1 DF. **Governo do DF assina concessão do Estádio Nacional Mané Garrincha**. G1 Distrito Federal, julho de 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/07/26/governo-do-df-assina-concessao-do-estadio-nacional-mane-garrincha.ghtml>>. Acesso em: 7 de setembro de 2021

GARCIA, Claudia; SEDA, Vicente. **Humorista faz protesto antes de coletiva e atira dinheiro em Blatter**. Globo Esporte, Julho de 2015. Disponível em:< <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/07/manifestante-atira-dinheiro-em-blatter-e-adia-inicio-de-coletiva-na-fifa.html>>. Acesso em: 05 de maio de 2021

GENTH, Jana. **Depois de um Mundial ficam as memórias e os estádios (a dar prejuízo)**. DW Brasil, junho de 2018. Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-002/depois-de-um-mundial-ficam-as-mem%C3%B3rias-e-os-est%C3%A1dios-a-dar-preju%C3%ADzo/a-44295733>>. Acesso em: 07 de maio de 2021

GHZ ESPORTES. Não haverá mais Copa das Confederações, afirma presidente da Federação de Futebol dos Estados Unidos. Rádio Gaúcha, fevereiro de 2019. Disponível: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2019/02/nao-havera-mais-copa-das-confederacoes-afirma-presidente-da-federacao-de-futebol-dos-estados-unidos-ciscdol0l02o901mr1vugxzi5.html>>. Acesso em: 10 de julho de 2021

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Sexta Edição, Editora Atlas S.a, São Paulo. 2012.

GLOBO ESPORTE. **Lembre como foi: Rio foi para a escolha final por 2016 com a pior avaliação**. Globo Esporte, setembro de 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/lembre-como-foi-rio-foi-para-a-escolha-final-por-2016-com-a-pior-avaliacao.ghtml>. Acesso em: 12 de maio de 2021.

GLOBO ESPORTE. **Com primeiro gol de Reinier e mais um de Gabriel, Flamengo vence o Avaí por 3 a 0 no Mané Garrincha**. Globo Esporte, Brasileirão Série A. Disponível em: < <https://ge.globo.com/sc/futebol/brasileirao-serie-a/jogo/07-09-2019/avai-flamengo.ghtml>> Acesso em: 19 de setembro de 2021

GLOBO ESPORTE. **Manifestação por direitos humanos em jogo da Alemanha partiu dos jogadores, diz dirigente**. Globo Esporte, março de 2021. Disponível em:< [https://globoesporte.globo.com/google/amp/futebol/copa-do-mundo/eliminarias-europa/noticia/manifestacao-por-direitos-humanos-em-jogo-da-alemanha-partiu-dos-jogadores-diz-dirigente.ghtml?\\_twitter\\_impression=true](https://globoesporte.globo.com/google/amp/futebol/copa-do-mundo/eliminarias-europa/noticia/manifestacao-por-direitos-humanos-em-jogo-da-alemanha-partiu-dos-jogadores-diz-dirigente.ghtml?_twitter_impression=true)>, Acesso em: 30 de março de 2021.

GRAFIETTI, Cesar. **O efeito econômico dos Jogos Olímpicos: o que importa é competir**. Infomoney, julho de 2021. Disponível; <

<https://www.infomoney.com.br/columnistas/cesar-grafietti/o-efeito-economico-dos-jogos-olimpicos-o-que-importa-e-competir/>>. Acesso em: 31 de julho de 2021

GREGO, Thiago. **Como estão os estádios brasileiros pós Copa do Mundo de 2014.** Houer Modelagem em projetos privados e particulares, junho de 2019. Disponível: <https://blog.houer.com.br/estadios-brasileiros-pos-copa-de-2014/>. Acesso em: 31 de julho de 2021.

GÓES, Carlos. **Olimpíada e Copa no Brasil valeram a pena?** O Globo, julho de 2021. Disponível: <https://oglobo.globo.com/economia/olimpiada-copa-no-brasil-valeram-pena-25134455>. Acesso em: 31 de julho de 2021

GOZZI, Ricardo. **A política nas urnas e no gramado.** Blog da Boitempo, julho de 2014. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2014/07/08/a-politica-nas-urnas-e-no-gramado/>>. Acesso em: 17 de maio de 2021

HARVEY, David. Cap VI. Do Administrativismo ao empreendedorismo: A transformação da governança urbana no capitalismo tardio; In: **A produção capitalista do espaço.** 2ª ed. Annablume, 2005 (coleção Geografia e Adjacências). São Paulo, 2005. p,163-190

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy . “O Maraca é nosso”? | As torcidas de futebol do Rio de Janeiro e suas percepções sobre o novo Maracanã. Blog da Boitempo, junho de 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/15/o-maraca-e-nosso-as-torcidas-de-futebol-do-rio-de-janeiro-e-suas-percepcoes-sobre-o-novo-maracana/>. Acesso em: 02 de março de 2021

IASI, Mauro. **Não vai ter Copa!** Blog da Boitempo, fevereiro de 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/02/12/nao-vai-ter-copa/>. Acesso em: 13 de abril de 2021

IASI, Mauro. **A Copa como metáfora e a metáfora da Copa: pela rebelião do valor de uso.** Blog da Boitempo, fevereiro de 2014. Disponível em:< <https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/25/a-copa-como-metafora-e-a-metafora-da-copa-pela-rebeliao-do-valor-de-uso/>>. Acesso em: 17 de maio de 2021

ISTO É. Não haverá mais Copa das Confederações, afirma chefe do futebol nos Estados Unidos, IstoÉ, Terra. Fevereiro de 2019, Disponível: <<https://istoe.com.br/nao-havera-mais-copa-das-confederacoes-afirma-chefao-do-futebol-nos-estados-unidos/>> Acesso em: 10 de julho de 2021

IZEL, Adriana. **Villa Mix Festival leva festa para dentro do Estádio Nacional de Brasília.** Divirta se mais, Correio Braziliense, maio de 2019. Disponível: < [http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/programese-2019/05/03/noticia\\_programese,161398/villa-mix-festival-em-brasilia.shtml](http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/programese/2019/05/03/noticia_programese,161398/villa-mix-festival-em-brasilia.shtml)>. Acesso em: 8 de setembro de 2021

IZEL, Adriana. Estreando em Brasília, Maroon 5 faz show repleto de hits no Mané Garrincha. Diversão e Arte, Correio Braziliense, março de 2020. Disponível em: < [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/03/03/interna\\_diversao\\_arte,831864/estreando-em-brasilia-maroon-5-faz-show-repleto-de-hits-no-mane-garri.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/03/03/interna_diversao_arte,831864/estreando-em-brasilia-maroon-5-faz-show-repleto-de-hits-no-mane-garri.shtml)>. Acesso em: 14 de agosto de 2021.

JENNINGS, Andrew. **Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA - compra de votos e escândalo de ingressos.** São Paulo: Panda Books, 2011.

JENNINGS, Andrew. **Salvem o futebol das mãos da Fifa**. Blog do Boitempo, julho de 2017. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2014/07/01/salvem-o-futebol-das-maos-da-fifa/>>. Acesso em: 10 de maio de 2021

JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014.

JENNINGS, Andrew. **A máfia dos esportes e o capitalismo global** In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. p,51-55

JORNAL DO GUARÁ. **Futebol americano no estádio do Cave**. Jornal do Guará, outubro de 2020. Disponível: <https://jornaldoguara.com.br/2020/10/28/futebol-americano-no-estadio-do-cave/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015.

JUNIOR, Orlando Alves dos Santos. **Metropolização e Megaeventos: proposições gerais em torno da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016 no Brasil**. In : JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.21-40

JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; LIMA, Caio Guimarães Roch. **Impactos Econômicos dos Megaeventos no Brasil: investimento público, participação privada e difusão do empreendedorismo urbano neoliberal**. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.57-78

KFOURI, Juca. **O que fica pro futebol brasileiro?** Blog da Boitempo, julho de 2014. Disponível em:< <https://blogdaboitempo.com.br/2014/07/14/juca-kfourie-o-legado-da-copa/>>, Acesso em: 10 de maio de 2021

KFOURI, Juca. **70 curiosidades nos 70 anos da Copa de 1950**. Blog do Juca, Uol, julho de 2020. Disponível: < <https://blogdojuca.uol.com.br/2020/07/70-curiosidades-nos-70-anos-da-copa-de-1950/>>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

LAGE, M,V,C; COUTO, E,F. **Representações do nacionalismo em tempos de Copa do Mundo: Um estudo sobre a “grande imprensa” mineira (1949-1950)**. Recorde, v. 9, n. 1 jan./ jun. Rio de Janeiro, 2016. p. 1- 17,

LAGUNA, Marcelo. A Olimpíada de Moscou é inesquecível, apesar do boicote. Olimpíada Todo Dia, junho de 2020. Disponível em: < <https://www.olimpiadatododia.com.br/laguna-olimpico/252272-olimpiada-moscou-1980-inesquecivel/>>. Acesso em: 08 de maio de 2021

LIMA, Gabriel. **Ex-presidente da Fifa, Joseph Blatter é alvo de investigação na Suíça**. Agencia Olímpica, Junho de 2020. Disponível em: <<https://agenciaolimpica.com.br/futebol/28548/ex-presidente-da-fifa-joseph-blatter-e-alvo-de-investigacao-na-suica/>>, Acesso em: 03 de março de 2021

LIMA, Marcos Paulo. **Legado da Rio-2016, anéis olímpicos do Mané iluminarão a noite de Brasília até 5 de setembro**. Julho de 2021. Disponível

em:<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dribledecorpo/legado-da-rio-2016-aneis-olimpicos-do-mane-garrincha-iluminarao-a-noite-de-brasilia-ate-5-de-setembro/>. Acesso em: 03 de Agosto de 2021

MAIOR, Jorge Luiz Souto. Lei Geral da Copa: explicitação do estado de exceção permanente. In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. p.33-49

MAIOR, Jorge Luiz Souto. **O “rolezinho” da FIFA no país de Pedrinhas em Estado de Exceção Permanente.** Blog da Boitempo, janeiro de 2014. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2014/01/21/o-rolezinho-da-fifa-no-pais-de-pedrinhas-em-estado-de-excecao-permanente/>>. Acesso em: 17 de maio de 2021

MAIOR, Jorge Luiz Souto. **A Copa já era!** Uol, abril de 2014. Disponível em: < <https://blogdojuca.uol.com.br/2014/04/a-copa-ja-era/>>. Acesso em: 01 de abril de 2021

MAIOR, Jorge Luiz Souto **Moral da Copa: a fantasia clama pela racionalidade.** Blog da Boitempo, Disponível: < <https://blogdaboitempo.com.br/2014/07/17/moral-da-copa-a-fantasia-clama-pela-racionalidade/>>. Acesso em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2014/07/17/moral-da-copa-a-fantasia-clama-pela-racionalidade/>>. Acesso em: 02 de abril de 2021

MALUCELLI, Daniel. **DÍVIDA BILIONÁRIA: “Ranking do calote” expõe clubes mais endividados do Brasil; veja os 20 mais.** UmDoisEsportes, janeiro de 2021. Disponível em: < <https://www.umdoisesportes.com.br/futebol/ranking-calote-expoe-clubes-mais-endividados-do-brasil/>>. Acesso em: 31 de julho de 2021.

MANIAUDET, Guilherme; SILVA, Leandro; LEITÃO, Leslie. **Balanço final: Flamengo domina rankings de melhores públicos e rendas de 2019; veja os números.** Globo Esporte, dezembro de 2019. Disponível : <https://ge.globo.com/numerologos/noticia/balanco-final-flamengo-domina-rankings-de-melhores-publicos-e-rendas-de-2019-veja-os-numeros.ghtml>. Acesso em: 30 de julho de 2021

MARICATO, Ermínia. **“É a questão urbana, estúpido!” Em: Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2013. pp. 19-28

MARICATO, Ermínia. A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana. In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. p.17-24

MARICATO, Ermínia. **A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda desigualdade urbana.** In: JENNINGS, Andrew, ROLNIK, Raquel, LASSANCE, Antonio (et al.), **Brasil em Jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?** 1ª Ed, São Paulo: Boitempo-Carta Maior, 2014.

MARQUES, AIRTON. **Em fase de estudo, governo ainda não definiu o quanto concessão do nome da Arena Pantanal pode valer.** Olhar Direto, maio de 2021. Disponível: <<https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=483654&noticia=em-fase-de-estudo-governo-ainda-nao-definiu-o-quanto-concessao-do-nome-da-arena-pantanal-pode-valer&edicao=1>>. Acesso em: 31 de julho de 2021

MARTINEZ, Daniel. **"Amor dos torcedores ao futebol é o que permite à Fifa ser**

**corrupta**". DW Brasil, Junho de 2015. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/amor-dos-torcedores-ao-futebol-%C3%A9-o-que-permite-%C3%A0-fifa-ser-corrupta/a-18541010>>. Acesso em: 18 de Abril de 2021.

MASCARENHAS, Gilmar. **A Copa do Mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro**. Geo UERJ - Ano 15, nº. 24, v. 2, 2013, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/geouerj.2013.11490>. Acesso em: 14 de maio de 2021

MASCARENHAS, Gilmar. **Megaeventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos-2007**. Scripta Nova REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES Vol. XI, núm. 245 (13), Nueva serie de Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana. Barcelona, agosto de 2007. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24513.htm>. Acesso em: 16 de março de 2021.

MASCARENHAS, G.; BIENESTEIN, G.; SÁNCHEZ, F. (Org.). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. Prefácio JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrôpoles, Rio de Janeiro, 2015.

MEDEIROS, Roberto Ortega de. **A Importância Geoestratégica do Aeroporto Internacional de Brasília – Juscelino Kubitschek**. Monografia (Bacharelado em Geografia), Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. Dezembro de 2013.

MELO, E, S, O; CID, G, S, V. **Vida e morte do Maracanã: a batalha do estádio em dois atos**. Estudos Históricos v. 32, n. 68, p., Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s2178-14942019000300008>. Acesso em: 12 de março de 2021

METRÔ-DF Mapa **das estações do Metrô DF**. Companhia do Metropolitano do Distrito Federal – Metrô, 2021. Disponível: [http://www.metro.df.gov.br/?page\\_id=8768](http://www.metro.df.gov.br/?page_id=8768). Acesso em 11 de agosto de 2021 Acesso em: 10 de agosto de 2021

METRÔ-DF. **Novas estações do Metrô-DF**. Companhia do Metropolitano do Distrito Federal – Metrô, 2020. Disponível: [http://www.metro.df.gov.br/?page\\_id=8122](http://www.metro.df.gov.br/?page_id=8122). Acesso em 8 de agosto de 2021

MOLINA, Fabio Silveira. **Megaeventos e Produção do Espaço Urbano no Rio de Janeiro: da “Paris dos Tópicos” a “Cidade Olímpica”**. São Paulo, USP, 2013. 218 F. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós graduação de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013

MONTE-MÓR, R. As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil. In: Diniz, C. e Crocco, M. (Orgs.) **Economia Regional e Urbana. Contribuições teóricas recentes**. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2006

MOREIRA, Gerson. **Brasileiro 2010: Ranking final de média de público**. Blog do Gerson Moreira, dezembro de 2010. Disponível em: <<https://blogdogersonnoqueira.com/2010/12/12/brasileiro-2010-ranking-final-de-media-de-publico/>>. Acesso em: 31 de julho de 2021

MÜLLER, Martin. Mais Alto, Maior, Mais Caro: Sochi e as Olimpíadas de Inverno de 2014. Tradução Daphne Costa Besen. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015.

NASCIMENTO, Adriana Queiroz do. Cuiabá-MT em Jogo: a reestruturação urbana em virtude da Copa do Mundo em 2014. Remoção e ordenamento urbano como reflexos da exclusão In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.259-278

OLIVEIRA, Nelma Gusmão de. Jogo Espetáculo, jogo negócio, In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas? 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. P.25-32

OLIVEIRA, Josiane Alves. **A governança urbana como indutora do desenvolvimento local: Aplicações do Modelo Colaborativo de Curitiba na Região do Cajuru**. Dissertação de Mestrado em Gestão Urbana. Curitiba: PUC-PR, 2006.

OMENA, ERICK. **A “Copa das Manifestações” e os Processos de Governança Urbana no Brasil**. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.131-164

OMENA, ERICK **Não Foi Só Por 20 Centavos: a “copa das manifestações” e as transformações socioeconômicas recentes nas metrópoles brasileiras**. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.203-218

O PREÇO DE UMA COPA. Turistas Estrangeiros. O Preço de Uma Copa, Turismo, [entre 2016 e 2021]. Disponível em: <<http://oprecodeumacopa.com/turismocopa2014.html>>. Acesso em: 18 de setembro de 2021

O PREÇO DE UMA COPA. **O Legado Atrasado. A copa da Rússia de 2018 ja terminou... e o brasil ainda nao entregou todas as obras de 2014** O preço de uma copa, entre julho e dezembro de 2018. Disponível em: <<http://oprecodeumacopa.com/obrasinacabadascopadomundo.html>>. Acesso em: 01 de setembro de 2021

O PREÇO DE UMA COPA. Evolução dos custos das copas do mundo. O preço de uma Copa, Reportagens especiais, outubro de 2018. Disponível em: <<http://oprecodeumacopa.com/oprecodeascopas.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

O PREÇO DE UMA COPA. Elefantometro, Os Estádios da Copa. O Preço de Uma Copa, [2021]. Disponível: <<http://oprecodeumacopa.com/elefantes-brancos-copa-mundo-2014.html>>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

ORIGUELA, M.A.; DA SILVA, C.L.; **Lazer e futebol: o torcedor no estádio**. Coleção Pesquisa em Educação Física, v. 14, n. 1, Várzea Paulista. 2015 p. 81-88. Disponível em: [https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/upload/artigo/1074\\_1503930293.pdf](https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/upload/artigo/1074_1503930293.pdf). Acesso em: 12 de março de 2021

PELIANO, José Carlos Valor e custo da Copa para o Brasil. In: CODEPLAN. **Brasília, a grande campeã da Copa das Copas. Goiânia-Anápolis-Brasília: eixo de**

**desenvolvimento. Geo Serviço, a nova ferramenta de dados espaciais da Codeplan** Companhia de Planejamento do Distrito Federal - Codeplan - Ano 2014 - N 7 – julho de 2014. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Bras%C3%ADlia-em-Debate-07.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2021

PENNA, Nelba Azevedo; FERREIRA, Ignez Barbosa. **Desigualdades Socioespaciais e Áreas de Vulnerabilidades nas Cidades**. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 3, 2014. p. 25-36. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1331>. Acesso em: 10 de março de 2021

PEREIRA, Mauro César. **Países mais corruptos atraem Copa do Mundo, que vira instrumento geopolítico** – Parte 1. UMDOIS Esportes, Abril de 2021. Disponível em: <<https://www.umdoisesportes.com.br/colunas-e-blogs/mauro-cezar/copa-do-mundo-instrumento-geopolitico/>> Acesso em: 04 de maio de 2021.

PEREIRA, Mauro César. **Países mais corruptos atraem Copa do Mundo, que vira instrumento geopolítico** – Parte 2. UMDOIS Esportes, Abril de 2021. Disponível em: <<https://www.umdoisesportes.com.br/colunas-e-blogs/mauro-cezar/paises-mais-corruptos-atraem-copa-do-mundo-que-vira-instrumento-geopolitico-parte-2>> .Acesso em: 04 de maio de 2021

PEREIRA, Mauro César. **Países mais corruptos atraem Copa do Mundo, que vira instrumento geopolítico** – Parte 3. UMDOIS Esportes, Abril de 2021. Disponível em: <<https://www.umdoisesportes.com.br/colunas-e-blogs/mauro-cezar/paises-mais-corruptos-atraem-copa-do-mundo-que-vira-instrumento-geopolitico-parte-3/>>, Acesso em: 04 de maio de 2021.

PILÃO, Valéria. **A Transformação Urbana Por Meio de Megaeventos e da Cultura: Quem Ganha?**. Revista Aurora, UNESP v. 9 n. 01. Marília, 2016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/6478>. Acesso em: 22 de dezembro de 2020

PINHEIRO, Valéria; et.al. **Os Impactos da Copa do Mundo da FIFA 2014 em Fortaleza**. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015 p-301

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João. **Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003

PORTO, L, P; CERON, L, F; ARAÚJO, L, E, B. **Brasil Copa Do Mundo 2014: Análise dos Impactos Ambientais, Econômicos e Sociais**. Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM, v. 8 (2013): Edição Especial - I Congresso Internacional de Direito Ambiental e Ecologia Política – UFSM, Santa Maria RS, 2013. Disponível em: [:https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8346/5028](https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8346/5028). Acesso em: 15 de março de 2021

PROFESSOR ISRAEL. QUALIFICOPA, Professor Israel. Disponível: <<http://profisrael.com.br/qualificopa/>>. Acesso em: 01 de setembro de 2021;

PRONI, Marcelo Weishaupt; SILVA, Leonardo Oliveira da. **Impactos econômicos da Copa do Mundo de 2014: projeções superestimadas**. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, n. 211, Campinas, out. 2012. Disponível em : [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/122700\\_TD211\\_Proni.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/122700_TD211_Proni.pdf). Acesso em:

20 de fevereiro de 2021.

QUEIROZ, Danilo. **Prometido para a Copa do Mundo, estádio do Cave deve ficar fora do Candangão 2019**. Distrito do Esporte, outubro de 2019. Disponível em: <<https://distritodoesporte.com/prometido-para-a-copa-do-mundo-estadio-do-cave-deve-ficar-fora-do-candangao-2019/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2021

RAMALHO, Ana Maria Filgueira. A Copa Do Mundo No Brasil: Qual legado estamos construindo? Architecton – Revista de Arquitetura e Urbanismo– VOL. 02, Nº 02, 2012 . Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife, 2012. Disponível em: <http://faculdedamas.edu.br/revistafd/index.php/arquitetura/article/view/332>. Acesso em: 21 de março de 2021

REEVELL, James. **Entenda o escândalo de corrupção na Fifa**. BBC News Brasil. maio de 2015. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150527\\_entenda\\_fifa\\_lab](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150527_entenda_fifa_lab). Acesso em: 04 de maio de 2021

REIS, R, M; TELLES, S.de C, C; DA COSTA, L, P. **Estádios da copa de 2014: Perspectivas de um Legado**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 320-618, abr./jun. 2013 Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/17712>>. Acesso em 01 de Agosto de 2021.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; JUNIOR Orlando Alves dos Santos . **Governança empreendedorista e megaeventos esportivos: reflexões em torno da experiência brasileira**. In: **Rev. O social em questão: grandes eventos e seus impactos sociais**. Ano 16, n. 29, 1-2013 . p.23 – 42. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/2artigo29.pdf>. Acesso em 22 de Fevereiro de 2021.

RIBEIRO, Rômulo José da Costa; FUJITA, Kamilla Auxiliadora Monteiro. **Copa do mundo no centro oeste do Brasil**. In :Desigualdade regional e as políticas públicas. Copa do mundo de 2014: impacto e legado. Artur Zimmerman (org.). P 64 – 95. Univ.Fed. do ABC. 2013

RIBEIRO, Rômulo, J, da C. **Copa do Mundo de 2014 em Brasília, no Centro-Oeste do Brasil** In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.245-258

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; JUNIOR, Orlando Alves dos Santos. **Governança Empreendedorista e Megaeventos Esportivos: reflexões em torno da experiência brasileira**. In.: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org.) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.41-56

RIBEIRO, Rômulo, J, da C. **Impactos da Copa do Mundo de 2014 em Manaus-AM** In.: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; CÉSAR, Luiz (org) de Queiroz Ribeiro. **Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Observatório das Metrópoles, Rio de Janeiro, 2015. p.325- 344

ROCHA, André. **Alemanha protesta contra condições de trabalho para Copa do Qatar**. Uol Esportes, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/03/25/alemanha-proteta-contr-condicoes-de-trabalho-para-copa-do-qatar.htm>. Acesso em: 28 de março de 2021

RODRIGUES, Larissa. **A um mês da Copa na Rússia, Brasil ainda busca legado de 2014**. Metrôpoles, maio de 2018. Disponível: <https://www.metropoles.com/brasil/a-um-mes-da-copa-na-russia-brasil-ainda-busca-legado-de-2014>. Acesso em: 12 de julho de 2021

RODRIGUES, Larissa. **No DF, promessas da Copa e das Olimpíadas não ficaram prontas até hoje**. Metrôpoles, fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/no-df-promessas-da-copa-e-das-olimpiadas-nao-ficaram-prontas-ate-hoje?amp>>. Acesso em: 03 de setembro de 2021

ROLNIK, Raquel. **Megaeventos: direito à moradia em cidades à venda**. In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas? 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. p. 65-69

ROMERO, Rafaela Dias. **Megaeventos Esportivos, Legados e Transporte**.: Dissertação de mestrado Programa de Pós-graduação em Engenharia de Transportes, COPPE UFRJ, Rio de Janeiro, outubro de 2011. 158p

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **BRÁSILIA, SEDE NO MEGAEVENTO DA COPA DO MUNDO 2014. A QUESTÃO DAS CENTRALIDADES CONJUNTURAIS DA CIDADE**. Nutau 2014 – Megaeventos e Sustentabilidade: Legados tecnológicos em Arquitetura, Urbanismo e Design, 2014, São Paulo. *Anais NUTAU*. São Paulo: FAU/USP, 2014

RUBIO, Katia. **O legado educativo dos megaeventos esportivos**. Motrivivência, Ano XXI, Nº 32/33, P. 71-88 Jun-Dez./2009. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/575>. Acesso em 13 de março de 2021

SALGADO, Diego. **O legado da copa do mundo de 1950, no brasil**. O preço de uma copa. [2014] Disponível em: <http://oprecodeumacopa.com/legado-copa-mundo-1950.html>. Acesso em 12 de julho de 2021.

SALGADO, Diego. WILKSON, Adriano. **Estádio de R\$ 1,5 bilhão, Mané Garrincha tem jogo com 60 pessoas e prejuízo**. Uol, São Paulo, março de 2019  
Disponível: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/03/29/estadio-de-r-15-bilhao-mane-garrincha-tem-jogo-com-60-pessoas-e-prejuizo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 14 de setembro de 2021

SANTOS, N.; CAPRANO, A. M.; LISE, R. S. **Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 191-208, out./dez. 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/15923/10851>. Acesso em: 15 de março de 2021.

SANTOS, Milton. **Geografia e Planejamento: O Uso do Território – Geopolítica**. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.2, n.2 (2011), p. 1:49

SANTOS, Mario A. **Copa do Mundo 2014: os prós e os contras de sediar o megaevento**. CEIRI Newspaper, janeiro, 2014. Disponível em: [:http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/1121](http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/1121). Acesso em: 26 de março de 2021.

SCHATZ, Patrícia Volk. **O espetáculo dos gramados: um estudo geoeconômico do futebol do sul do Brasil a partir de 1990**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em

Geografia, Florianópolis, 2020.

SENADO FEDERAL, Em discussão! Copa 2014. Todo mundo de olho no Brasil. Senado Federal, Ano 5 - Nº 20 - abril de 2014. Disponível em;<  
<https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/vaquejada>>. Acesso em 13 de junho de 2021

SEL DF. Bezerrão agora é Hospital de Campanha. Secretária de Estado de Esporte e Lazer, GDF. maio de 2021. Disponível em:< <https://www.esporte.df.gov.br/16612-2/>> Acesso em 19 de setembro de 2021

SHAMBAUGH, David, **China Goes Global: The Partial Power**. Oxford University Press, Oxford Reino Unido, 2013.

SILVA, Alexsandro Ferreira Cardoso da. **Coalizões urbanas no país do Futebol: relações entre o megaevento Copa do Mundo 2014 e o mercado imobiliário**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. 2014. Disponível em:  
<<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513951682002>>, Acesso em 22 de março de 2021

SILVA, G. C; PORTELLA, A; PEREIRA, G. **O Legado de Megaeventos Esportivos e a Contextualização das Remoções**. Revista Projetar, Projeto e Percepção do Ambiente v.1, n.2, agosto de 2016

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **Megaeventos Esportivos e o Urbano: A Copa Do Mundo De 2014 e Seus Impactos nas Cidades Brasileiras**. Revista FSA v. 10, n. 4, art. 11, Teresina, Out./Dez. 2013, p. 195-214, Disponível em :  
<<http://dx.doi.org/10.12819/2013.10.4.11>>, Acesso em: 22 de março de 2021.

SOUZA, Pedro Henrique Soares de. **A Renovação da Paisagem Urbana de Brasília com o Advento da Copa do Mundo de 2014**. Monografia (Bacharelado em Geografia), Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

SOUZA, Daniel Nogueira de. **Uma Análise dos Efeitos da Gestão Privada nos Investimentos e Satisfação dos Passageiros, Com Foco no Aeroporto Internacional de Brasília**. REGEN- Revista de Gestão, Economia e Negócios. Vol. I, No. II, p. 149-161, 2020. Disponível em: <https://portal.idp.emnuvens.com.br/regen/article/view/5166>. Acesso em 03 de setembro de 2021

SR GOOOL. Gama dobra sua média e Candangão quase duplica o público pagante em 2019. Sr Gool, abril de 2019, Disponível:<https://www.srgool.com.br/Noticia/Gama-dobra-sua-media-e-Candangao-quase-duplica-o-publico-pagante-em-2019>. Acesso em 14 de Setembro de 2021,

STACCIARINI, Isa. **39% das obras prometidas para a Copa de 2014 no DF não foram concluídas**. Correio Braziliense, janeiro de 2018. Disponível em:  
[https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/01/26/interna\\_cidadesdf,655819/qual-o-legado-da-copa-do-mundo-para-brasil.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/01/26/interna_cidadesdf,655819/qual-o-legado-da-copa-do-mundo-para-brasil.shtml). Acesso em: 13 de Julho de 2021,

TAVARES, Eduardo. **12 projetos de estádios da Copa 2014**. Exame, novembro de 2011. Disponível em: <https://exame.com/brasil/conheca-os-12-projetos-de-estadios-da-copa-2014/>. Acesso em: 05 de junho de 2021

TERRA. Ana Paula Macedo. **Ressignificando os Jogos Olímpicos de 1984**. Lei em Campo, agosto de 2020. Disponível em: < <https://leiemcampo.com.br/ressignificando-os->

[jogos-olimpicos-de-1984/](#)>. Acesso em: 13 de Abril de 2021

TIRADENTES, L. Geografia dos Esportes: apontamentos para o ensino médio. REVISTA PONTO DE VISTA, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 20-36, 2020. DOI: 10.47328/rpv.v9i02.10435. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/10435>. Acesso em: 26 de março 2021.

TOLEDO, Marcelo. **Pós-Copa, hotéis demitem, fecham e viram até clínica.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 3 jul. 2016. Mercado, p. A23. Disponível em: <<http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/2175>>. Acesso em: 24 de março de 2021

TOLEDO, Rodrigo Alberto. **Concepções progressistas e culturalistas do espaço social: a dimensão dos projetos e dos planos para as cidades brasileiras da primeira metade do século XX.** REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, v. 10, n. 2, p. 03-22, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/download/11983/7942/35349>. Acesso em 30 de março de 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da experiência,** (Tradução de Livia Oliveira) Londrina: Eduel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente,** (Tradução de Livia Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

VAINER, Carlos. **Como serão nossas cidades após a Copa e as Olimpíadas?** In: JENNINGS, Andrew; ROLNIK, Raquel; LASSANCE, Antonio (et al.). Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas? 1. ed. Boitempo/Carta Maior. São Paulo, 2014. p.71-77

VASCONCELOS, Daniel Bruno. A copa do mundo de 2014 na cidade de São Paulo: as transformações na estrutura urbana de Itaquera. FFLCH/USP, São Paulo. 2019.

VASCONCELOS, Daniel Bruno. A Copa do mundo de 2014 na cidade de São Paulo: As Transformações na Estrutura Urbana de Itaquera. São Paulo, USP, 2015. 176 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós graduação de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015

VILLAÇA, Flávio. **Uma Contribuição para a História do Planejamento Urbano no Brasil.** In: Deák & Schiffer (Orgs.). O processo de Urbanização no Brasil: Falhas e Façanhas. Edusp. São Paulo. 1999

WISEU, José et al. Avaliação do impacto económico do Euro 2004: relatório final. Universidade do Minho. Núcleo de Investigação em Políticas Económicas, Braga, Portugal. 2004.

VORAH, Anchar. **O duro cotidiano dos operários da Copa do Catar.** DW Brasil, 08 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-duro-cotidiano-dos-oper%C3%A1rios-da-copa-do-catar/a-45312126>. Acesso em: 05 de maio de 2021.

WENZEL, Gerd. **Copa do Catar: a aberração movida por ganância e sofrimento.** DW Brasil, 30 de março de 2021. Disponível em :< <https://www.dw.com/pt-br/copa-do-catar-a-aberra%C3%A7%C3%A3o-movida-por-gan%C3%A2ncia-e-sofrimento/a-57048739>>, Acesso em: 02 de Abril de 2021.

WESTIN, Ricardo. **Chance de ouro**. Em discussão! Copa 2014. Todo mundo de olho no Brasil. Senado Federal, Ano 5 - Nº 20 - abril de 2014. Disponível em;<  
<https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/vaquejada>>. Acesso em 13 de junho de 2021.

ZIMERMAN, Artur; **Copa do mundo de 2014: impactos e legado**. Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.